A Morte de Freddy Krueger!

STEVEN SPIELBERG
Na Sua Primeira Entrevista Para o Brasil

SET
CINEMA & VÍDEO

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

EDITORA AZUL
56330001 — Ed. 54 — Ano V — N.º 12 — Cr$3.700,00

A Família Addams

O Charme Cruel de Mortícia, Gomez e Cia. Chega às Telas

VÍDEO
FANTASIA, a Obra-Prima de Disney, e Mais 60 Lançamentos do Mês

OS FILMES DE FIM DE ANO NOS EUA

AIWA,
a Líder Mundial
em Áudio Digital, Lança
Agora o Vídeo Superdigital!

AIWA — A D

Com a mais avançada tecnol

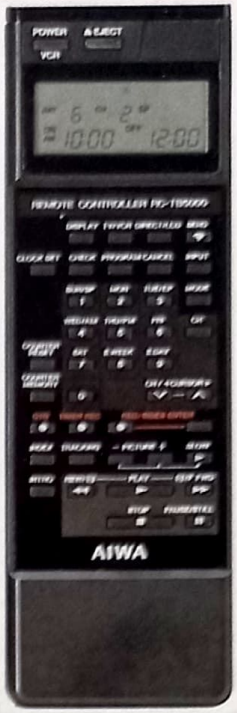
Digital Audio & Video

AIWA®

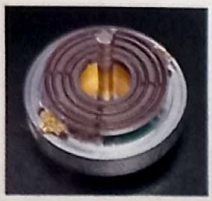
Central de Atendimento ao Consumidor
Fone: (011) 815-9144
Rede Nacional de Assistência Técnica

iferença Digital

ogia em Videocassete da AIWA



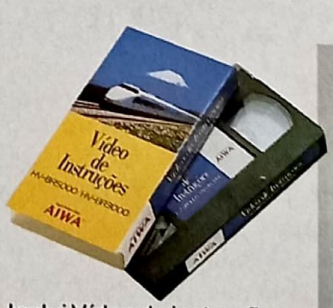
HV-BR5000 VHS M-PAL



- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/ NTSC
- Posição de Cinema
- Controle remoto com mostrador de cristal líquido e som "bip" de resposta
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática de voltagem (De 90V a 260V)

HV-BR3000 VHS M-PAL

- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/NTSC
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática de voltagem (De 90V a 260V)



Inclui Vídeo de instruções

Embalagem completa fácil de carregar

Sygma

Trio parada dura, no sentido horário: Faye, Emily e Jennifer

TRINCA DE DAMAS

MARIDOS À SOLTA

Ela começou aos 16 anos em *Gostaria que Você Estivesse Aqui* (1987), o que a tornou uma garota bem saidinha. Em *Scorchers*, **Emily Lloyd** é uma graciosa noiva da Louisiana e, como tal, passa o filme todo se recusando a viver sua noite de núpcias. Para completar a comédia, **Jennifer Tiller** vai à luta em busca do marido que fugiu com uma prostituta, ninguém menos do que **Faye Dunaway**. Pelo que se pode notar, o trio é parada dura.

Tom Cruise e Jack Nicholson começaram a filmar em outubro o drama *A Few Good Men*, de Rob Reiner. Dizem as más línguas que o cachê do sorridente Cruise será de 12,5 milhões de dólares e o de Nicholson, 5 milhões, por duas semanas de trabalho.

Eddie Murphy continua namorando firme com a Paramount e assinou contrato para quatro novos filmes, que inclui a terceira parte de *Um Tira da Pesada*.

Sygma

Liza deixa sua marca na Calçada da

CALÇADA DA FAMA

A ESTRELA NO CHÃO

Quando **Liza Minnelli** estreou o musical *Cabaret*, em 1972, a revista *Time* deu, ao lado de sua foto de capa, o título "A Star Is Born". A estrela nasceu, sim, mas nunca conseguiu repetir o sucesso daquele filme. Para conservar seu lugar no firmamento, a Calçada da Fama de Hollywood lhe deu um lugar no chão. Qualquer um que passar por lá poderá ver seu nome dentro da estrela dourada.

Stills

Chamberlain: viuvinhas

DOUTOR SATÃ

DONAS DE CASA, VIÚVAS, CUIDADO!

Considerado ainda o galã preferido das donas de casa, **Richard Chamberlain** revive agora o personagem perpetuado por Robert Mitchum em *O Mensageiro do Diabo* (1955). A versão para a TV transforma o cálido Dr. Kildare no satânico pastor especializado em exterminar viúvas para arrancar delas uns trocados.

Sygma

Isabelle, livre e louca como Malina

ANOS 70

A RADICAL DE VIENA

Poderia ser uma carga pesada. Nos anos 70, aos 30 anos, ela foi feminista, filósofa, poeta e romancista, uma mulher livre e um pouco louca. Mas tudo isso ainda parece que é pouco para a irrepreensível **Isabelle Huppert**. Sua personagem *Malina* tem, além do mais, marido e amante que não estão preparados para tanta liberdade e loucura. O filme foi rodado em Viena sob a direção de **Werner Schroeter**, e tem ainda no elenco Can Togay e Mathieu Carrière.

Liaison Gamma-Sigla

MINHA GAROTA

FILHA DE PEIXE?

Antes conhecida como o resultado do encontro entre Janet Leigh e Tony Curtis, a ex-vedete dos filmes de horror *Halloween I* e *II*, Jamie Lee Curtis, nunca precisou se apertar em caudas escamosas mas chegou a ser confundida com o personagem-título de *Um Peixe Chamado Wanda*, seu filme de maior sucesso. Sua próxima estréia será *My Girl*, em que interpreta uma esteticista que fará o viúvo Dan Aykroyd cair em tentação. É aí que Macaulay Culkin apronta de novo: ele é a paixão de sua vizinha de 9 anos.

Jamie Lee Curtis

REPRESÁLIA

SENHORIO DE CASTIGO

Um proprietário é obrigado pela Justiça a viver no prédio (uma espelunca!) que aluga. Esse castigo parece pequeno para **Joe Pesci,** constantemente multado por violações dos direitos dos seus inquilinos. Quando os moradores descobrem que têm o proprietário no cativeiro, eles não perdoam nada. *The Super* é uma comédia que tem Rod Daniel *(Tal Pai, Tal Filho)* na direção.

Fox

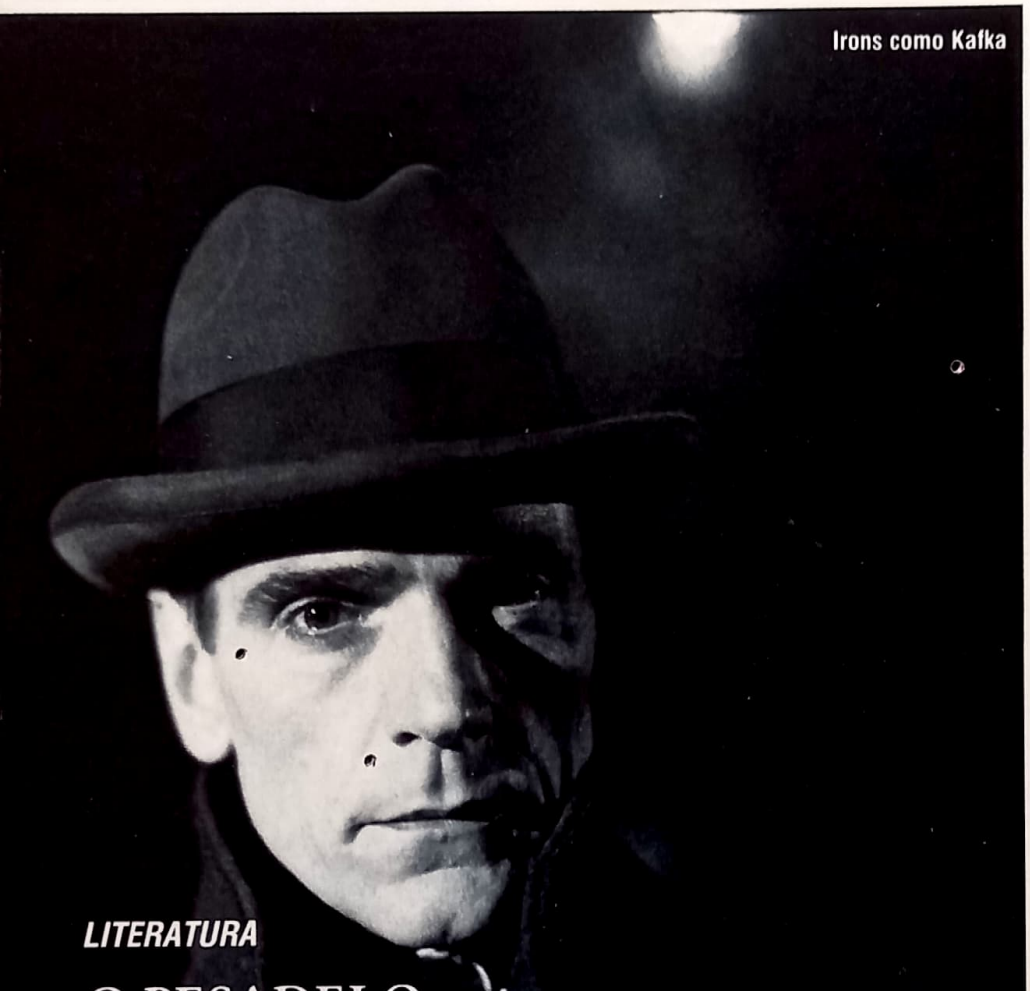
Pesci: reclusão na espelunca

CINECLUBE

GONZAGA, POSTO QUATRO

A população de Santos, São Paulo, tem na praia do Gonzaga uma nova opção de lazer, além do camarãozinho, da caipirinha de vodka, do sol de dezembro e da fila da balsa para o Guarujá. A prefeitura inaugura o Posto 4 — Cine Arte, primeiro cinema público, num antigo posto de salvamento. O negócio começou bem. Dia 8 de novembro, *Asas do Desejo,* de Wim Wenders, encheu a tela da sala e o telão instalado nos jardins da praia, especialmente montado para a inauguração. O país, rodeado por incontáveis quilômetros de praia, agradece a idéia.

Posto 4 — Cine Arte



Irons como Kafka

LITERATURA

O PESADELO EM PRETO-E-BRANCO

Steven Soderbergh, o diretor do aclamado *sexo, mentiras e videotape,* acaba de terminar as filmagens de seu *Kafka,* em Praga. Jeremy Irons, no papel-título, devolve a vida a Franz Kafka, o escritor tcheco que viveu em Praga de 1908 a 1922. O filme, todo em preto-e-branco, é inspirado no expressionismo alemão dos anos 20. E, como nos livros de Kafka, os personagens se envolvem numa atmosfera de ameaça e mistério, sufocados pela todo-poderosa burocracia. Theresa Russell, Alec Guiness e Armin Muller-Stahl estão também no elenco.

Liaison Gamma-Sigla

AINDA NA GAVETA

- **Filmes europeus de sucesso internacional, que serão refeitos em Hollywood, estão, ainda, só no projeto.**
- **Os direitos do italiano *Cinema Paradiso,* que teve uma bilheteria mundial de 45 milhões de dólares, está agora nas mãos da Warner; ainda sem diretor nem elenco.**
- **O francês *Nikita — Criada para Matar* também terá uma versão da Warner. Luc Besson, o diretor do original, foi descartado.**
- ***Ata-me!,* do espanhol Pedro Almodóvar, é mais um roteiro comprado pela Warner.**
- **O projeto *Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos,* outro Almodóvar, tem Jane Fonda na produção e está há dois anos engavetado na Tri-Star.**

PASTELÃO

SAPATILHAS NELES

Produtores de primeira, os irmãos Zucker *(Corra que a Polícia Vem Aí)* juntaram outros três patetas em mais uma comédia hilária chamada *Lame Ducks*. **John Turturro** — o melhor ator em Cannes, este ano — é um advogado falador; **Mel Smith**, um motorista de táxi e limpador de piscinas, e **Bob Nelson**, apenas bobo e pau-pra-toda-obra. Os três vão ajudar uma viúva a realizar o sonho do marido morto: fundar uma companhia de balé...

Paramount

Turturro, Smith e Nelson, três patetas no balé

Nivair Neves Gonçalo

- **Meg Ryan abandonou as filmagens de *Housesitter* devido a pequenas "diferenças", no setor da "criatividade", com o diretor Frank Oz. Ocupando a vaga de Meg: Goldie Hawn.**

MGM

Baryshnikov e Hackman: jogo internacional

ESPIONAGEM

O TOM RUSSO E O JERRY IANQUE

Saldos e retalhos da guerra fria. Em *Company Businnes*, **Gene Hackman** é um agente da CIA aposentado que tem uma suspeita amizade com um agente duplo da KGB, **Mikhail Baryshnikov**. Eles serão os alvos de um jogo internacional, uma disputa *à la* Tom e Jerry, que engloba as cidades de Berlim, Washington e Paris. O diretor Nicholas Meyer dá outra chance ao bailarino russo, que continua investindo no papel de traidor da pátria.

- **Os amantes de *Twin Peaks* certamente ficarão contentes: está sendo rodado por David Lynch um longa contando os últimos sete dias de Laura Palmer. No elenco, todos os misteriosos personagens da série de TV.**

PolyGram

Davis sopra na surdina para o ouvido de Jeanne Moreau na gravação da trilha de *Ascensor...*, em 1957

TRILHA SONORA

A HERANÇA DE MILES DAVIS

Qualquer ator estaria disposto a admitir a influência de Orson Welles pelo jeito com que "dizia suas frases". Mas um... trompetista? Só mesmo Miles Davis. Morto em 28 de setembro passado, Davis lega ao cinema (além de um complicado *affair* com a atriz existencialista — e lésbica — Juliette Greco) três ou quatro preciosas trilhas sonoras.

No auge do *cool jazz*, Louis Malle o escolheu para musicar seu thriller de estréia na ficção, *Ascensor para o Cadafalso*. Era 1957, e o jazz ao mesmo tempo rarefeito e tenso de Miles foi um achado para a gramática do novo cinema francês.

O convite para a cinebiografia de *Jack Johnson* resultou em outra maravilha — simplesmente um dos dez melhores discos de Miles. Inspirado pela história do primeiro negro a conquistar o título mundial dos pesos pesados, Miles aprimorou, em 1970, a perfeita fusão entre jazz, rock e blues, algo "com que Johnson dançaria"...

O reencontro com o cinema se deu só em 1987, musicando *Siesta — Marcas de uma Paixão* a quatro mãos, com Marcus Miller. Emulando os climas de *Sketches of Spain*, seu clássico de 1960, o disco salva o filme de estréia de Mary Lambert e ainda acabou por tornar-se um dos principais discos de Miles em sua última década de atividades.

Da mesma época é a música de *Street Smart*, de Jerry Schatzberg. Mas o filme ficou pouco tempo em cartaz, e o *score* não faz parte da discografia oficial de Miles. Algum colecionador aí tem a trilha para me emprestar?

Alex Antunes

VIDEOTECA

FILMES PARA FAZER UM PROGRAMINHA LEGAL

Jorge Cysne Azul

LUÍS FERNANDO GUIMARÃES, 41 anos, ator e apresentador do *Programa Legal*.
"Para fazer um programa bem legal, eu levaria para casa *Ghost* (CIC), o delicioso *Bagdá Café* (América Vídeo), *E.T. — O Extraterrestre* (CIC), *Ligações Perigosas* (Warner) e o inspiradíssimo *Faça a Coisa Certa* (CIC)."

RITA LEE, 43 anos, compositora e cantora.
"Eu indicaria para um programão legal toda a série dos filmes do Indiana Jones: *Os Caçadores da Arca Perdida*, *Indiana Jones e o Templo da Perdição* e *Indiana Jones e a Última Cruzada* (CIC). Ou também todos os filmes de Steve Martin, como *Roxanne* (LK-Tel/Columbia), *Um Espírito Baixou em Mim* (VTI), *Os Safados* (LK-Tel/Columbia) e *O Panaca* (CIC)."

Cristina Granato Abril

Marina Alves Lima Azul

DÉBORA BLOCH, 28 anos, atriz.
"Um programa legal começa com os filmes *Os Irmãos Cara de Pau* (CIC) e *O Último Tango em Paris* (Warner). *Faça a Coisa Certa* (CIC) faz parte também da minha lista. Estou esperando o lançamento em vídeo de *Ata-me!*, do espanhol Almodóvar."

ZOOM ZOOM ZOOM

- **A época de ouro de Hollywood parece que está ameaçada. As produções supermilionárias de 100 milhões de dólares do tipo *Exterminador do Futuro 2* estão sendo repensadas.**
- **O contrato que a Warner fez com Jack Nicholson para o primeiro *Batman* incluía um pagamento de 10 milhões de dólares caso ele reaparecesse em *Batman Returns*. A empresa, que já desembolsou em torno de 60 milhões, quer reincidir o contrato com seu Curinga.**
- ***Drácula*, de Francis Coppola, começou a ser rodado em agosto e pode levar até 40 milhões da Columbia. Poderia custar mais se o desenhista de produção Dante Ferretti tivesse criado todos os cenários góticos que imaginou. O estúdio comandou os cortes.**

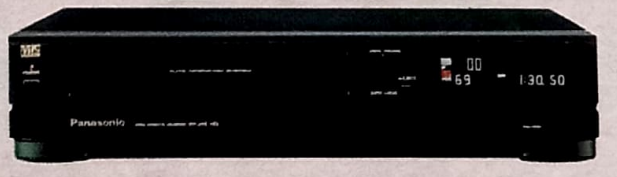
EM CARTAZ: O MUNDO!

Veja o que está chegando com o novo vídeo Panasonic:

- Reprodução de fitas em PAL-M, NTSC e PAL Europeu*
- Gravação também em NTSC, para edições com câmeras.
- Panasonic. Qualidade e prazer em vídeo.

*Reproduções em PAL Europeu são incompatíveis com alguns modelos de TV.

J48 BR



F66 BR

- Controle Remoto com Jog & Shuttle.
- Hi-Fi Stereo Sound System.

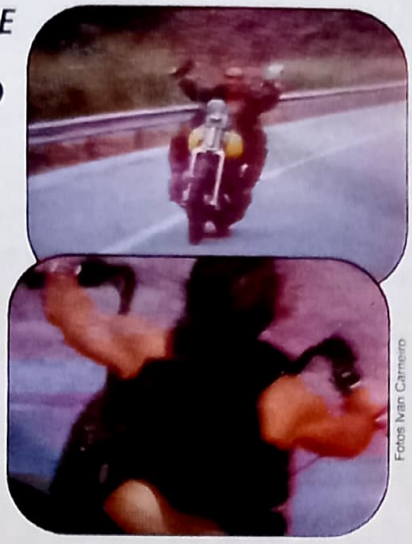
Panasonic

Patrocinador Mundial dos Jogos Olímpicos de 1992

À venda na Zona Franca de Manaus

A JAQUETA DE ROURKE

OLHO VIVO



Fotos Ivan Carneiro

Mickey Rourke ficou tão louco pela bela Carré Otis em *Orquídea Selvagem* (Paris) que, desesperado, esqueceu, numa cena, que estava de jaqueta de couro. Quem pegou essa gafe foi o leitor Sebastião Silva, de Brasília. É o seguinte: quase no final do filme, depois da festa de Carnaval na rua, Carré Otis e Jacqueline Bisset investem numa transa a três quando Mickey Rourke aparece para atrapalhar. Logo em seguida, Rourke pilota sua Harley Davison pela estrada, em direção ao hotel abandonado. Prestem bem atenção, pois ele no início da cena está de jaqueta de couro. Aí tem um corte e no take seguinte Rourke continua pilotando sua moto, só que de colete. Sebastião Silva até pergunta se foram os trombadinhas brasileiros que lhe tomaram a jaqueta!!!

"Sendo tão baixinho, ele consegue abraçar certas partes de seu corpo que ninguém normalmente conseguiria"

Kathleen Turner, sobre um dos muitos prazeres em trabalhar com Danny DeVito.

Warner

COSTURA PERIGOSA

DE MÃOS DADAS COM O CRIME

Um cidadão normal, pai de família carinhoso, psicólogo, perde um braço num acidente de automóvel e recebe o implante de outro. O membro, como era de se esperar, pertencera a um assassino. *Body Parts*, thriller de horror com cara de produção B, traz **Jeff Fahey** *(Coração de Caçador)* como o homem que não pode mais confiar no próprio braço, prenhe de sentimentos assassinos. O diretor é Eric Red, mais conhecido como o roteirista do horripilante *A Morte Pede Carona*. Dá para confiar...

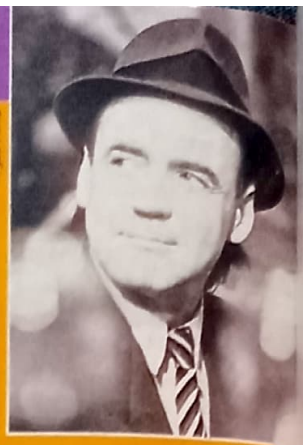
Paramount

Fahey: cadê o braço amigo?

INTERVALO

BRUNO GANZ

O ator de *Asas do Desejo*



Argos Films

Qual é a razão do sucesso de *Asas do Desejo*?

Acho que a idéia de mostrar anjos entre gente comum é fascinante. As pessoas gostam de ver anjos.

O filme te agrada totalmente?

Os primeiros dez minutos são uma obra de arte; vão ficar na história do cinema. Talvez seja o melhor que já fiz.

Quais são seus filmes favoritos?

Alguns do Pasolini, *Cidadão Kane*, muitos filmes.

Você tem algum método de interpretação?

Na verdade, não. Se tenho de fazer o papel de alguém que faz molduras, como em *O Amigo Americano*, eu passo algumas semanas aprendendo como fazer. Não chamaria isso de método.

O que muda no cinema alemão depois da queda do muro?

Acho que vai ser muito difícil para os cineastas da Alemanha Oriental, porque eles terão de procurar um novo rumo, já que tudo em que eles acreditavam não existe mais.

Com quem você mais gostou de trabalhar: Wim Wenders, Jeanne Moreau ou Werner Herzog?

É fácil dizer. Wenders. Para mim, Jeanne Moreau é uma atriz maravilhosa. Nós não fomos muito felizes no seu primeiro filme como diretora (*Lumière*, 1976).

Lorena Calabria

VÍDEO

ÔÔÔÔ... MÔNICA!

Desde outubro último, a Transvídeo passou a vender diretamente ao consumidor final as animações de Mauricio de Sousa com a Turma da Mônica. Os dois primeiros lançamentos, *As Aventuras da Turma da Mônica* e *A Turma da Mônica e a Estrela Mágica* (visando o Dia das Crianças), venderam 10 mil cópias em sete dias, o que mostra que o sistema de venda *sell through* já está se estabelecendo no Brasil. Para o Natal, a Turma da Mônica volta em duas versões: *Chico Bento Óia a Onça* e *A Princesa e o Robô*.

TRANSAMÉRICA

FM 100,1

SÃO PAULO

PROGRAMA

4 TAKES

16 FRANK CAPRA
O Melhor dos Mundos

20 VIDEOLANÇAMENTOS
Natal Com o Brasa
Roberto Carlos *Em Ritmo de Aventura*, *E o Diamante Cor-de-Rosa* e *A 300 km por Hora*

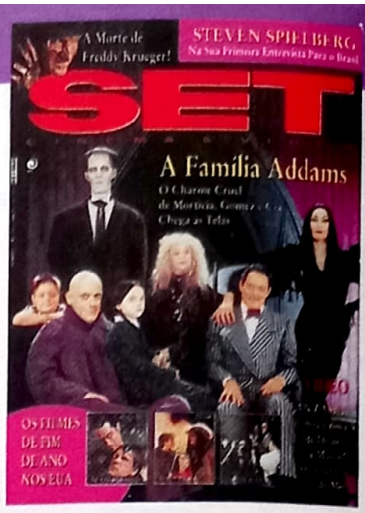
22 OUTROS LANÇAMENTOS
***Fantasia*, *O Mistério da Viúva Negra*, *Roma, Cidade Aberta* e outros**

34 AVANT-PREMIÈRE
Até o Fim do Mundo
O novo filme de Wim Wenders, que custou 23 milhões de dólares

36 ENTREVISTA
Steven Spielberg fala pela primeira vez ao Brasil sobre a Amblimation, cujos desenhos podem desbancar Disney

40 O FIM DO ANO EM HOLLYWOOD
Os grandes lançamentos nos EUA, que fecham a corrida pelo Oscar: *Hook*, de Spielberg; *J.F.K.*, de Oliver Stone; *Cape Fear*, de Martin Scorsese; *Bugsy*, de Warren Beatty; *Billy Bathgate*, com Dustin Hoffman; e dois desenhos inimigos: *Fievel*, da Amblimation, e *A Bela e a Fera*, da Disney

Na capa: *A Família Addams* (Columbia Tri-Star), *A Morte de Freddy* (Art Films), *J.F.K.* (Warner), *Hook* (Sygma), *Cape Fear* (UIP)



Columbia

Transvideo

50 NOVOS FILMES
Top Gang, Com o Dinheiro dos Outros, Butcher's Wife, Thelma e Louise e outros

54 A MORTE DE FREDDY
O Pesadelo Acabou?
Dizem que *A Morte de Freddy* é o último episódio de *A Hora do Pesadelo.* Será que agora os adolescentes podem dormir em paz?

58 VÍDEO
Natal Trash
Nem sempre Papai Noel foi um velhinho batuta.
Como o Natal não está pra peixe, vejamos como Noel saiu da linha em uma dúzia e meia de títulos

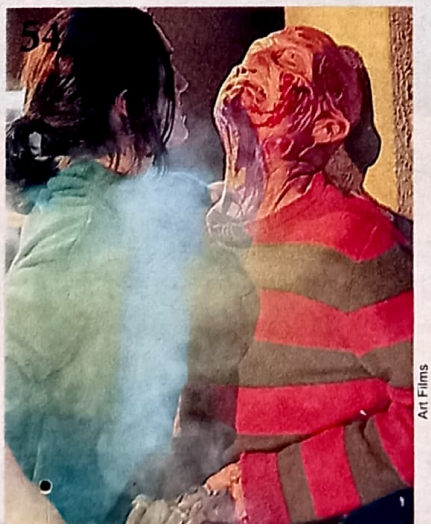
44 ENTREVISTA
Demi Moore
Mediunidade, maternidade e seu novo filme, *Butcher's Wife*

46 A FAMÍLIA ADDAMS
Mortícia, Gomez, Vovó Addams, Tio Chico, Wednesday, Tropeço, Pugsley: a excentricidade elegante e monstruosa agora no cinema

62 EQUIPAMENTOS
Vídeo — Do Prático ao Agradável!

64 CARTAS

66 NOSTALGIA



Art Films

Gamma Sigla

STANDARD

PHILIPS DISCOVERER. A EMO

Se você não tem mais cabeça para assistir a mesma e chata programação do resto da casa, vai de Discoverer. 14 polegadas só para você, controle remoto para assistir o que

PHILIPS. AS GRANDES ATRAÇÕES DA TV.

Ç Ã O M A I S A C E L E R A D A D A T V.

quiser (e no volume que eles não entendem), indicação de funções na tela e esse visual chocante. Novo Philips Discoverer. O design que combina com seu estilo de vida.

PHILIPS

PHILIPS

FRANK CAPRA

O Melhor dos Mundos

O diretor que amava as pessoas imaginou a harmonia social e injetou otimismo no cinema

Capra e Gary Cooper quando das filmagens de *O Galante Mr. Deeds* (1936)

Retna

Stanley Kubrick disse certa vez que os filmes de Frank Capra são maravilhosos, mas a vida não é como aparece neles. Embora o tom de Kubrick fosse de indireta censura a Capra, é possível ver a questão de outro modo: a vida é que está errada por não ser como nos filmes de Capra.

Pois no cinema deste imigrante siciliano, morto em 3 de setembro último, o indivíduo é fundamentalmente bom, e, se a sociedade deixá-lo criar e trabalhar em paz, todos viverão no melhor dos mundos. Baseava essa crença em seu próprio exemplo: nascido em 1897, numa aldeia da Sicília, numa família tão pobre que sete dos seus treze irmãos morreram antes de completar 1 ano de idade, chegou à Califórnia aos 6 anos e fez todo tipo de trabalho antes de se tornar um dos maiores cineastas da história. Vendeu jornais, engraxou sapatos, tocou banjo, conseguiu formar-se em Engenharia Química e trabalhar como criador de piadas para filmes do Gordo e o Magro e de Harry Langdon. E, com suas comédias românticas e melodramas idealistas, transformou sozinho um estúdio medíocre — a Columbia — numa das grandes potências de Hollywood.

Antes de se criticar o americanismo de Capra — que o levou inclusive a participar das duas guerras mundiais nas fileiras dos EUA —, é preciso que se pergunte: em que outro país seria possível semelhante trajetória? Se têm razão aqueles que dizem que o cinema de Capra servia para instilar otimismo nos corações americanos nos anos duros em que o "New Deal" de Roosevelt enfrentava a Depressão, é mais certo ainda que o cineasta não fechou os olhos aos defeitos e distorções do sistema e das instituições do país e denunciou sempre a prepotência dos poderosos, a ganância dos capitalistas, a corrupção dos políticos.

Comemorando o Oscar com Claudette Colbert e Clark Gable por *Aconteceu Naquela Noite* (1934). Ao lado, no seu habitat, o set de filmagem, com Ronald Colman à frente

A América que ele exaltou era mais a América ideal — em que todo indivíduo podia prosperar contribuindo com seu esforço e talento para o bem comum — do que a América real, crivada de contradições e injustiças. O contraste entre uma e outra é que faz a força de seu cinema e o torna cada vez mais atual, pois ele pode ser visto hoje como uma denúncia antecipada do inferno consumista e amoral em que os EUA se transformariam.

A utopia de Capra era a mais bela de todas, pois fundia a liberdade do indivíduo com a fraternidade e a harmonia social. Essa filosofia simples e terna aparece em cada plano de cada filme seu, e de modo ostensivo em *O Galante Mr. Deeds* (1936), *Do Mundo Nada se Leva* (1938), *Adorável Vagabundo* (1941) e *A Felicidade Não se Compra* (1946)*.

O confronto entre a América real e a América "que poderia ser", por seu turno, aparece com toda força e clareza em *Mr. Smith Goes to Washington* (1939), rebatizado no Brasil com o título idiota *A Mulher Faz o Homem*. Nesta obra-prima do idealismo político, um ingênuo líder de escoteiros — o Mr. Smith do título, interpretado por James Stewart — é eleito senador. Ao chegar em Washington, percebe que o que se pratica no Congresso nada tem a ver com os ideais dos fundadores do país. Inspirado nestes, Smith parte para a luta contra a corrupção como um Quixote moderno. A cruzada do indivíduo puro contra o sistema corrupto nunca esteve tão clara quanto aqui. A vitória final do Bem fala não apenas do otimismo capriano mas também sobre a possibilidade concreta de os americanos sonharem com uma democracia real às vésperas da guerra.

Nos outros grandes filmes de Capra, o conflito central parece ser mais existencial do que propriamente político. É, em suma, um confronto moral, e seu palco não é o Congresso, ou qualquer outra instituição, e sim a consciência do indivíduo. Em *Adorável Vagabundo*, por exemplo, um joão-ninguém (Gary Cooper) é transformado em herói nacional por um jornal sensacionalista que tenta usá-lo para fortalecer um político corrupto. Quando percebe que o movimento nacional de boa vontade que criou está sendo manipulado, o herói denuncia a fraude, correndo o risco de ser destruído. A jornalista (Barbara Stanwyck) que o transformou em celebridade muda do oportunismo inicial para a solidariedade e o amor ao vagabundo.

Regeneração semelhante ocorre na cena final de *Do Mundo Nada se Leva*, em que o insensível capitalista interpretado por Lionel Barrymore finalmente amolece seu coração e se entrega a um dueto de gaita com o maluco que é pai da garota pobre com quem seu filho (James Stewart) quer se casar. Para Capra, a pureza existe no fundo de cada indivíduo, mesmo das velhinhas assassinas de *Este Mundo É um Hospício* (1944), que envenenam velhos sem esperança por pura piedade.

Com filmes simples e corajosos, que nunca se importaram com o julgamento dos intelectuais e da crítica, Capra conquistou uma penca de Oscar (só de direção foram três) e comoveu milhões de espectadores em todo o mundo. Seu segredo, de acordo com seu ator favorito, James Stewart, era um só: "Ele tem um amor inacreditável pelas pessoas; por aquelas que trabalham nos seus filmes e por aquelas que os assistem". O humanismo radical de Capra, que é sua contribuição inapagável ao cinema, consiste muito simplesmente nisso: em amar todos os seres humanos.

José Geraldo Couto

SET

* *Disponível em vídeo*

A OBRA-PRIMA DE

WALT DISNEY

FANTASIA

A Abril Vídeo está lançando o mais famoso e celebrado filme de Walt Disney, agora em vídeo, para você e sua família guardarem para sempre. Fantasia! Uma das mais sublimes combinações entre grandes obras da música e a revolucionária técnica de animação criada pelo talento extraordinário de Walt Disney.

EM VÍDEO PELA PRIMEIRA E ÚLTIMA VEZ.

Fantasia em vídeo, pela primeira e última vez na história.
E você tem muito pouco tempo para comprar. Por normas contratuais,
a versão integral de Fantasia será vendida às lojas por apenas 50 dias.
Depois disso, Fantasia nunca mais voltará a ser vendido.
Não perca esta oportunidade única de ter Fantasia para sempre.

Em duas versões: especial e histórica.

© The Walt Disney Company

VERSÃO ESPECIAL:
• Fita de vídeo com o filme completo, mostrando toda a beleza dos sons e imagens originais, totalmente remasterizado.

EDIÇÃO HISTÓRICA-TIRAGEM LIMITADA
Luxuosa embalagem contendo:

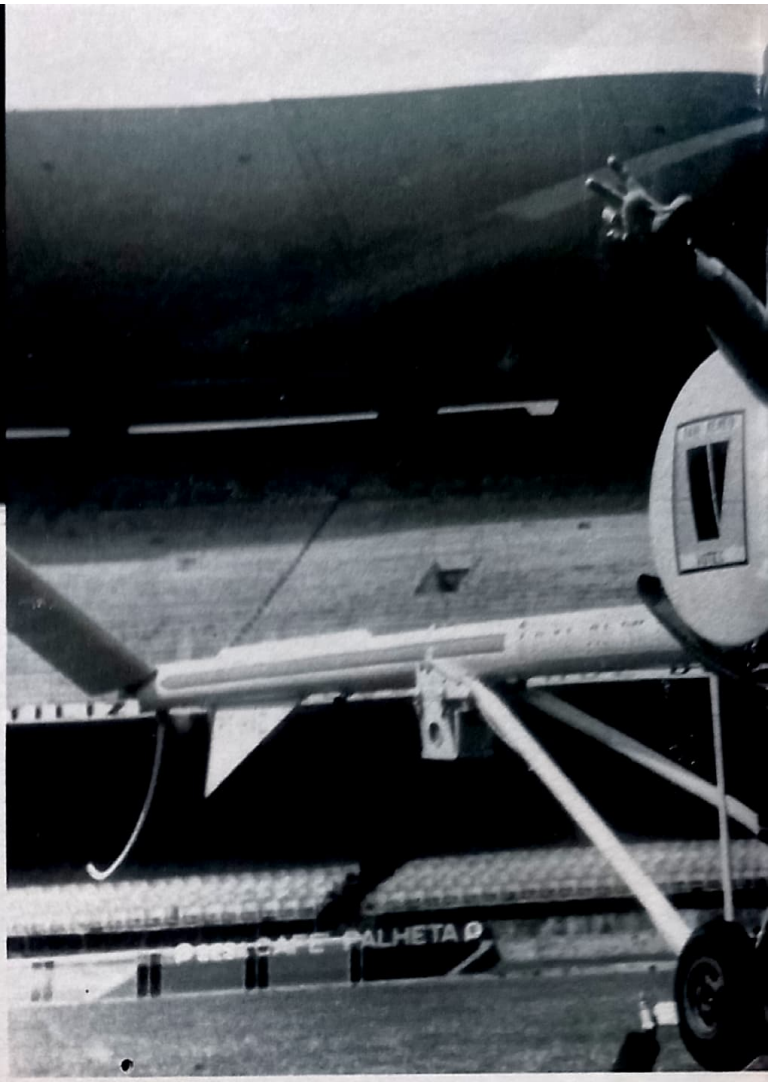
• Fita com o filme completo • Fita com a História do Filme (como foi feita esta obra, passo a passo) • Trilha sonora original completa, em dois compact discs • Certificado de autenticidade da obra • Linda litografia importada • Encarte ricamente ilustrado

À venda em hipermercados, locadoras, magazines, lojas de brinquedos, de discos e de cine-foto-som.

Walt Disney HOME VIDEO

abril vídeo

Natal com o Brasa



Os três musicais de Roberto Carlos são o fino da Jovem Guarda

Quem não se lembra do desafio cortante do "rei Roberto", já ostentando o seu inseparável medalhão no pescoço, quando cantava "eu sou terrível, é bom parar", há mais de vinte anos atrás? Ou o açucarado lamento da "ternurinha" Wanderlea com "agora você vem dizendo, adeus"? E o amigo "tremendão" Erasmo Carlos, liderando as notas das músicas que marcaram a Jovem Guarda, no final dos anos 60 e início dos 70?

Agora os fãs do rei e os saudosistas "daqueles tempos" podem matar a saudade: *Roberto Carlos em Ritmo de Aventura* (1968), *Roberto Carlos e o Diamante Cor-de-Rosa* (1969) e *Roberto Carlos a 300 Quilômetros por Hora* (1971) estão sendo relançados este mês, com venda direta ao consumidor. E é o diretor Roberto Farias, que além destes filmes dirigiu também *Assalto ao Trem Pagador* (1962) e *Pra Frente, Brasil* (1981), o primeiro a falar em nostalgia. "Eu vejo meus filmes hoje com muito prazer, porque eles fixaram um momento bonito não só da minha vida como da música brasileira, além de me darem a chance de fazer o musical daquela época, eu que começei fazendo assistência de direção para o Watson Macedo nas chanchadas da Atlântida."

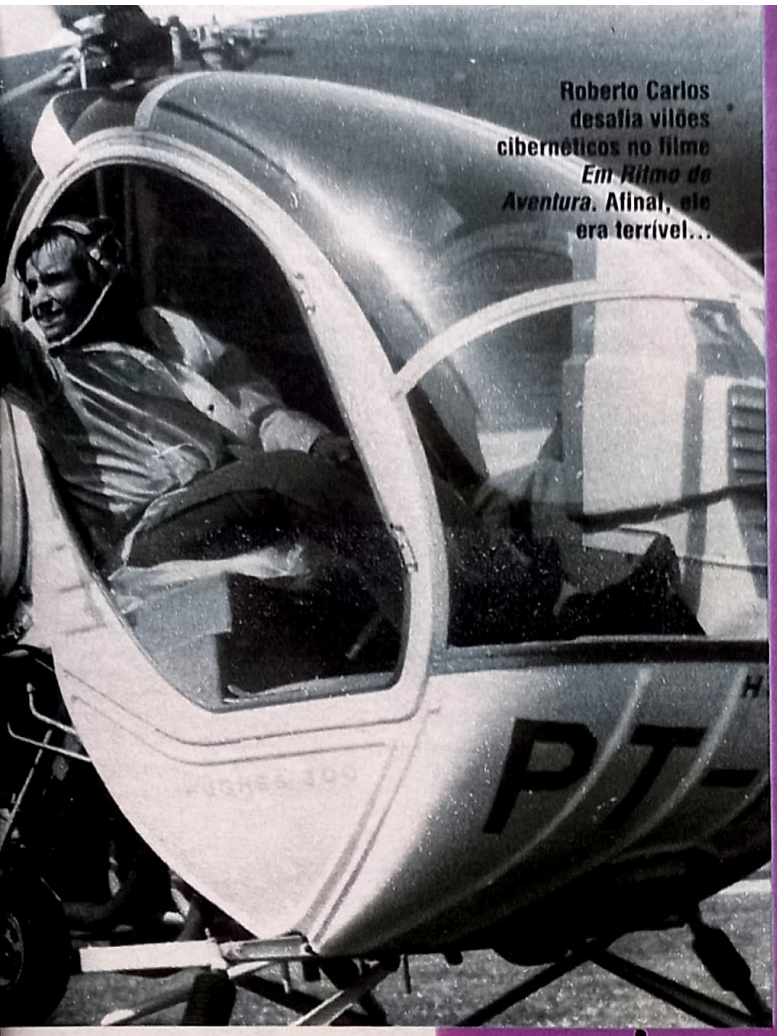
As aventuras do herói Lalo (Roberto Carlos), o mecânico que rouba o carango de corrida do patrão (Raul Cortez) para participar de um campeonato internacional e de quebra conquistar sua namorada em *300 Quilômetros* ou as trapalhadas dos vilões cibernéticos no belo cenário carioca de *Em Ritmo de Aventura*, continuam prendendo o espectador pelo ouvido e pela emoção. Embaladas pelas composições da Jovem Guarda, em sua maioria de autoria da dupla Roberto e Erasmo Carlos, as histórias dos filmes se mantêm íntegras, mesmo depois de tantos avanços cinematográficos, musicais e morais.

A explicação para isso é simples, garante Roberto Farias. "Eu sempre fui um diretor preocupado em agradar o público, oferecendo boas histórias com tratamento original, mesmo atento ao mercado. Eu gosto tanto dos filmes como do público, e minha filmografia é muito variada exatamente por isso: eu faço o que eu gosto, e se eu gosto, o público também vai gostar. Foi nesse clima que nós fizemos os filmes, e sobretudo nós — eu, a equipe técnica, o Roberto, o Erasmo, a Wandeca — nos divertíamos muito."

"A prova disso é que as filmagens de *Em Ritmo de Aventura* correram o risco de serem canceladas pelo criador do projeto, o diretor Jean Manzon. Ele tinha fechado contrato com o Roberto e me convidou para dirigir, porque sempre foi uma pessoa preocupada com o apuro formal de suas produções. Quando eu disse que, para manter o nível que eu gostaria de ter, o custo total seria superior em cinco vezes ao custo de uma produção média do cinema brasileiro, ele declinou", conta Farias. Mas ele acabou vendendo os direitos para a produtora da família Farias, que fez os filmes.

Foi uma das primeiras vezes em que o merchandising foi utilizado em filmes brasileiros, com patrocínio de muitas empresas. "Além disso, o Roberto tinha participação nos lucros de bilheteria, o que também era incomum no Brasil. Nós fomos contra todos que duvidavam do sucesso do Roberto, investimos para fazer mais do que um filme de cantor-astro, e eu tenho certeza de que nós só ganhamos com isso, e o público também", afirma Farias.

E se você ficou com água na boca, escuta mais essa: o contrato firmado entre Roberto Carlos e a produtora de Farias previa



Roberto Carlos desafia vilões cibernéticos no filme *Em Ritmo de Aventura*. Afinal, ele era terrível...

SMV

mais um filme, que ficou em aberto. Eles continuam em tratativas para escolher um roteiro que agrade aos dois, depois de mais de vinte anos longe das telas em parceria. Mas ele vai ser feito, garante o diretor. Por enquanto, reveja a trilogia. Mas, cuidado: como Roberto sempre aparece com aquele especial de Natal chatíssimo na TV, você corre o risco de uma overdose do Brasa. Mora?

Fátima Gigliotti

ROBERTO CARLOS EM RITMO DE AVENTURA
(Brasil, 1968) Direção: Roberto Farias. Com Roberto Carlos, José Lewgoy, Reginaldo Faria, Wanderlea. Sony Music Video.

ROBERTO CARLOS E O DIAMANTE COR-DE-ROSA
(Brasil, 1969) Direção: Roberto Farias. Com Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Wanderlea. Sony Music Video.

ROBERTO CARLOS A 300 QUILÔMETROS POR HORA
(Brasil, 1971) Direção: Roberto Farias. Com Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Raul Cortez. Sony Music Video.

CANTE COM O REI

Os sucessos musicais que decolam os filmes

Canções	Intérpretes
Roberto Carlos e o Diamante Cor-de-Rosa	
"O Diamante Cor-de-Rosa"	Roberto Carlos
"Você Vai Ser Meu Escândalo"	Wanderlea
"120, 150, 200 km/h"	Roberto Carlos
"As Curvas da Estrada de Santos"	Roberto Carlos
"Vou Ficar Nu para Chamar Tua Atenção"	Erasmo Carlos
"Aquarela do Brasil"	Erasmo Carlos
"Tuareg"	Gal Costa
"Custe o que Custar"	Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderlea
Roberto Carlos a 300 km por Hora	
"Meu Amigo Volte Logo"	Roberto Carlos
"De Tanto Amor"	Roberto Carlos
"Todos Estão Surdos"	Erasmo Carlos
"Masculino e Feminino"	Erasmo Carlos

Roberto Carlos em Ritmo de Aventura

Canções interpretadas apenas por Roberto Carlos

"Eu Sou Terrível"
"Por isso Corro Demais"
"Eu Te Darei o Céu"
"Negro Gato"
"Nossa Canção"
"Garota Papo Firme"
"Quando"
"Você Não Serve pra Mim"
"Namoradinha de um Amigo Meu"
"Canzone Per Te"
"É Tempo de Amar"
"De que Vale Tudo Isso"
"Quero que Tudo Vá pro Inferno"

AS GÍRIAS DA ÉPOCA

Caranga	Carro
Decolar	Agitar com entusiasmo
Mora!?	Entende?!
Certíssimo!!	
Teobaldo	Guaraná
Ser ou estar o fino	Padrão de excelência
Barra limpa	Tudo bem
Boko moko	Cafona
Broto	Garota
Papo firme	Algo bom
Cabeludo	Protótipo do rapaz moderno
Em disparada	Agitação
Maninha	Garota
Não dar pé	Não vingar
Brasa	Algo sensacional

MERCHANDISING

Marcas e produtos que fizeram a cabeça da Jovem Guarda

Polydor / Galaxy 500 / Fusca 1300 / Puli Sport / CBS / Automóvel Rabo-de-Peixe / DKV Vemag / Dodge Charge / Chrysler / Santista / Pervinc / Guaraná Antarctica / Gurgel / Honda / Othon Palace / Cruzeiro / Sandalus / STP / Super Shell / Jornal do Brasil / Televisores Semp / Banco Mercantil de São Paulo / Copa Brasil de Automobilismo

INFANTIL

TEX E O SENHOR DO ABISMO ★★
(Tex e il Signore degli Abissi, Itália, 1985) Direção: Duccio Tessari. Com Giuliano Gemma, William Berger. F.J. Lucas.
Faroeste fantástico, com Tex e seus companheiros recorrendo a cientista/bruxo para saber como combater uma arma que mumifica as vítimas.

AMEAÇA DO ESPAÇO ★★★
(The Borrowers, EUA, 1973) Direção: Walter C. Miller. Com Eddie Albert, Barnard Hughes, Beatrice Straight. Warner.
Deliciosa telefábula sobre garoto que se sente só em sua nova casa até descobrir que, debaixo do assoalho, vive uma família de seres pequeninos.

OS JETSONS — O FILME ★★
(The Jetsons — The Movie, EUA, 1990) Direção: William Hanna e Joseph Barbera. CIC.
Longa-metragem que traz uma versão melosa, simplificada e ecológica da primeira família terráquea a viver numa era espacial. Animação de sucesso nos anos 60, que tem a versão original também lançada em vídeo.

DAPHNE E A BALEIA ★★★
(Tadpole & the Whale, Canadá, 1988) Direção: Jean-Claude Lord. Poletel.
Mistura de filme e desenho que está sendo lançada em versões dublada e legendada. Bastante premiada no mundo inteiro, é a epopéia ecológica de garota que tem um golfinho como melhor amigo e descobre que pode se comunicar com as baleias.

DUCKTALES O FILME — O TESOURO DA LÂMPADA PERDIDA ★★★
(Ducktales: The Movie, Treasure of the Lost Lamp, EUA, 1990) Direção: Bob Hathcock. Abril Vídeo.
A série de animação deu certo na TV e se defende bem na tela grande. Diverte fácil com mais uma atrapalhada busca de um tesouro por parte do Tio Patinhas e seus sobrinhos.

EM BUSCA DE UM SONHO PERDIDO ★★
(In Search of a Golden Sky, EUA, 1982) Direção: Jefferson Richard. Com Charles Napier, Clifford Osmond. VTI.
Aventura bem americana com três órfãos que moram com um velho tio nas montanhas e descobrem a natureza.

CHARRITO — UM HERÓI MEXICANO ★★
(Charrito, México, 1983) Direção: Roberto Gomez Bolaños. Com Bolaños, Florinda Meza. Carat.
Bolaños, que interpreta o Chaves e seu humor ingênuo no SBT, faz as vezes de um atrapalhado figurante na filmagem de um faroeste.

COMÉDIA

NINGUÉM SEGURA ESSA GAROTA ★★
(Three for the Road, EUA, 1987) Direção: Bill L. Norton. Com

ANIMAÇÃO

FANTASIA ★★★★

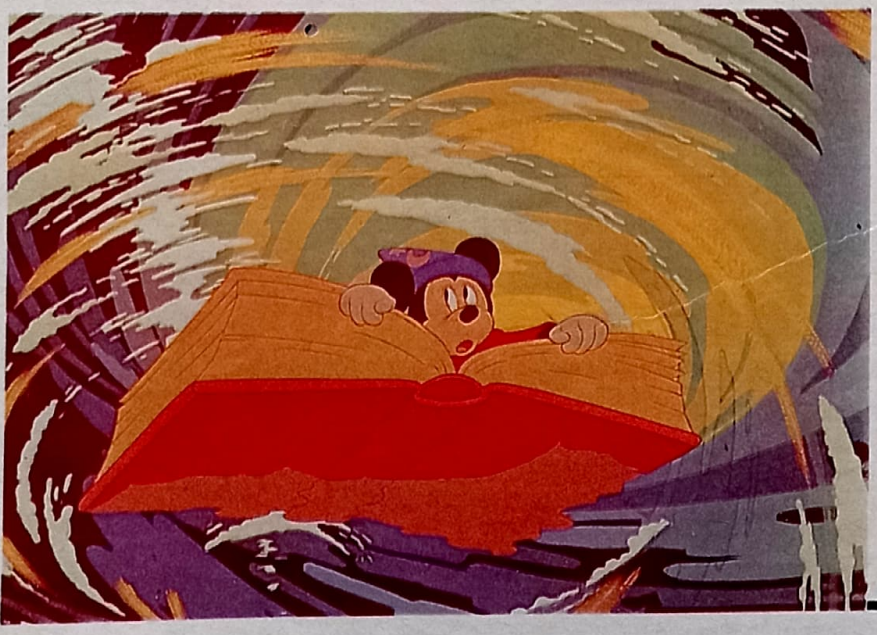
(Fantasy, EUA, 1940)
Desenho animado de Walt Disney. Regência musical do maestro Leopold Stokowsky. Abril Vídeo.

O rebento mais endeusado e clássico do papai Walt Disney (relançado recentemente) brotou de um desenho de curta duração — *O Aprendiz de Feiticeiro* (musicado por Paul Dukas) — que Disney (ao invés de exibi-lo sozinho) decidiu integrá-lo num longa ao lado de interpretações "livres" que faria de peças como *A Sagração da Primavera*, de Stravinsky; *Noite no Monte Calvo*, de Mussorgsky; a suíte *Quebra Nozes*, de Tchaikovsky; e a sinfonia *Pastoral*, de Beethoven, entre outras. Fadinhas e cupidinhos mimosos, mitos gregos e hipopótamos bailarinos desfilam, ilustrando os sons da exuberante batuta de Stokowsky.

Sem ser superada pelos efeitos computadorizados, a viagem sinfônica de Disney não envelhece

Com mais de 50 anos, a animação (superproduzida por uma equipe de mais de mil pessoas) foi considerada por seu criador o "clímax" (embora o "Rei da Bicharada" tivesse produzido muito mais até falecer, em 1966), e não se pode dizer que tenha sido superada pela parafernália computadorizada de hoje. Este cult já foi tachado de tudo: moralista, totalitário, pouco infantil etc. (o italiano Bruno Bozetto satiriza o espetáculo kitsch de Disney em seu impagável *Música e Fantasia, Alegro non Troppo*, de 1976). Todos tinham sua parcela de razão, como a tem quem está se lixando para essas coisas e só quer curtir a "viagem" que o desenho é (pelo menos até a enfadonha *Ave Maria* de Schubert). E esta viagem que é *Fantasia* será vendida durante 52 dias apenas. Depois... nunca mais. (Ver matéria em Videolaser.)

Antonio Querino Neto



Fotos Warner

Charlie Sheen, Kerri Green, Sally Kellerman. Warner.
Sheen é um jovem congressista escolhido para levar a filha rebelde de senador poderoso até uma escola para adolescentes problemáticos. A viagem, porém, transforma-se numa baderna.

MILIONÁRIO NUM INSTANTE ★★
(Take Care of Business / Filofax, EUA, 1990) Direção: Arthur Hiller. Com James Belushi, Charles Grodin. Abril Vídeo.
Azarão encontra por acaso a pasta-fax de importante executivo. Munido dela, assume a sua posição e tem alguns delírios megalomaníacos.

UM CASO MUITO ESPECIAL ★★
(Not Just Another Affair, EUA, 1982) Direção: Steven Hilliard Stern. Com Victoria Principal, Gil Gerard. Jovem Pan Home Video.
Advogado brilhante e mulherengo aproxima-se de ecóloga mais preocupada em evitar uma negociata imobiliária que este defende.

FUGA FANTÁSTICA DE UMA DUPLA MALUCA ★★
(Arriva Joe e Margheritto/ Run Run Joe, Itália/França/Espanha, 1974) Direção: Giuseppe Collizi. Com Keith Carradine, Tom Skerritt, Sibyl Danning. Poletel.
Chefão da Máfia e seu guarda-costas são alvos de vários atentados de morte durante uma viagem entre a Sicília e Nice, em produção de Carlo Ponti.

UM NEGÓCIO MUITO ESPECIAL ★★
(The Women's Club, EUA, 1987) Direção: Sandra Weintraub. Com Michael Paré, Maud Adams, Eddie Velez. Paris.
Roteirista cai nas graças de uma mulher bela e madura, que logo o entrega às amigas com intenções horizontais.

A GRANDE TRAPAÇA ★★
(The Big Steal, EUA, 1990) Direção: Nadia Tass. Com Ben Mendehlson, Claudia Karvan. Paris.
A australiana Tass, atriz do pouco conhecido *Malcolm*, estréia nos EUA com essa aventura adolescente sobre jovem que troca o antigo carro da família por um Jaguar. Ao descobrir que fora enganado, bola uma divertida vingança.

SHERLOCK E EU ★★★
(Without a Clue, Inglaterra, 1988) Direção: Thom Eberhardt. Com Michael Caine, Ben Kingsley, Jeffrey Jones. VTI.
Comédia hilariante e inteligente que parodia as histórias de Sherlock Holmes. Neste filme, o verdadeiro gênio é Watson.

PARCEIROS POR ACASO ★
(Blowing Hot and Cold, Austrália, 1988) Direção: Marc Gracie. Com Peter Adams, Joe Dolce. F.J. Lucas.
Dois amigos de diferentes classes sociais trabalham juntos e passam a interferir decisivamente um na vida do outro.

40 QUILATES ★★
(Forty Carats, EUA, 1973) Direção: Milton Katselas. Com Liv Ullmann, Gene Kelly, Edward Albert. 20.20 Vision.
Farsa francesa, que fez sucesso na Broadway, adaptada para o cinema. História de uma divorciada de 40 anos sendo cortejada por jovem milionário.

CONFUSÕES CARNÍVORAS ★★
(Out Cold, EUA, 1989) Direção: Malcolm Mowbray. Com Teri Garr, John Lithgow, Randy Quaid. 20.20 Vision.
Esposa é obrigada a procurar ajuda para saber o que fazer com o cadáver de seu marido, que acabara de assassinar e que estava no freezer.

FICÇÃO

O HOMEM INVISÍVEL ★★★

(The Invisible Man, EUA, 1933) Direção: James Whale. Com Claude Rains, Gloria Stuart, William Harrigan. CIC.

Quatro anos depois de trocar a Inglaterra pela América, o diretor James Whale realizou este inspirado *O Homem Invisível*, baseado numa história de H.G. Wells — o mago da fantasia que parece realidade —, com roteiro de R.C. Sherriff.
O filme é, como *Metrópolis*, de Fritz Lang, uma prova de que a ficção científica e os efeitos especiais convincentes não são um trunfo recente do cinema. Claude Rains faz sua estréia na tela como o arrogante Jack Griffin, químico ambicioso que descobre uma fórmula para se tornar invisível, feita com monocaína, extraída de uma flor da Índia.
Para manter sua experiência em segredo, ele se esconde numa cidadezinha perto de Londres, já invisível e disfarçado com faixas e roupas pesadas. A população local, curiosa com o estranho hóspede, logo descobre qual o problema, e a cena em que Rains vai se despindo, frente ao povo — ou seja, mostrando que é invisível —, é impagável, assim como também os momentos em que camisas e cigarros aparecem vagando sozinhos. O "fantasma", ainda por cima, tem pretensões de dominar o mundo. Diversão certa para nostálgicos e também para fãs da ficção.

Cesar Garcia Lima

Em sua estréia no cinema, o homem invisível Rains prova que a nostalgia ainda é um bom divertimento

Foto: Cic

UMA AVENTURA NAS MONTANHAS ★★
(The Renewal, EUA) Direção: Jack Hively. Com Dan Haggerty, Patrick Wayne. Alvorada.
Depois da trágica morte de sua esposa, pai decide morar nas montanhas só com seu filho de nove anos. Enfrentará muitos problemas. Dublado.

VINGADORES DA LEI ★
(Crime Task Force, EUA, 1990) Direção: Myrl A. Schreibman. Com Miles O'Keeffe, Lou Ferrigno, Gary Conway. Vic.
Para livrar sua cabeça da ira de traficantes, ex-combatente recorre a dois amigos velhos de guerra.

NINJA NEGRO ★
(Knight and Warrior, EUA/China, 1989) Direção: Godfrey Ho, John Cheng. Com Richard Harrison, Stuart Smith. Opção Vídeo.
Agente federal antinarcóticos vinga a morte de sua esposa e enfrenta o líder da gangue, um *expert* em artes marciais. Dublado.

NAS GARRAS DA MÁFIA ★★
(Blood Ties, Itália, 1986) Direção: Giacomo Battiato. Com Brad Davis, Tony Lo Bianco, Vincent Spano. Paris.
Americano inocente é coagido pela Máfia a matar seu primo siciliano. A fita traz Brad Davis, recentemente falecido, ator de *Querelle*.

DRAMA

Como todos os outros filmes de Bob Rafelson, o duelo entre Debra e Theresa tem de ser visto

Abril Vídeo

O MISTÉRIO DA VIÚVA NEGRA ★★★

(Black Widow, EUA, 1987) Direção: Bob Rafelson. Com Theresa Russell, Debra Winger, Sami Frey, Nicol Williamson. Abril Vídeo.

O Mistério da Viúva Negra tem de ser visto. O que *Os Monkees Estão à Solta* (1968), *O Destino Bate à Sua Porta* (1981) e *As Montanhas da Lua* (1990) têm em comum? Nada. Tudo. Foram todos dirigidos por Rafelson. E têm todos — muito simplesmente — de serem vistos.
Explico. É fácil identificar Rafelson com o contexto libertário dos anos 60 — afinal ele é ninguém menos que o produtor de *Easy Rider*. Mas, em uma memorável entrevista à SET (ed. 35), Rafelson proclama seu individualismo radical. É o que justifica o genial projeto com os Monkees (que hoje seriam execrados como uma espécie de Milli Vanilli branco) ou seu surpreendente filme de 1990, sobre o explorador Richard Burton.
Dito isso, *O Mistério...* é um filme menor, principalmente se comparado com seu antecessor, outro thriller de tinturas sexuais: o tórrido *O Destino Bate à Sua Porta*. Mas pode ser revisto com inegável prazer.
O duelo entre a agente federal Debra Winger e a devoradora de homens Theresa Russell se aprofunda no fascínio mútuo — está para as calcinhas como o *O Duelo de Gigantes*, de Brando e Nicholson, para os cuecões. O único problema são os homens, da breve e patética aparição de Dennis Hopper (que estava caidão. Provavelmente foi pelo cachê) ao galã bundão Sami Frey. Mas veja etc.

Alex Antunes

JOBMAN — FÚRIA SILENCIOSA ★★
(Jobman, África do Sul, 1989) Direção: Darrel Roodt. Com Kevin Smith, Lynn Gaines. Paris.
Roodt provou ser competente em filmes como *Cidade de Sangue*. Preocupado com a questão racial na África do Sul, em *Jobman* ele enfoca as dificuldades de um negro mudo, que nasceu em uma grande fazenda, e tem um filho com uma mulher branca.

OPERAÇÃO KICKBOX ★★
(Best of the Beat, EUA, 1989) Direção: Bob Eric Radler. Com Eric Roberts, James Earl Jones, Sally Kirkland, Louise Fletcher. Top Tape.
Grande elenco em aventura bastante convencional. Cinco jovens devem vencer suas diferenças para poder formar uma equipe de caratê em competição internacional.

DRAMA

A WORLD APART ★★★
(Inglaterra/EUA, 1988) Direção: Chris Menges. Com Barbara Hershey, Jodhi May, Jeroen Krabbe, Tim Roth. Vic.
O diretor de fotografia Chris Menges (de *A Missão*) estréia como diretor em filme que premiou suas atrizes (Barbara/Jodhi) e levou o Prêmio do Júri em Cannes. O conturbado relacionamento de mãe comunista e filha perplexa na África do Sul de 1963 é o ponto de reflexão do cineasta.

NOUVELLE VAGUE ★
(França, 1989) Direção: Jean-Luc Godard. Com Alain Delon, Domiziana Giordano. Abril Vídeo.
O encontro e a paixão entre uma jovem e bela milionária e um homem anônimo é pretexto para Godard tecer mais um, e muito particular, desfile de conceitos. Arme-se de muita paciência, pois o blablablá não cessa.

BODA BRANCA ★★
(Noce Blanche, França, 1989) Direção: Jean-Claude Brisseau. Com Vanessa Paradis, Bruno Cremer. Abril Vídeo.
Paradis, a cantora do "Vou de Táxi" original, foi escolhida a revelação do ano como mais uma Lolita na vida de um professor.

E A LUZ SE FEZ ★★★
(Et la Lumière Fut, França, 1990) Direção: Otar Iosseliani. Com Saly Badji, Binta Cisse. Abril Vídeo.
Aldeia primitiva da África toma contato destrutivo com a civilização branca. O filme tem um olhar poético e antropológico.

ROSELYNE E OS LEÕES ★
(Roselyne et les Lions, França, 1989) Direção: Jean-Jacques Beineix. Com Isabelle Pasco, Gérard Sandoz. VTI.
Mais um filme estilizado do diretor de *Betty Blue*. Só que desta vez ele se debruça sobre o drama de jovem casal de domadores de leões que têm a incumbência de apresentar um grande e perigoso espetáculo no circo de Munique. Infelizmente os leões deixaram o diretor ileso.

O ASSALARIADO ★★
(The Hireling, Inglaterra, 1973) Direção: Alan Bridges. Com Robert Shaw, Sarah Miles.
LK-Tel/Columbia.
O relacionamento de chofer e patroa e a reação da sociedade, que lhes impinge limitações, foi bem aceito em Cannes, em 1974, e dividiu a Palma de Ouro com *O Espantalho*, de Jerry Schatzberg.

POLICIAL

VELVET — INTERNACIONAL ★★
(Velvet, EUA, 1984) Direção: Richard Lang. Com Leah Ayres, Polly Bergen, Sheree Wilson. Warner.
Piloto para telessérie na linha de *As Panteras*. Quatro lindas espiãs americanas se disfarçam como instrutoras de aeróbica.

O XEQUE MATE ★★
(The Jigsaw Man, Inglaterra, 1984) Direção: Terence Young. Com Michael Caine, Laurence Olivier, Robert Powell. VTI.
Apesar dos grandes nomes envolvidos, é uma fita de espionagem menor e confusa. Agente secreto britânico que desertara para os russos retorna ao Ocidente após uma cirurgia plástica.

NOS SUBTERRÂNEOS DO CRIME ★★
(Underground, EUA, 1989) Direção: James McCalmont. Com Doc Dougherty, Lennie Loftin. F.J. Lucas.
Jornalista investiga uma onda de mortes cometidas por marginais no metrô de Nova York.

LUCKY LUCIANO, O IMPERADOR DA MÁFIA ★★★
(Lucky Luciano, Itália, 1973) Direção: Francesco Rosi. Com Gian Maria Volontè, Rod Steiger, Vincent Gardenia. F.J. Lucas.
O fora-da-lei Luciano, em liberdade condicional, é perseguido como traficante de drogas.

COMO MATAR UM JUIZ ★★
(Perchè si Uccidi un Magistrato, Itália, 1974) Direção: Damiano Damiani. Com Franco Nero, Françoise Fabian. Sagres.
Damiano Damiani acompanha um cineasta em sua busca sobre o assassinato de um juiz que fora objeto de seu último filme.

OPERAÇÃO FRANÇA 2 ★★
(The French Connection II, EUA, 1975) Direção: John Frankenheimer. Com Gene Hackman, Fernando Rey, Jean-Pierre Castaldi. Abril Vídeo.
Popeye Doyle vai a Marselha para finalmente prender o rei das drogas que o enganara na América, no primeiro filme. Inferior ao original, mas com ótima cena de perseguição final.

O ANJO ASSASSINO ★★★
(Miami Blue, EUA, 1990) Direção: George Armitage. Com Fred Ward, Jennifer Jason Leigh, Alec Baldwin. 20/20 Vision.
Jonathan Demme é um dos produtores deste policial debochado, em que prisioneiro recém-libertado come o pão que o diabo amassou ao ser perseguido pelo policial que o prendera.

MUSICAL

DEF JAM CLASSICS — VOLS. I & II ★★★
Direção: vários. Sony Music Video.
Coletânea de raps, apresentada pelos VJs da MTV americana, Dr. Dre e Ed Lover. Os dois introduzem grandes nomes do gênero, como o Public Enemy, Beastie Boys, 3rd Bass e LL Cool J.

COMÉDIA

UMA LEITORA BEM PARTICULAR ★★★

(La Lectrice, França, 1988) Direção: Michel Deville. Com Miou-Miou, Christian Ruché, Sylvie Laporte. Abril Vídeo.

Abril Vídeo

Leitora profissional, Miou-Miou aprende mais com clientes do que com livros

Uma das excitantes surpresas de um ano generoso para o cinema francês atual, o filme de Deville (diretor de *O Libertino, Benjamin* e *Perigo no Coração*) celebra as delícias da literatura e do desejo na história de uma jovem que se dedica à profissão de leitora de livros a domicílio. Após se oferecer num anúncio, a simpática e paciente Constance (Miou-Miou, apelido de Sylvette Herry) vive ricas experiências (algumas constrangedoras) com os clientes que a contratam, em meio aos textos de Maupassant, Tolstói, Prévert e Sade.

Há desde o adolescente que (iniciante em sexo) deseja "algo mais" que leituras (como o homem solitário, separado da mulher) até a velha senhora que só pede leituras marxistas, mas cai no sono logo nas primeiras frases. O estilo de Deville (diplomado em Letras e poeta) é polido, erótico, desconcertante e refinado, sublinhando as inflexões da libido emergentes da grande literatura. A verborragia (tipicamente francesa) aqui não soa artificial, banhando-se do misto de inocência e sensualidade da bela protagonista (vivida pela quarentona Miou, dos filmes de Bertrand Blier, e para quem, aliás, o filme foi exclusivamente pensado).

Antonio Querino Neto

SUSPENSE

ALUCINAÇÕES DO PASSADO ★★★
(Jacob's Ladder, EUA 1990) Direção: Adrian Lyne. Com Tim Robbins, Elizabeth Peña, Danny Aiello. LK-Tel/Columbia.
Mais um tenso delírio do diretor de *Atração Fatal*. Veterano do Vietnã passa a viver um pesadelo quando se sente perseguido por criaturas sem face.

NOT OF THIS EARTH ★★
(EUA, 1988) Direção: Jim Wynorski. Com Traci Lords, Arthur Roberts. CIC.
A ex-estrela pornô Traci Lords protagoniza a refilmagem de *Emissário de Outro Mundo* (1957), de Roger Corman. Alienígena vem à Terra para arranjar sangue e assim salvar seu planeta moribundo.

PERSEGUIDOS POR ACASO ★★
(Penn & Teller Get Killed, EUA, 1989) Direção: Arthur Penn. Com Penn Jillette, Teller, Jon Cryer. Warner.
Estranha fita do diretor de *Bonnie and Clyde*, com dupla de comediantes muito conhecida nos EUA. Um dos humoristas quer saber se algum espectador seria capaz de matá-lo e acaba descobrindo logo.

WESTERN

NEVADA SMITH ★★★
(EUA, 1966) Direção: Henry Hathaway. Com Steve McQueen, Karl Malden, Suzanne Pleshette, Raf Vallone. CIC.
Usando o personagem principal de *Os Insaciáveis* (1964), filme de Edward Dmytryk, Hathaway conta uma boa história de vingança de homem que combate gangue de foras-da-lei.

O ÚLTIMO MATADOR ★
(The Last Killer, EUA, 1967) Direção: Joseph Warren. Com George Eastman, Anthiony Ghidra. Sagres.
Para poder vingar seu pai, homem se entrega a um pistoleiro, que lhe ensinará a matar.

TEDEUM — UM PISTOLEIRO EM APUROS ★★★
(Tedeum, Itália, 1974) Direção: Enzo G. Castellari. Com Jack Palance, Timothy Brent, Lionel Stander. Sagres.
Tedeum e sua estranha família herdam uma mina. Mesmo imaginando ser um embuste, decidem investigar e atraem muitos curiosos.

TRÊS FORAGIDOS E UM PISTOLEIRO ★★
(The Spikes Gang, EUA, 1974) Direção: Richard Fleischer. Com Lee Marvin, Ron Howard, Charlie Martin Smith. Europa.
Faroeste cômico com o futuro diretor de *Cocoon*, Ron Howard. Marvin é um pistoleiro veterano que transforma três jovens fugitivos em assaltantes de bancos.

A NOITE DA EMBOSCADA ★★★
(The Stalking Moon, EUA, 1969) Direção: Robert Mulligan. Com Gregory Peck, Eva Marie Saint, Robert Forster. Screen Life.
Oficial aposentado assume rancho no Novo México com a ajuda de branca que viveu alguns anos com os índios, chegando a ter um filho.

COMÉDIA

ELAS ME QUEREM ★★★

(Me and Him, Alemanha/EUA, 1988)
Direção: Doris Dörrie. Com Griffin Dunne, Ellen Greene, Kelly Bishop, Craif T. Nelson.
Mundial.

Os problemas de Dunne, além das mulheres, vêm de suas "partes"

As lentes de Steven Spielberg em *E.T.* tinham o ponto de vista da criança; a câmera raramente subia acima de um metro e meio. A diretora Doris Dörrie trabalhou grande parte de *Elas Me Querem* na mesma altura de Spielberg, mas sua câmera subjetiva não assumiu o "olhar infantil". A perspectiva é outra. O arquiteto Bert Uttanzi (Dunne), no dia em que completa os desesperançados 35 anos, se surpreende com uma voz que se eleva de suas "partes baixas".

Seu sexo reclama, reivindica felicidade, liberdade e amor. Age como se fosse a consciência sexual de Uttanzi; mas é, na verdade, o porta-voz da subconsciência, seu instinto de sobrevivência pedindo água. Este primeiro filme da diretora de *Homens* custou apenas 400 mil dólares e agrada mais pelo argumento besteirol do que pelo roteiro. Griffin Dunne, que já foi perseguido por um bairro inteiro em *Depois de Horas*, é agora acuado pelo próprio desejo sexual. Quando sai à rua, bêbado, e faz de "Strangers in the Night" um duo vocal com suas partes íntimas, é que se percebe até onde pode ser absurda (e divertida) a jornada de um homem solitário.

Dilson Gomes

SUICIDAL TENDENCIES — LIGHTS... CAMERA... SUICIDAL ★★★
(EUA, 1990) Direção: vários. Sony Music Video.
Documentário que registra o lançamento do LP homônimo desse grupo de skate rock, cujo som pesado funde punk, metal e rap. Inclui sucessos como "Send Me Your Money" e "War Inside My Head".

TOTO — PAST TO PRESENT 1977-1990 ★★
(EUA, 1990) Direção: vários. Sony Music Video.
A fita reúne os catorze maiores sucessos do grupo pop, como "Rosanna", "Africa" e "Stranger in Town". O ápice da banda foi no início dos anos 80. Dez anos depois, apenas relembra bons momentos do passado.

JUDAS PRIEST — PAINKILLER ★★★
(Inglaterra, 1990) Direção: vários. Sony Music Video.
O grupo inglês é um dos expoentes do heavy metal, criado no início dos 70. Nesta coletânea com 40 minutos, tem-se os maiores sucessos de seus LPs, ao vivo ou em clips, como "Love Bites" (1983) e "A Touch of Evil" (1990).

DRAMA

Na Roma arrasada pela guerra, Anna Magnani luta por dignidade na obra-prima humanista de Rossellini

ROMA, CIDADE ABERTA ★★★★

(Roma, Città Aperta, Itália, 1945) Direção: Roberto Rossellini. Com Anna Magnani, Aldo Fabrizi. VTI.

"A realidade está lá. Por que manipulá-la?" Assim o cineasta Roberto Rossellini (1906-1977) expunha a proposta do neo-realismo, movimento que tinha a ânsia nada modesta de ser uma "ética e estética da realidade". Seu *Roma, Cidade Aberta* (ao lado da *Paisà*, 1946) é um dos pilares da tendência (desenvolvida por De Sica e Lattuada, entre outros) que substituiu os estúdios pelas ruas, os efeitos pelo despojamento quase documental e o glamour dos astros pela improvisação de atores não profissionais. Mais na teoria do que na prática, já que a obra (gestada clandestinamente nos últimos anos do fascismo) apóia-se não apenas em dois figurões (Magnani e Fabrizi) mas também em muito da chamada "linguagem clássica".
Em todo caso, seu tom de indignação retratando a gente sofrida de uma resistente Itália arrasada pela guerra, assim como a composição do belo perfil humanista das forças políticas (como o intelectual de esquerda e o padre católico), faz dela uma das inegáveis obras-primas do cinema mundial. Imagens como o melancólico grupo de crianças pobres no final, enquadradas sobre a silhueta de Roma (a estrela da fita), influenciaram os cinemas nacionais do mundo inteiro, que germinaram no pós-guerra, contra o esquemão de Hollywood.

Antonio Querino Neto

TERROR

NÃO ADORMEÇA ★★★
(Don't Go to Sleep, EUA, 1982) Direção: Richard Lang. Com Dennis Weaver, Valerie Harper. Warner.
Telefilme tenso e por vezes assustador. O fantasma de uma garota, morta tragicamente, faz questão que seus parentes lhe façam companhia no Além.

ALLIGATOR EYES ★★
(EUA, 1990) Direção: John Feldman. Com Annabelle Larsen, Roger Klaber. Poletel.
Thriller de sucesso premiado no Festival Internacional de San Sebastian, em 1991. Moça cega pega carona nas estradas para se vingar de algo desconhecido.

SCISSORS ★★
(EUA, 1990) Direção: Frank DeFelitta. Com Sharon Stone, Steve Railsback. Poletel.
Jovem amaldiçoada é torturada por uma pessoa de seu passado, que a atormenta através da magia negra. Ela busca a paz de espírito em seu subconsciente.

DURO DE PRENDER ★★
(Prison, EUA, 1988) Direção: Renny Harlin. Com Lane Smith, Viggo Mortensen. Paris.
O diretor de *Duro de Matar 2* diverte os fãs do *gore* com a história do espírito de um prisioneiro eletrocutado há vinte anos que retorna para se vingar.

A ARMA DO CRIME ★
(Murder Weapon, EUA, 1989) Direção: Ellen Cabot. Com Lyle Waggoner, Linnea Quigley. F.J. Lucas.
Duas jovens amigas, belas e ricas, promovem uma reunião que acaba em pesadelo quando um de seus amigos é assassinado.

Fotos Columbia Tri-Star

COMÉDIA

ARMADILHAS DO AMOR ★★★

(Love at Large, EUA, 1990)
Direção: Alan Rudolph. Com Tom Berenger, Elizabeth Perkins, Anne Archer, Kate Capshaw, Annette O'Toole. 20/20 Vision.

Qualquer um pode cair na armadilha de um elenco sedutor

Com este filme, o diretor Rudolph abandonou o ranço cinematográfico de seu mestre Robert Altman. Assistente do diretor em filmes como *Nashville*, Rudolph se dá ao luxo de deliciar o espectador com uma comédia romântica, despretensiosa e aparentemente modesta, mas divertida em seus qüiproquós e personagens irreverentes — um detetive particular investiga um caso de traição amorosa, persegue o homem errado e é seguido de perto por outra detetive, que se apaixona por ele.

A história agradável é apenas pretexto para um filme elaborado e chique, que tem ainda um elenco feminino de arrebentar corações (destaque para uma Anne Archer, de *Atração Fatal*, realmente fatal). No elenco masculino, o cantor e compositor Neil Young tem uma ponta, sem colaborar, contudo, na irresistível trilha sonora composta por Mark Isham e Leonard Cohen. O filme, no fundo, é dessas bobagens que seduzem o espectador aos poucos, tanto pela química resultante de todo o talento humano quanto pelo clima suave, alto-astral, sensual e sofisticado, criado para divertir.

Christian Petermann

FALTAVA MELHOR DEFINIÇÃO DE CORES NA EMOÇÃO DA FESTA.

QUE FIQUE BEM GRAVADO.

PHILIPS

DOCUMENTÁRIO

HELL'S ANGELS FOREVER ★★
(EUA, 1983) Direção: Richard Chase, Kevin Keating, Leon Grant. Vídeo Arte.
Os diretores tiveram permissão dos remanescentes da gangue Hell's Angels e filmaram mais intimamente o cotidiano dessa peculiar sociedade de motoqueiros.

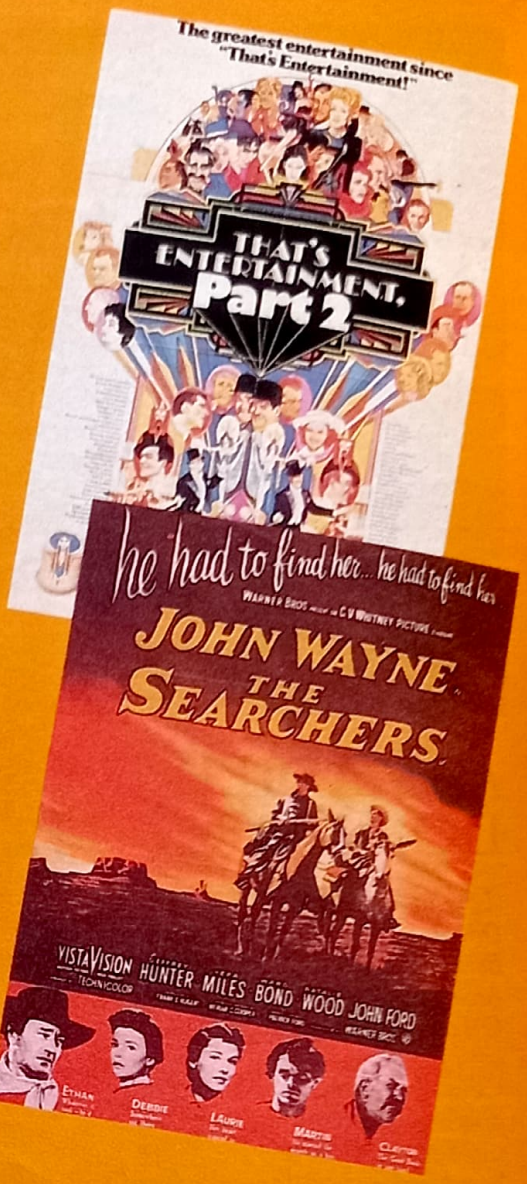
GUERRA

ESPIONAGEM INTERNACIONAL ★★
(Triple Cross, Inglaterra/França, 1967) Direção: Terence Young. Com Christopher Plummer, Yul Brynner, Romy Schneider. Carat.
Quase uma biografia do espião Eddi Chapman, que trabalhou e foi herói tanto para os alemães como para os ingleses, durante a Segunda Guerra.

CASABLANCA EXPRESS ★★
(Itália, 1989) Direção: Sergio Martino. Com Jason Connery, Francesco Quinn, Donald Pleasence. Sagres.
Nazistas planejam interceptar um trem que se dirige a Marrocos e que tem como passageiro Winston Churchill.

FICÇÃO

QUINTETO ★★
(Quintet, EUA, 1979) Direção: Robert Altman. Com Paul Newman, Bibi Anderson, Fernando Rey, Vittorio Gassman. Abril Vídeo.
Ao voltar à cidade natal com sua esposa grávida, homem encontra um lugar quase à morte e com pessoas esfomeadas, num clima pós-hecatombe nuclear.



THAT'S ENTERTAINMENT
(EUA, 1974) Direção: Jack Haley. Com Judy Garland, Fred Astaire, Frank Sinatra, Gene Kelly, Esther Williams...

THAT'S ENTERTAINMENT PART II
(EUA, 1976) Direção: Gene Kelly. Com Gene Kelly, Fred Astaire...

MAKING OF THAT'S ENTERTAINMENT
Produção: Daniel Melnick. Formato CLV, 134 min. (triplo). MGM/UA.
Em comemoração aos seus cinqüenta anos de existência, a MGM realizou esta primorosa festa visual, um pot-pourri que recorre a cerca de 100 de seus espetáculos musicais produzidos, durante os vinte e nove anos que correspondem aos seus dias de glória.

FANTASIA
(Fantasia, EUA, 1940) Produção e direção: Walt Disney. Formato CAV, 135 min. Abril Vídeo.
Neste primeiro videolaser lançado no Brasil, Walt Disney faz sua interpretação animada de alguns clássicos universais: Bach, Tchaikovsky, Stravinsky, Beethoven, Mussorgsky e outros mais. Espetacular e muito criativo, é uma das principais obras de Disney, apesar de ter sido malhado por boa parte da crítica na época, que o considerou excessivamente ambicioso. Ambicioso ele era. Jamais foi igualado.

Breathless
Nacional

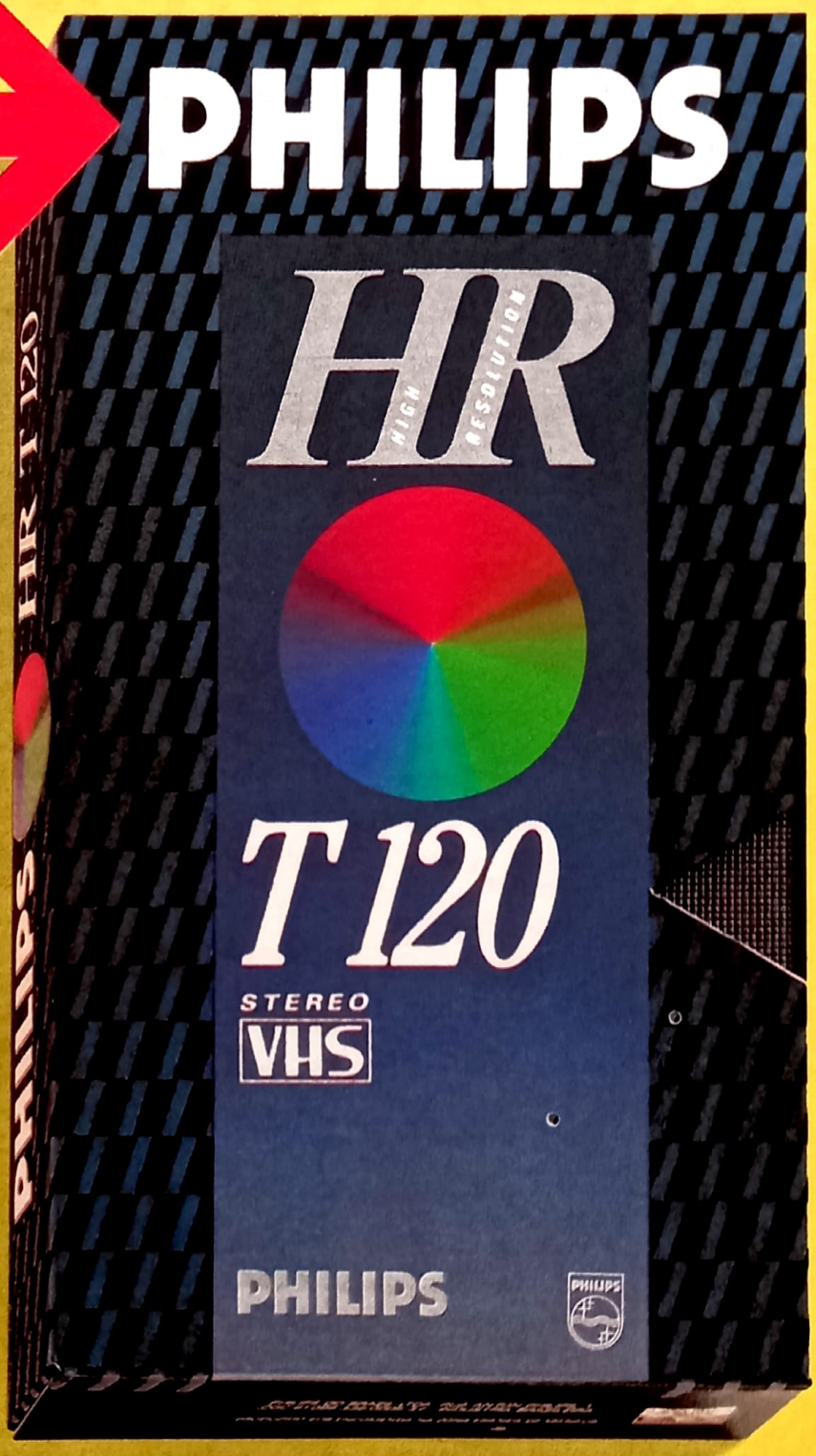
BREATHLESS
(A Força do Amor, EUA, 1983) Direção: Jim McBride. Com Richard Gere. Valérie Kaprisky. Formato CLV, 100 min. Orion.
Tímida tentativa de revisar o clássico de Godard, *Acossado* (1959), que mostra um ladrão playboy (Gere) às voltas com uma estudante de Arquitetura. *Breathless* é renegado pelos amantes da *nouvelle vague* justamente por carregar símbolos pops e americanos. Muito rock e muita ação, no entanto, garantem o espetáculo.

THE SEARCHERS
(Rastros de Ódio, EUA, 1956) Direção: John Ford. Com John Wayne, Natalie Wood. Formato CLV, 119 min. Warner.
Este western é julgado por críticos e público como a obra-prima das obras-primas de John Ford, o mais célebre diretor do gênero. Na aventura, John Wayne é um ex-confederado que procura sua sobrinha (Natalie Wood), seqüestrada há anos pelos índios.

Com exceção de *Fantasia*, todos esses títulos são importados, já que a Abril Vídeo é a pioneira no gênero no Brasil. Os outros filmes podem ser encontrados nas lojas de discos e grandes magazines.

CGC

FALTAVA ESTA MARCA NAS FITAS DE VÍDEO.



IMAGENS. CORES. OBRAS-PRIMAS DO CINEMA, SAUDADES DAS FESTAS DE ANIVERSÁRIO, DOS CASAMENTOS EM FAMÍLIA. DOCUMENTOS DE VIDA. DOCUMENTOS E VERDADES. E QUE GOOOOOL!

GRAVAR TAIS IMAGENS, SIGNIFICA ETERNIZAR A VIDA. GRAVAR E REPRODUZIR. COM QUALIDADE. ALIÁS, COM ALTA QUALIDADE E DEFINIÇÃO. MAS CÁ ENTRE NÓS, FALTAVA UMA FITA DE VÍDEO COM ESTA ESPECIFICAÇÃO. COM ALTA RESOLUÇÃO.

FALTAVA. NÃO FALTA MAIS. A PHILIPS ESTÁ LANÇANDO SUA FITA DE VÍDEO: HRT 120. PHILIPS. QUE FIQUE BEM GRAVADO.

QUE FIQUE BEM GRAVADO.

PHILIPS

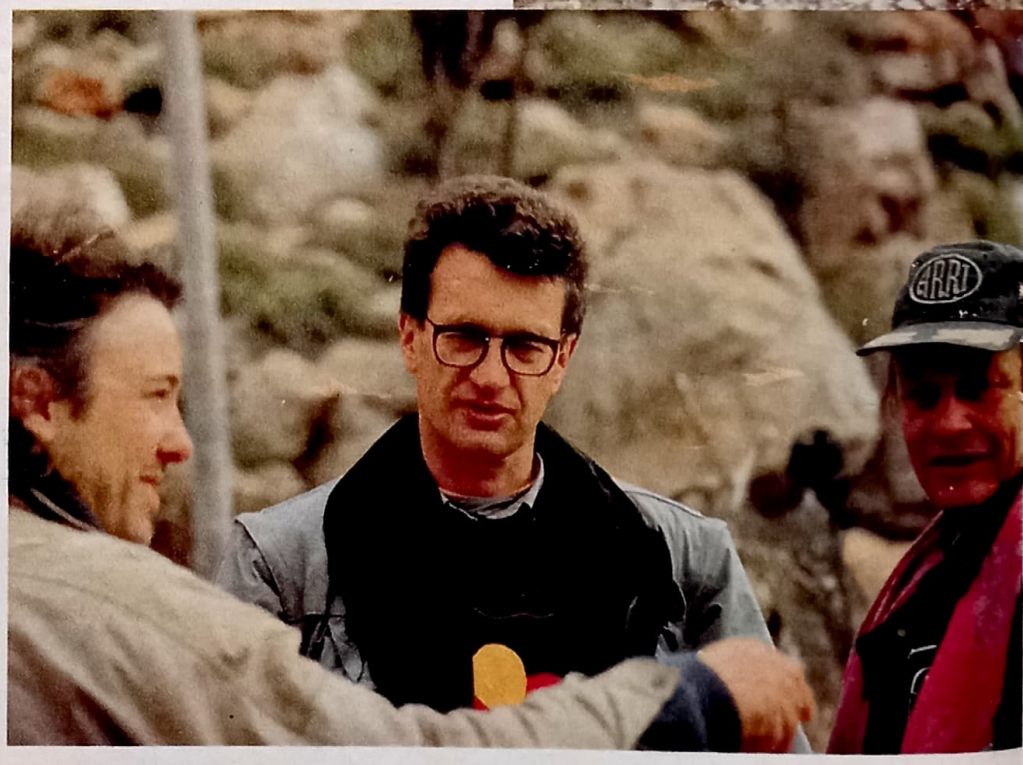
Até o Fim do Mundo

O novo filme de Wim Wenders usa alta tecnologia, foi rodado nos quatro cantos do mundo e tem de tudo do diretor um pouco

Wim Wenders

Wim Wenders concretizou um sonho de 14 anos. Fez um filme de ficção científica com cenas colhidas no desolado interior australiano. Gastou anos na elaboração do roteiro e na pré-produção, e, durante as filmagens, mais 23 milhões de dólares, 120 dias de trabalho em quatro continentes e os esforços de uma equipe de 600 pessoas. Em algum ponto ele cometeu pequenos erros de cálculo que acabaram sacrificando a fluência da narrativa e a caracterização ou aprofundamento psicológico de alguns personagens, já que a versão original, de mais de cinco horas, teve de ser reduzida para três, exibidas em duas partes nitidamente diferentes. A primeira hora e meia introduz uma série de personagens que se perseguem uns aos outros numa grande confusão noir. A segunda é pura poesia wendersiana, com a fantástica fotografia — de Robby Muller, mais uma vez — do deserto australiano, os extraordinários Jeanne Moreau e Max Von Sydow e as seqüências em HDTV ("High Definition TV") gravadas no Japão pela Sony. O resultado todo é um colosso de música, imagens e idéias, mas de forma alguma um filme homogêneo em sua concisão e sutileza.

Até o Fim do Mundo começa e termina com a Terra vista do espaço. Estamos em 1999, com um satélite fora de controle e ameaçando toda a existência humana. No planeta se instala um pequeno caos, e é num engarrafamento em algum ponto entre a Itália e a França que Claire Tourneur (Solveig Dommartin) resolve sair da estrada por uma via abandonada. Sua vida começa a mudar a partir de um acidente de carro com dois assaltantes em fuga. Ela faz um acordo para transportar o dinheiro roubado até Paris. Em Lyon, ela conhece um estranho chamado Trevor (William Hurt), que está sendo seguido por gangsters. Eles seguem viagem juntos, mas, em Paris, Trevor some com parte do dinheiro. Claire contrata o detetive Phillip Winter (Rudiger Vogler) e a caçada segue com encontros e desencontros por Berlim, Lisboa, Moscou, Tóquio e São Francisco. Claire está apaixonada por Trevor, que na verdade se chama Sam Farber e carrega consigo uma misteriosa máquina com a qual colhe imagens. Ambos finalmente se encontram, seguem juntos e são seguidos agora também pelo ex-marido de Claire, o escritor Eugene (Sam Neill), que narra a história em *off*. Quando o casal chega ao deserto australiano, em busca dos pais de Sam, começa a segunda



Wenders (centro) e seus colaboradores nos confins do Judas. Solveig Dommartin (também co-autora do projeto) e William Hurt ao deus-dará

parte do filme, em que ele muda de gênero e ritmo. Acabou o corre-corre, agora é sério, a viagem é "pra dentro". Wenders recupera a serenidade típica de seus filmes anteriores e faz uso do espaço, da beleza das imagens, para contar uma fábula cibernética. Num moderno laboratório instalado em uma primitiva colônia aborígine, a misteriosa máquina "faz ver" e explode na tela. Vê-se o que nunca se viu, e vê-se aquilo que não pode ser visto. Da repulsa à morte, da fascinação ao vício, os efeitos sobre os personagens são devastadores.

O filme mais aguardado de Wenders certamente não decepcionará seus fãs. Seus temas prediletos estão aqui: viagem, busca, paixão, as fascinações e perigos do "olhar". Mais uma vez se acumulam pequenas homenagens a outros diretores, os "anjos" de Wenders, como a Ozu, na presença de Ryu Chisu, ator preferido do cineasta japonês. Também não faltam citações ou referências a outros filmes de Wenders, seja nos temas, cidades, atores, nome de personagens — Phillip Winter, por exemplo, mesmo nome e intérprete do personagem principal de *Alice nas Cidades* —, na música, na qual Nick Cave mais uma vez canta o tema romântico, e nos motivos épicos, pois as longas e turbulentas viagens remetem à *Odisséia*, e a ambígua relação de pai/filho a *Édipo*. A novidade está no ritmo da ação, bem mais ágil, e nos padrões de produção. O futuro em *Até o Fim do Mundo* é semelhante ao de *Blade Runner*. As cidades são imundas e fervilham de tipos punk e a tradicional parafernália de videofones, telões, computadores e concepções futuristas de design, às vezes engraçadas, como no caso das motos policiais, que lembram ovos sobre rodas, e dos aviões de asas entortadas. Mas, ao contrário do que acontece em filmes produzidos em Hollywood, houve aqui um excesso no marketing indireto, no aparecimento constante de marcas como Lufthansa ou Aspirina, que, de tão forçadas, distanciam o espectador da trama e conferem à produção um ar pouco sutil e terceiro-mundista de "tivemos-que-fazer-umas-concessões-para-pagar-os-custos". Outro pequeno problema é Solveig Dommartin, boa atriz de pouco carisma e uma frieza por demais européia para fazer par com William Hurt.

Thomas Pappon, de Colônia, Alemanha

Sp
Soca Press

Steven Spielberg

Esta é a sua primeira exclusiva para o Brasil, concedida no lançamento da produtora Amblimation, que concretiza um velho sonho: ter seu próprio estúdio de animação

Steven Spielberg gosta de desenhos animados. Gosta tanto que, em 1986, resolveu fazer um só seu: *Fievel, Um Conto Americano (Fievel, An American Tail)*, a saga de um ratinho imigrante na América da virada do século, desenhada e animada por Don Bluth, e em que podiam ser vistas, sem muita dificuldade, tanto a história do êxodo judeu da Europa para os Estados Unidos quanto as lembranças familiares do próprio Spielberg — cujos antepassados mudaram-se de mala e cuia para a América, fugindo aos *pogroms* da Rússia czarista.

"Foi uma operação de resgate", diz Spielberg, os olhos azuis mal disfarçados atrás das lentes dos óculos de grau, inspecionando, de longe, a pequena multidão de convivas que degusta canapés e refrigerantes pelos jardins bem cuidados dos estúdios Amblin, seu quartel-general. É uma quente e ensolarada tarde de início de outono em Los Angeles, e Spielberg está celebrando o lançamento oficial de seu mais recente e ambicioso projeto — Amblimation, o seu estúdio/produtora dedicado exclusivamente a desenhos animados. "Resgatamos Don Bluth e o colocamos do nosso lado." Spielberg continua: "Ele era um exilado dos Estúdios Disney, que tinha, com enorme coragem e dificuldade, realizado um projeto individual, *A Ratinha Valente*, que eu havia visto e adorado. Havia nele não apenas uma enorme inteligência no roteiro mas também a recuperação de um tipo de traço que eu sempre adorara, o estilo dos cartoons da Warner dos anos 30 e 40. *Fievel*, é claro, foi um sucesso. Creio que foi o primeiro desenho animado de sucesso em muito, muito tempo".

Spielberg e o primeiro desenho da Amblimation, *An American Tail: Fievel Goes West*

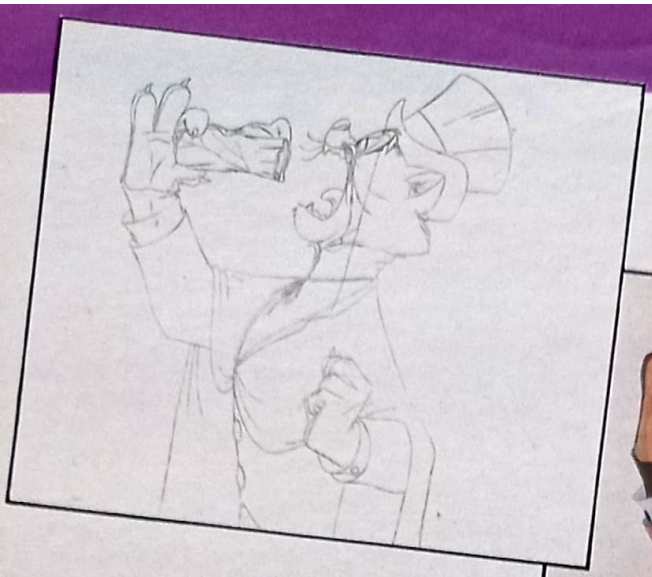
Spielberg faz uma pausa e respira fundo, como é seu hábito — quando ele desata a falar, dispara numa velocidade acima de sua capacidade de manter o fôlego. "Hoje eu acredito que foi o sucesso de *Fievel* que acordou a Disney", ele diz, no mesmo *speed*. "Foi a partir de *Fievel* que eles começaram a repensar seu trabalho em animação, e foi a partir daí que os desenhos realmente se tornaram melhores, mais modernos, mais inteligentes. A Disney era meio complacente porque não tinha competição. Bom, a partir de *Fievel*, ficou claro que ela tinha competição, sim."

Spielberg está falando sobre um estado que, se não é de guerra, pelo menos é de acirrada disputa — a primeira acirrada disputa num setor que, nas últimas décadas, parecia completamente sonolento, entregue às baratas, sem perspectivas de reciclagem, rejuvenescimento, crescimento: o do desenho animado.

Depois de um período de apogeu — o final dos anos 30 até o início dos 60, dominado de forma quase absoluta pela Disney —, o desenho animado, e, principalmente, o longa de animação, pareciam um estilo condenado à extinção. A Disney, em crise interna, não sabia se investia em novos talentos, se largava tudo e partia para o filme, ou se vivia à custa de sua vasta filmografia "clássica". Desenhistas e animadores de talento emigravam para o Canadá — onde o subsídio estatal mantém uma das frentes mais ativas e fecundas do cinema de animação — ou para a Europa (onde a publicidade alimenta e estimula a animação). Ou conformavam-se em rabiscar os cartoons de TV, toscos e apressados, que, cada vez mais, eram animados a preço de banana (e técnica idem) nas *sweatshops* da Coréia e de Taiwan. O mercado infanto-juvenil, enquanto isso, era abastecido não mais por desenhos, mas pelo cinema de ação e fantasia criado exatamente por gente como Steven Spielberg.

"É", diz Spielberg reflexivo. "Mas desenhos sempre foram minha paixão. Sempre estiveram na raiz de tudo o que eu sempre pensei sobre cinema. Acontece que, para se fazer um desenho animado, principalmente um desenho animado longo, de boa qualidade, é preciso se ter um tipo de estrutura, e um tipo de mão-de-obra ultraqualificada, que não se obtém de uma hora para outra. Durante muito tempo eu acreditei, como muita gente também acreditou, que os cartoons matinais da TV tinham matado o bom cinema de animação — e os bons desenhistas."

A inesperada aparição de Don Bluth, o "exilado" da Disney, com



O vilão de *Fievel Goes West*, Cat R. Waul, em três sketches de uma seqüência

Fotos UIP

seu *A Ratinha Valente*, mudou as expectativas de Spielberg. Nos anos seguintes, não apenas Spielberg foi-se aventurando paulatinamente pelo território de seus sonhos, a animação, mas a própria Disney, acordada de seu sono pela súbita competição, começou a retomar ativamente seu trabalho no setor, disposta não apenas a ganhar um novo público — as novas gerações de crianças — mas reconquistar um público esquecido — os pais e avós das crianças de hoje, que, como Spielberg, haviam crescido com uma dieta farta de fantasia em animação.

Em 1988, Spielberg e Disney chegaram a combater lado a lado, num projeto que, o diretor/produtor hoje admite, foi fundamental para o surgimento da Amblimation: *Uma Cilada para Roger Rabbitt*, e seus dois curtas de animação acessórios, *Tummy Trouble* e *Rollercoaster Rabbitt*. Para realizar *Roger Rabbitt* e os curtas, Spielberg e sua produtora se viram obrigados a recrutar outros "exilados" — os jovens desenhistas e animadores espalhados, literalmente, pelos quatro cantos do mundo. No final de 1988, parte desta equipe foi responsável pela primeira batalha entre as duas frentes: através da Universal, Spielberg produziu *Em Busca do Vale Encantado*, derradeiro projeto a ser dirigido por Don Bluth (logo depois Bluth defectou para a Irlanda, onde fundou seu próprio estúdio de animação). Lançado ao mesmo tempo que *Oliver e Seus Companheiros*, da Disney, o longa da Amblin foi fragorosamente derrotado. (Em 1989 foi a vez de Bluth ser derrotado pela Disney, quando seu sombrio *Todos os Cães Merecem o Céu* fracassou nas bilheterias enquanto *A Pequena Sereia* batia recordes.)

Agora, Spielberg e sua recém-criada Amblimation se vêem de novo cara a cara com a Disney. Exatamente no mesmo dia 28 de novembro, o gordo feriado de Ação de Graças que, na América, marca o início da temporada de festas de fim de ano, a Amblimation lança *An American Tail 2: Fievel Goes West*, continuação das aventuras da família Mousekovitch e seu mais ilustre membro; e a Disney coloca na praça *Beauty and the Beast*, charmosa e romântica versão da famosa história de fadas, realizada pela mesma equipe responsável pelo megassucesso que foi *A Pequena Sereia*. Para a Disney é apenas mais uma incursão num segmento que, até por razões históricas, ela domina. Para a Amblimation, sua jovem equipe internacional de quase 300 desenhistas e animadores (inclusive um brasileiro) sediada em Londres e seu presidente Steven Spielberg é a cartada que pode definir sua presença no mercado. Spielberg está preocupado? "Evidentemente, há um grau de antecipação", ele diz, depois de muito pensar. "Há um estúdio e 300 profissionais dependendo disso. Mas tenho uma enorme confiança no nosso trabalho. Não acho correto comparar este estilo de trabalho com o da Disney, a não ser no nível de dedicação aos padrões mais altos de qualidade — nossos desenhos são inteiramente feitos a mão, com apenas pequenas interferências do computador, porque acreditamos que esse ainda é o melhor sistema para se obter desenhos fluidos, realistas. Computadores são bons para desenhar coisas inanimadas, mas eu ainda acredito na relação direta entre um artista e seu desenho, principalmente em se tratando de personagens. Estilisticamente, nossos desenhos estão mais próximos dos cartoons da Warner dos anos 30 e 40, um estilo mais maluco e mais livre."

BAIXO NÍVEL — Diplomaticamente, Spielberg diz acreditar que "há lugar para todos" e que o público, há muito esgotado por desenhos de TV "que são basicamente máquinas de vender brinquedos, estratégias de merchandising e não feitos criativos", está mais do que pronto e faminto por longas de animação de boa qualidade. "E é a competição que traz a qualidade", ele acrescenta. "Veja o que aconteceu a partir de *Fievel* e *Roger Rabbitt:* as histórias ficaram melhores, os roteiros ficaram melhores, mais inteligentes. Dez anos atrás, as histórias simplesmente não eram interessantes, e ninguém se importava com elas nem, por conseguinte, com os desenhos."

Fievel Goes West, cuja idéia original foi sugerida pelo próprio Spielberg — "porque é um desdobramento clássico da saga dos imigrantes: eles chegaram na costa leste e se espalharam pelo país, para o Oeste" — é um projeto de estimação. "É um trabalho muito

"Um desenho animado é muito mais divertido e descomplicado de fazer do que um filme"

Artistas retocam dois cenários de *Fievel* nos estúdios da Amblimation

mais completo, mais rico, estilisticamente, que o primeiro", ele diz. "Os personagens têm mais sutilezas, há uma relação intensa entre eles e o ambiente à sua volta, a luz, os cenários. Há uma enorme riqueza em iluminação, profundidade de foco, movimentos de câmera." (O fato de Spielberg falar de desenhos animados exatamente como se fala de cinema não é casual. "Steven nos deu instruções precisas: ele queria cortes, enquadramentos e movimentos como os de um filme, e não como os de um desenho", diz Simon Wells, um dos diretores de *Fievel Goes West*. "Para nós, isto representou repensar toda nossa técnica.")

Além de *Fievel Goes West*, a Amblimation está repleta de projetos para 92/93: para a TV, novos pacotes da série *Tiny Toons*, um dos maiores hits da temporada 91, e o lançamento de outra série, *The Family Dog*, inspirada num dos episódios do programa *Amazing Stories*, e dirigida por outro "exilado da Disney", Tim Burton; para o cinema, os longas *We're Back* ("sobre um bando de dinossauros que se muda para Manhattan") e Cats, inspirado no musical da Broadway. ("Não tenho dúvidas de que vai ser um sucesso para adultos e crianças — todas as vezes que vi a peça o teatro estava repleto de crianças.")

Spielberg — como Walt Disney, muitas décadas atrás — acredita piamente que são as crianças, em primeiro lugar, que têm de gostar de seus desenhos. "As crianças são meu mercado prioritário e não tenho a menor dúvida a respeito", ele diz, sem hesitação. "São as crianças que vão trazer os pais para o cinema, e é com as crianças que me interessa falar. O problema é que o nível do desenho de animação tem baixado além do limite de inteligência das crianças — mas cabe a nós levantar esse nível. Se nossos desenhos forem bons, os pais vão fazer questão de entrar no cinema e assisti-los. Se não, eles vão simplesmente largar a garotada na porta do cinema. Ainda acho que é possível fazer animação para adultos — como a Disney fez com *Fantasia*, por exemplo. Me interessaria ver um segundo *Fantasia*. Ou algo como *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell, uma coisa puramente alegórica. Mas, no momento, as crianças é que são meu público."

"Foi uma surpresa para a maioria dos desenhistas conhecer Steven", confidencia Cynthia Woodburne, a diretora do estúdio Amblimation. "Eles esperavam uma figura interessada mas distante, e logo viram o quanto Steven é versado em animação, o quanto ele conhece não apenas da história do gênero mas de sua técnica. Steven não é de forma alguma uma presença alegórica na Amblimation. Ele acompanha todas as fases do processo, do roteiro e story-boards até o colorido final." Spielberg ouve o comentário e ri. "É porque um desenho animado é muito mais divertido e descomplicado de fazer que um filme", ele diz. "Eu tenho 18 milhões de dólares para gastar num desenho e, com eles, eu posso fazer tudo, eu posso criar e destruir universos, eu posso animar o que eu quiser. É isso que é demais no desenho animado! Para fazer a mesma coisa num filme eu ia precisar de 118 milhões de dólares e enfrentar tantos problemas que nem é bom pensar. O desenho animado é a última fronteira da imaginação, e é a imaginação que mais me interessa, sempre."

Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

SET

O FIM DO ANO EM HOLLYWOOD

Caça ao Oscar

Fievel da uma nova chance para a America empobrecida e vai para o Velho Oeste

Amblin

O ano de 1991 não foi lá essas coisas, mas é agora, no Natal, no adeus ao ano velho e nas férias de inverno, que a memória dos membros da Academia costuma funcionar melhor. Veja os grandes lançamentos de final de ano nos EUA

Beauty and the Beast, classicismo Disney para mexer com o reinado de Spielberg

Studio Disney

Em retrospecto, 1991 pode entrar para a história do cinema como o ano em que Hollywood levou um balde de água fria na cara. Após uma década de crescimento em velocidade acelerada, com bilheterias cada vez mais gordas estimulando gastos cada vez mais extravagantes, o verão de 91 foi como meter os dois pés no freio diante de um abismo não muito diferente do Grand Canyon: em setembro, às vésperas do feriado de Labor Day, quando, em geral, se encerra a temporada mais gorda de compra de ingressos, o cômputo final revelava uma renda 25% inferior à de 1990, representando um consumo 30% menor de tickets. Em dólares, o total das bilheterias do verão (1,67 bilhão) era o mais baixo dos últimos dez anos. Em número de ingressos, o mais baixo desde 1971.

No bom e velho frigir dos ovos, apenas quatro filmes tiveram rendas expressivas — e apenas dois podem, com absoluta certeza, e independente das chamadas "vendas ancilares" (mercado estrangeiro, TV, cabo, videocassete), fechar o caixa no azul. *O Exterminador do Futuro 2* e *Robin Hood, O Príncipe dos Ladrões*, foram os dois únicos filmes a passar da fatídica marca dos 150 milhões de dólares de bilheteria: 187 milhões para *Exterminador*, 160 milhões para *Robin Hood*. Mas ambos custaram os olhos da cara, 100 milhões um e 65 milhões o outro.

Os analistas eternamente de plantão passaram o ano coçando a cabeça, perplexos com a radical (e, até certo ponto, inesperada) mudança de tendência. Seria a recessão, que leva ao imediato corte de gastos supérfluos? (É bom lembrar que, nos EUA, o ingresso custa entre 5 e 7,5 dólares, sem contar gastos adicionais, como estacionamento, pipoca e *baby sitter* para a criançada que ficou em casa.) Seria o desgaste da fórmula "ação total" que tem marcado os verões desde que George Lucas declarou *Guerra nas Estrelas*? Ou, pior ainda, o desgaste cada vez mais rápido das imagens e apelo dos grandes astros? (Julia Roberts e Kevin Costner sofreram abalos consideráveis este ano, na boca da bilheteria. Mas, então, como explicar o fenômeno Schwarzenegger?) Seria a competição de videocassete e TV a cabo, alimentada por aparelhos de TV em que a qualidade superior da imagem é cada vez mais constante e acessível ao bolso médio? Seria tudo isso junto?

Agora vem aí o final de ano, as festas, as férias de inverno e a temporada onde a memória dos distintos membros da Academia (a que dá o Oscar) costuma funcionar melhor. Será a salvação da lavoura? Será a saída pela esquerda? Ou será o fim da picada? Façam vossos jogos, senhoras e senhores, porque aqui estão as principais fichas.

por Ana Maria Bahiana

Sygma

Touchstone

Nas filmagens de *Bugsy*, Annette e Beatty se engravidaram, mas foi a Disney que teve problemas com *Billy Bathgate*, adiado três vezes

AN AMERICAN TAIL 2 — FIEVEL GOES WEST
Diretores: Phil Nibbelink e Simon Wells
Elenco: Fievel (Phillip Glasser), Wylie Burp (James Stewart), Tiger (Dom DeLuise), Cat R. Waul (John Cleese), Miss Kitty (Amy Irving)
Estúdio: Universal
Custo: de 18 a 20 milhões
Sinopse: Empobrecida e desiludida com a vida em Nova York, a família do ratinho Fievel decide dar mais uma chance a seu novo país, a América, mudando-se para o Velho Oeste, onde Fievel espera conhecer pessoalmente seu grande herói, o xerife Wylie Burp.
Notas: Numa guerra declarada contra o Império Disney de animação, o produtor Steven Spielberg colocou de prontidão o melhor elenco de técnicos e atores para criar o primeiro projeto do Amblimation, estúdio formado numa *joint-venture* da Universal e a Amblin Entertainment *(confira na entrevista)*. Pontos a favor são a escalação de James Stewart para a voz do xerife pinguço e covarde que Fievel pensa ser um herói, e a entrega a John Cleese (*Um Peixe Chamado Wanda*, Monty Python) da voz do ardiloso e diabólico gato Cat R. Waul.

BEAUTY AND THE BEAST
Diretores: Gary Trousdale e Kirk Wise
Elenco: Belle, Beast, Gaston, Mrs. Potts (Angela Lansbury)
Estúdio: Walt Disney
Custo: 20 milhões
Sinopse: Belle, moça inteligente e corajosa que se sente deslocada em sua provinciana cidade do interior, refuta os avanços do canastrão Gaston e vê-se aprisionada no castelo encantado do monstruoso Beast, que, obviamente, é um príncipe.
Notas: Na Grande Guerra da Animação que se deflagra este ano, a Amblimation de Spielberg vai ter de rebolar para enfrentar o charme clássico dos Estúdios Disney, agora rejuvenescidos por uma nova geração de desenhistas, animadores e roteiristas. As primeiras exibições de *Beauty and the Beast*, com a obra ainda incompleta, foram um sucesso arrasador. O desenho exibe a mesma mistura de classicismo e modernidade que fez a graça de *A Pequena Sereia* (as ótimas canções são da mesma dupla, Alan Menken e Howard Ashman). A história, um intrigante conto de fadas com raízes na mitologia grega e profundas ressonâncias eróticas, foi devidamente "simplificada" à moda Disney, mas retém muito de seu imbatível apelo romântico. Certo, não é Cocteau — mas também não é Linda Hamilton sonambulando pelos subterrâneos de Nova York.

BUGSY
Diretor: Barry Levinson
Elenco: Warren Beatty, Annette Bening, F. Murray Abraham
Estúdio: Tri-Star
Custo: 30 milhões
Sinopse: A ascensão fulminante de Bugsy Siegel (Beatty), o "gângster galante" de Los Angeles, sua curiosa e intrigante relação com Hollywood e o sonho de sua vida — construir Las Vegas, meca do jogo, cidade dos prazeres, arrancada à custa de chumbo e sangue do solo do deserto.
Notas: Foi durante as filmagens que Beatty e Bening se conheceram, se apaixonaram e se engravidaram. Fofocas à parte, o roteiro de James Toback, a fotografia do oscarizado Allen Daviau, e a direção de Levinson, que levou uma chuva de Oscar com *Rain Man*, já estão provocando zunzuns elogiosos pelos corredores. O tema em si — a relação entre gangsterismo assumido (Bugsy) e disfarçado (Hollywood) já é fascinante o suficiente. Resta saber se o charme avuncular de Warren Beatty ainda segura a onda.

BILLY BATHGATE
Diretor: Robert Benton
Elenco: Dustin Hoffman, Nicole Kidman, Bruce Willis, Loren Dean
Estúdio: Touchstone/ Disney
Custo: 40 milhões de dólares
Sinopse: A educação de Billy (Dean), um jovem aprendiz de gângster, sob a tutela de Dutch Schultz (Hoffman) na Nova York dos anos 30. *D'aprés* o livro de L. Doctorow.
Notas: A Disney teve problemas mil com este projeto, da escalação do elenco ao roteiro final (de Tom Stoppard, dramaturgo e exímio roteirista). O lançamento foi adiado três vezes (ainda não há certeza de sua estréia em dezembro, a tempo para os Oscar-92), e ainda existem outras variáveis indigestas — outro filme de gângster? E, com todo respeito a Doctorow, as semelhanças com *Os Bons Companheiros*, de Scorsese, podem ser demais para o distinto público.

Costner tenta provar em *J.F.K.* que o assassinato de Kennedy não passou de uma conspiração

Sygma

Fox

CAPE FEAR
Diretor: Martin Scorsese
Elenco: Robert De Niro, Nick Nolte, Jessica Lange
Estúdio: Universal
Custo: 34 milhões
Sinopse: Remake de thriller de 1962, com Gregory Peck e Robert Mitchum (que fazem *cameos* nesta nova versão): bandidão (De Niro) foge da cadeia e vai assombrar o advogado (Nolte) que deveria tê-lo defendido, mas fracassou fragorosamente.
Notas: "Tenho certa fascinação em pegar um gênero com regras claras, fixas, como o thriller, e ver o que consigo fazer dentro desta sintaxe", disse Scorsese (à SET) quando se preparava para rodar este filme. Quem já viu o resultado final, em exibições-teste, saiu de queixo caído e unhas roídas até o sabugo — De Niro, o ator-quindim de Scorsese, está com um físico semi-Schwarzenegger, e uma crueldade proporcional. E Scorsese, cujo cinema já tem músculos naturalmente, continua no melhor da sua forma.

CURLY SUE
Diretor: John Hughes
Estúdio: Warner Bros.
Elenco: Kelly Lynch, Jim Belushi, Alisan Porter
Custo: 20 milhões
Sinopse: Bela menina mendiga (Alisan Porter) e seu afetuoso pai adotivo (Belushi) vivem de trambiques nas ruas de Chicago até serem resgatados por advogada yuppie (Kelly Lynch) em crise maternal.
Notas: Hughes, esta usina de comédias ligeiras que deu ao mundo Molly Ringwald, o *brat pack* Matthew Broderick, e Macaulay Culkin, obviamente deseja que este seja o *Esqueceram de Mim* de 91, a historiazinha humorístico/sentimental estrelada por crianças que todo mundo vai querer ver enquanto o peru assa. Infelizmente, em que pese o charme precoce da menina Alisan Porter, o filme é chato e ruim de doer. Contudo, o aluguel das fitas de Carlitos, que explorou o mesmo tema com doses abundantes de graça e inteligência, deve subir.

FOR THE BOYS
Diretor: Mark Rydell
Elenco: Bette Midler, James Caan
Estúdio: 20th Century Fox
Custo: 40 milhões
Sinopse: Cinco décadas na vida de dois artistas (Bette, Caan) especializados em entreter as tropas americanas em variadas frentes de combate.
Notas: Dá para ser um tema mais americano que este? (Provavelmente, sim — beisebol, que servirá de assunto para mais um par de filmes em 92/93, inclusive um *Bull Durham* 2.) Contudo, Hollywood ainda insiste na premissa que 1.) Todo o mundo quer saber o que os americanos acham e sentem; 2.) Bette Midler é uma estrela internacional. Ela, que passou uma década, pelo menos, fazendo comédias ligeiras (e ruins) para a Disney, quebra as amarras com este projeto, e ainda tem amplas oportunidades para cantar, coisa que afinal, foi sua primeira vocação — e Rydell é o mesmo diretor de *A Rosa*, o filme em que ela cantava (*à la* Janis Joplin) e que lhe valeu uma indicação para o Oscar.

HOOK
Diretor: Steven Spielberg
Elenco: Dustin Hoffman, Robin Williams, Julia Roberts, Bob Hoskins.
Cameos: Quincy Jones, Glenn Close
Estúdio: Tri-Star
Custo: 70 milhões
Sinopse: Um advogado yuppie de Nova York (Williams) descobre que, na verdade, é Peter Pan — justamente quando o Capitão Gancho (Hoffman) seqüestra seus três filhos para a Terra do Nunca, onde Julia Roberts é Sininho, Hoskins, o Barrica e Jones e Glenn Close são piratas.
Notas: "Há muito tempo várias pessoas vêm conversando com Steven a respeito de uma possível volta àquilo que, na verdade, ele faz melhor — filmes de fantasia", disse-me, logo no início da produção, uma pessoa muito chegada a Spielbeg. "Felizmente, com este projeto, parece que ele finalmente tomou juízo." A história de Peter Pan há muito é uma referência constante na vida e na obra do cineasta — há citações em profusão, textuais e visuais, em *E.T.* —, e Spielberg, é claro, gosta de ver a si mesmo como o próprio "menino que não queria crescer". Mas a peça original, na verdade, é um primor vitoriano de obsessões góticas, repleta de subtextos cruéis e até eróticos — "Peter Pan é descendente do deus grego Pan e é um sujeito dado à mania e à depressão", disse-me Williams (que, como sempre, pesquisou seu papel a fundo). Como

Columbia Tri-Star

Williams, advogado yuppie, de repente percebe que é Peter Pan em *Hook*

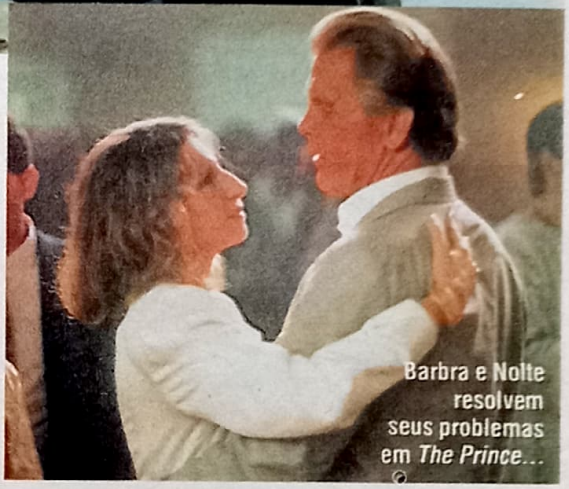
Bette Midler outra vez mostra seus dotes vocais em *For the Boys*

UIP

De Niro faz o espectador roer as unhas em *Cape Fear*

Warner

Cady Sue, mais uma comédia sentimental de Hughes



Columbia Tri-Star

Barbra e Nolte resolvem seus problemas em *The Prince...*

resolver essas dicotomias? As primeiras exibições revelaram uma leitura fantástica, mas sombria e até aterradora, da velha história anteriormente "sanitizada" por Papai Walt Disney. Cenários e efeitos especiais espetaculares — que consumiram a maior parte dos 70 milhões do custo — completam o clima cinema-show. Terá Spielberg reencontrado o caminho de casa? E da bilheteria?

J.F.K.
Diretor: Oliver Stone
Elenco: Kevin Costner, Gary Oldman, John Candy, Sissy Spacek, Joe Pesci, Jack Lemmon, Donald Sutherland, Angela Lansbury, Walter Matthau, Kevin Bacon
Estúdio: Warner Bros.
Custo: 40 milhões
Sinopse: Jim Garrison (Costner), promotor público em Nova Orleans, tem uma obsessão: provar que o assassinato de John Kennedy foi fruto de uma ampla conspiração envolvendo a extrema direita americana, a CIA, a Máfia, exilados cubanos e a Ku Klux Klan. O filme de Stone é baseado no livro de Garrison, *On the Trail of the Assassins*, e complementado com "informações que se tornaram acessíveis nos últimos vinte anos".
Notas: Stone continua mapeando suas obsessões particulares — os anos 60, que ele viu de longe, do Vietnã — e preferindo o ponto de vista mais "deslocado" e controverso possível. Com *J.F.K.* ele cutucou com vara curtíssima diversas onças, alguns vespeiros e uma boa quantidade de esqueletos no armário: as matérias negativas começaram a pipocar quando ele ainda estava escolhendo locações em Dallas, acusando o filme de historicamente incorreto, fantasioso e claramente mentiroso. Costner — que sofreu assédio corpo a corpo da imprensa texana e de Nova Orleans — defende calorosamente a visão de Stone: "Convém a muita gente que meu personagem seja visto como um maluco ridículo. Mas eu não o interpretei assim — ele levanta questões muito sérias, e é isso que me interessa".

THE PRINCE OF TIDES
Diretor: Barbra Streisand
Elenco: Barbra Streisand, Nick Nolte
Estúdio: Columbia
Custo: 30 milhões
Sinopse: Psiquiatra de Nova York (Barbra) solicita a ajuda de um professor (Nolte) para resolver o mistério da depressão profunda e tentativas de suicídio de uma paciente, irmã do professor. No processo, desvenda-se um passado de tenebrosas memórias familiares. Adaptado do best-seller homônimo de Pat Conroy, também autor do roteiro.
Notas: Se forem verdadeiras as notícias de que todos os resultados das exibições-teste foram positivos, este pode ser o *Dança com Lobos* de 92. "Todos os cartões de resposta de todas as sessões foram positivos", disse-me uma fonte do estúdio. "É um índice de quase 100% de aprovação, uma coisa extraordinária." Streisand, diretora bissexta e estrela em momento de crise — seu último filme, *Querem Me Enlouquecer*, não foi lá essas coisas junto a público & crítica — está jogando tudo nesta cartada, mas a grande performance (Oscar à vista?) é de Nolte.

Demi Moore

Ex-modelo, ex-atriz de novelas e mãe coruja, ela muda de visual o tempo todo. De repetido, só os filmes de temática mediúnica

Demi agora, e a capa escandalosa da *Vanity Fair*

Columbia

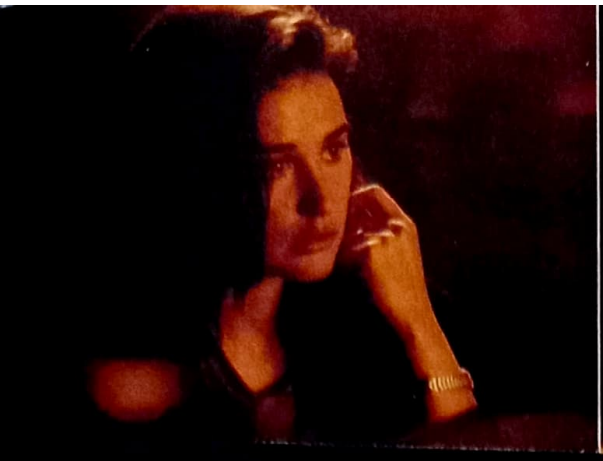
LFI

Há um pequeno e curioso cortejo na porta da suíte de Demi Moore, num luxuoso hotel de Beverly Hills: uma maquiadora, pincéis e potes de cosméticos na mão, uma cabeleireira munida de escovas e pinças, uma assistente de produção com um cronômetro no pescoço, e uma babá levando ao colo uma bela e rechonchuda menina de imensos olhos verdes, metida num vestido de babados. Todos da comitiva esperam pacientemente que a porta se abra: lá dentro, momentaneamente isolada do caos à sua volta, Demi Moore amamenta Scout, a bebezinha de dois meses cuja foto, ainda dentro da imensa e bela barriga da mãe, tanta controvérsia provocou. A bela menina de olhos "verdes como os meus" (segundo a mamãe ultracoruja) é Rumer, sua irmã mais velha, primogênita do casal Demi Moore/Bruce Willis.

Para que uma estrela como Demi exerça desinibidamente os doces deveres da maternidade, Hollywood pára sem problemas. Pelos corredores do hotel, movimenta-se uma azáfama de assistentes e divulgadores coordenando as entrevistas promocionais de *The Butcher's Wife* (seu último filme). Mas, dentro da suíte, a conversa é sobre cólicas — "esta não tem, Rumer teve um pouquinho só" —, cores de olhos — "Scout tem os olhos azulados, mas ainda é cedo para saber de fato" — e manias — "Rumer adora vestidos, quanto mais babados, melhor!"

Entende-se o luxo: o filme *Ghost — Do Outro Lado da Vida**, desta ex-modelo e ex-atriz de novelas, cujo nome Demi a mãe "tomou emprestado" de um produto de beleza, às vésperas de seu nascimento, rendeu mais de 215 milhões de dólares, apenas nos Estados Unidos, um dos maiores sucessos de 1990. Com ele, a carreira de Demi

* *Disponível em vídeo*



Salvadora do mundo em *A Sétima Profecia*, escultora e mulher de espectro em *Ghost*, loura vidente em *Butcher's Wife*: paranormalidade de longa data

Moore — até então em compasso médio, ocupada por filmes simpáticos mas mornos (como *O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas**, *Sobre Ontem à Noite**, *A Sétima Profecia** e *Não Somos Anjos**) e francamente obscurecida pela do marido, Bruce Willis — tomou um impulso que a coloca, hoje, num dos mais altos postos do firmamento hollywoodiano.

Acabada a refeição de Scout, e com Rumer devidamente despachada de volta para casa — "ela estava com saudade, veio me visitar", disse mamãe —, Demi Moore conversou com SET sobre mediunidade (tema central de *The Butcher's Wife*; ver resenha em Novos Filmes),sucesso e gravidez.

Bruce Willis foi o vilão de *Pensamentos Mortais*. É mais fácil ou mais difícil trabalhar com seu próprio marido num filme como este?

DEMI — Este filme, em particular, por causa da cena violenta (em que o personagem de Willis é assassinado), acabou ficando mais fácil para nós devido à confiança mútua. Sabíamos, por isso, que podíamos estender a intensidade da cena além do que eu normalmente faria, caso estivesse trabalhando com alguém que não conhecesse tão bem. Se fosse outra pessoa, eu poderia ter pirado, ou poderia ter sido violenta demais. De certa forma, foi confortador ter Bruce. Esquisito, mas confortador.

***Ghost* foi o filme que, definitivamente, colocou sua carreira num outro plano. Você se surpreende com o imenso sucesso do filme?**

DEMI — Quando se escolhe um filme em que vai trabalhar, você se compromete a dar o máximo de si e trabalhar o melhor possível. E torce para que aconteça o melhor. Então, eu tento fazer com que esse tipo de coisa não me pareça mais importante do que realmente é.

Você causou furor nos Estados Unidos ao posar nua e grávida para a capa da revista *Vanity Fair*. Para o Brasil, a controvérsia não deixa de ser curiosa, porque uma famosa atriz brasileira também se deixou fotografar de biquíni e grávida, mas há mais de vinte anos...

DEMI — É mesmo? Que sensacional! Qual é o nome dela?

Leila Diniz. Qual a sua opinião sobre a controvérsia que você provocou?

DEMI — Bem, creio que a reação que as fotos provocaram reflete o estado de doença e confusão que impera neste país a respeito do corpo humano. Para mim, as fotos sempre foram lindas. Foi uma bela idéia, realizada por uma fotógrafa muito amiga minha, muito próxima de mim, Annie Leibovitz. Fico feliz, também, porque houve reações positivas às fotos. Homens e mulheres me disseram o quanto era belo o corpo da mulher na gravidez. Mas acho bom que tenha havido discussão.

Em *The Butcher's Wife* você lida com assuntos espirituais muito profundos, como paranormalidade. Você aprendeu algo, principalmente sobre você mesma, durante as filmagens?

DEMI — Bem que eu queria poder dizer a você que sim, aconteceu um negócio fora do comum que mudou a minha vida. Mas convivo com paranormais, sempre me interessei pelo assunto. Então, não aconteceu nada... a não ser o fato de que descobri que estava grávida (risos). E minha filha queria muito que eu tivesse outro filho. De fato, no final das filmagens constatei minha gravidez.

Durante seu treinamento, como preparação para o papel, não houve nenhuma indicação de que você teria poderes paranormais?

DEMI — Não. Mas o treinamento reforçou para mim o fato de que todos nós temos uma habilidade paranormal intuitiva e que, se nos abrirmos, podemos expandir essa percepção e esse talento.

Este é o terceiro filme que você faz com tema paranormal ou sobrenatural — *A Sétima Profecia*, *Ghost* e agora *The Butcher's Wife*. O assunto interessa você tanto assim?

DEMI — Em retrospecto, o único ponto em comum que vejo é a importância de estar sempre aberta a todas as possibilidades e adquirir mais conhecimento. E isso pode vir de qualquer parte. Prefiro dar a isso o nome de "conexão espiritual", em vez de "coisa de vidente", entendeu?

Você acredita que as pessoas tenham um grande conhecimento desse lado espiritual da vida delas? E o sucesso de *Ghost* seria um demonstrativo do grande interesse pelo tema?

DEMI — Acho que isso mostra que as pessoas estão mais dispostas a acreditar que esse tipo de acontecimento paranormal é possível. E também acho que as pessoas querem acreditar na existência de algo mais, além de somente isso aqui. Que o lugar para onde vamos e o lugar de onde viemos não se reduzem a essa carapaça de seres humanos, que somos algo maior do que apenas a carne humana.

Você se descreveria como sendo uma pessoa que dá muita atenção a esse lado espiritual da vida?

DEMI — Iniciei o que se poderia chamar de busca espiritual já faz um bom tempo. Tudo que faço hoje é reflexo daquilo.

Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

"Todos temos habilidade paranormal. Se nos abrirmos, podemos expandi-la"

A FAMÍLIA ADDAMS

O Perverso Charme da Crueldade

Morticia (Anjelica), Gomez (Julia) e o lar doce lar

Esta família do barulho já foi cartoon, série e desenho animado nos anos 60. Agora chega ao cinema, com o encanto das trevas preservado e atores de talento como Anjelica Huston e Raul Julia

Dois anos atrás, saindo de um desses rituais da indústria cinematográfica, a exibição-teste de um outro filme seu, o produtor Scott Rudin surpreendeu um alto executivo de um estúdio displicentemente cantarolando, no banheiro, o tema da série de TV *A Família Addams*: ta-ra-ra-ra, clic, clic. Rudin ficou curioso; há quase três décadas a série estava fora do ar, ausente até das periódicas reciclagens que a TV a cabo habitualmente faz. E, em 1963, quando estreou, *A Família Addams* fora um sucesso modesto, derrotada, um pouco adiante, por seus principais competidores, *Os Monstros*.

"Mas havia um poder de permanência na Família Addams que, até então, eu não suspeitava", diz Rudin. Mais que isso, ele descobriu, como Anjelica Huston diz (veja entrevista a seguir), o humor nigérrimo que Gomez, Mortícia e seus parentes exercitavam, com cautela, nos anos 60 e, descaradamente, nos 30 (nos cartoons de seu criador, Charles Samuel "Chas" Addams), estava mais atual do que nunca na América dos anos 90. Mais do que permanência, Rudin meditou, havia uma retomada. "De repente eu podia ver traços do humor da Família Addams em pequenas centelhas à minha volta: nos Simpsons, em filmes como *A Guerra dos Roses* e *Os Fantasmas se Divertem*. A crueldade estava *in* de novo."

Como produtor experiente que é — responsável, entre muitos outros filmes, por *Linha Mortal*, *Uma Segunda Chance* e, mais recentemente, pela estréia de Jodie Foster na direção com *Little Man Tate* —, Rudin logo divisou um filme no qual sociólogos veriam um tema de análise.

O que se seguiu, bem de acordo com o espírito do projeto, foi uma lista de tormentos digna da boa Família. Rudin perambulou por ante-salas sem fim, descobrindo e negociando os diversos direitos — dos desenhos (pertencentes à viúva de Addams) e da série de TV (que pertencem a Orion, estúdio que afinal bancou o custoso projeto — 30 milhões —, apesar de seu cambaleante estado financeiro). Escalar o elenco — Raul Julia assinou logo para ser Gomez, mas Cher, interessada em Mortícia, desistiu na última hora, dando lugar a Anjelica Huston —, achar um diretor — que se conformasse com aquilo que Rudin chama de "meu estilo assertivo de produção" (a escolha recaiu sobre o estreante Barry Sonnenfeld, ex-diretor de fotografia dos irmãos Coen) —, obter um roteiro — afinal realizado, aos tapas, a seis mãos, com os dois roteiristas originais rompendo relações com Rudin e Sonnenfeld — e filmar as perambulações dos Addams foram os tormentos seguintes.

As filmagens em si foram tumultuadas e extenuantes. A maior parte do generoso orçamento de 30 milhões foi consumida pelos elaborados cenários desenhados por Richard McDonald — seguindo a idéia de que os Addams são, na verdade, aristocratas excêntricos e vagamente decadentes, capazes de colecionar arte e pratarias mas incapazes de limpá-las, e tão interessados em Goya quanto em instrumentos medievais de tortura — e pelos efeitos especiais (alguns óticos, quase todos com marionetes) criados por Alan Munro (o mesmo de *Os Fantasmas se Divertem*). Restava ao diretor, elenco e equipe a opção de trabalhar de doze a dezoito horas por dia, começando nunca depois das seis da manhã e muitas vezes indo noite adentro. "Foram as filmagens mais exaustivas da minha vida", diz Anjelica. "E olha que eu já fui uma bruxa duas vezes, com narizes postiços e tudo o mais."

No meio das filmagens, Sonnenfeld, Raul Julia e o diretor de fotografia, Owen Roitzman, haviam caído doentes — Roitzman com tal gravidade que

Cenas de família: quitutes venenosos da tia, o mascote dando uma mãozinha, o primogênito tomando arsênico, vovô dando um trato no visual e o sono dos justos

precisou ser hospitalizado. Para piorar as coisas, a tensão entre o "estilo assertivo" de Rudin — que queria comédia negra, mas com ênfase na comédia e não na negra — e Sonnenfeld — que imaginava justamente o oposto — chegou muitas vezes ao ponto de ebulição. Durante semanas circularam rumores de que o projeto seria cancelado — enquanto as máquinas de fax da cidade cuspiam estranhas mensagens anônimas que diziam que o filme era "um desastre" e a culpa era "toda do diretor".

"Estou satisfeito com o resultado", Rudin diz, hoje. "O filme é moderno, *hip*, elegante, é um filme perfeito para os anos 90." Elegante *A Família Addams* é, graças tanto ao design de McDonald quanto ao talento impecavelmente charmoso de Raul Julia e Anjelica Huston, incapazes de levar seus personagens como caricaturas (a menina Cristina Ricci como a docemente monstruosa Wednesday também é uma surpresa).

Infelizmente, não há muita história para que Mortícia, Gomez e seus parentes exercitem o charme cruel com que Charles Addams os imaginara há 60 anos — o roteiro, remendado além dos limites do bom senso, segue uma idéia tola e não resolvida em torno de um advogado ganancioso que ambiciona a fortuna da família, e seu plano (que, até mesmo na tela, não dura mais que dez minutos) de infiltrar no ninho familiar um falso tio Chico (Christopher Lloyd, o mais caricato de todos).

Resta atmosfera, muita — deliciosamente decadente, quase sempre, e particularmente feliz (uma palavra pouco adequada em se tratando de Addams) quando segue à risca os desenhos de Charles Addams e cria *tableaux* nos quais o gênio perverso da família subverte a edulcorada normalidade da América. Que tal um caldeirão de óleo fervente sobre piedosos cantores de hinos de Natal? Ah, sim — este é o espírito da coisa.

Ana Maria Bahiana

SET

The Addams Family, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Barry Sonnenfeld ■ Com Anjelica Huston, Raul Julia, Christopher Lloyd, Cristina Ricci, Judith Malina, Jimmy Workman, Carel Struycken, Christopher Hart ■ ROTEIRO: Caroline Thompson e Larry Wilson ■ FOTOGRAFIA: Owen Roizman ■ MUSICA: Marc Shalman ■ CANÇOES: Hammer ■ PRODUÇÃO: Scott Rudin para a Orion ■ DURAÇÃO: 105 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

Mortícia Fala

Anjelica Huston na saia justa da matriarca dos Addams

Mortícia é uma boa mãe de família?
ANJELICA HUSTON — Ótima. Excelente. Uma grande mãe. Ela é extremamente bondosa e entrosada com seus filhos. Ela os mima um pouco demais, mas fora isso ela é uma grande mãe. Ela também é uma vamp, no sentido mais estrito do termo. Ela é uma boa bruxa — bruxaria é parte dos muitos recursos que ela tem.

Você via o programa de TV? Era fã?
ANJELICA — Não, não. Eu cresci na Irlanda, e, naquela época, nós não tínhamos TV. Eu conhecia os cartoons. Tínhamos um grande livro de desenhos de Charles Addams que papai gostava de guardar no banheiro. Eu adorava cartoons.

Mas você pesquisou a interpretação de Carolyn Jones para Mortícia como parte da preparação para o filme?
ANJELICA — Eu vi uns dois programas, menos para observar o trabalho de Carolyn, mais para checar o contexto da família. Eu não queria de forma alguma me deixar influenciar pela performance dela — que, aliás, considero muito boa. Eu não era fã dos desenhos, então eles foram minha referência principal.

Qual sua opinião sobre *A Família Addams* da TV?
ANJELICA — Minha impressão é que a série de TV era mais peso leve, meio tolinha — você sente que a idéia original foi passada a limpo para a TV, porque TV é TV e existem todas essas limitações e estipulações sobre o que as pessoas devem ou não ver. Mas isso também não é imutável: os tempos mudam. Na minha opinião, *Twin Peaks* é muito mais próximo, em espírito, dos cartoons originais de Charles Addams do que a própria série de TV baseada neles.

Você acha que as mulheres deveriam ser como Mortícia Addams?
ANJELICA — Oh, sim. Em muitos aspectos, sim. Especialmente as mulheres americanas. Mortícia é sexy — não há nada de errado nisso. Ela é sensual, fatal, namoradeira. Está sempre flertando com tudo e todos a sua volta, mas é doida de paixão por Gomez. Para mim, é óbvio que esses dois se apaixonaram à primeira vista e são tão apaixonados hoje quanto eram no início, quando se viram naquele enterro do primo Baltazar. É uma relação saudável, sem autocrítica. Ela acha ele o máximo; ele acha ela magnífica. Não há tensões. Os dois vivem no céu.

***A Família Addams* original foi criada em 1932. Ela ainda faz sentido hoje, mais de meio século depois?**
ANJELICA — Charles Addams criou estes personagens como uma reação ao mundo bonitinho, ordenadinho da América depois da Primeira Guerra, o mundo dos desenhos de Norman Rockwell. Era a síntese dessa ética, uma reação saudável, um comentário crítico à doçura excessiva da América média. E agora, o que temos? A América pós-Reagan. Estamos bastante no mesmo tipo de universo. Existe ainda o mesmo esforço para provar que tudo está ótimo, tudo está limpo e nada tem seu lado oculto e sombrio. Tudo parece tão estabelecido e descomplicado — a necessidade de alguma coisa que nos complique é mais forte agora do que nunca.

Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

NÃO PERCA O ESPECIAL

AÇÃO GAMES ESPECIAL

PC GAMES

X-RATED
SÃO OS GAMES ADULTOS PARA PC

ESTRATÉGIAS PARA OS JOGOS

- F-16 COMBAT PILOT
- INDIANÁPOLIS 500
- SIMCITY
- THE SECRET OF MONKEY ISLAND

SERVIÇO

- COMO ENVENENAR SEU MICRO
- ONDE COMPRAR GAMES E ACESSÓRIOS

POSTER CHOCANTE DE

INDIANA JONES E A ÚLTIMA CRUZADA

COM MAPAS E DICAS INCRÍVEIS

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

BUTCHER'S WIFE

Demi Moore ataca de médium e mulher de açougueiro

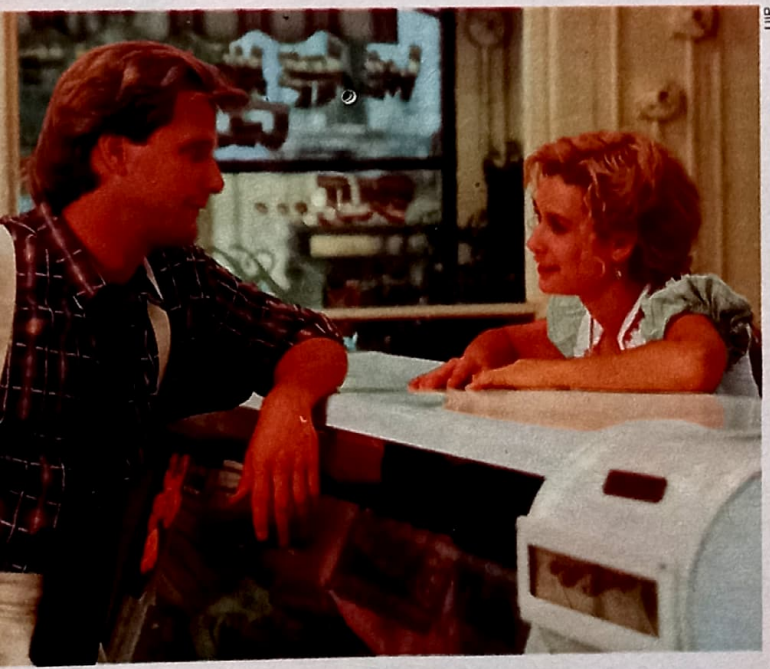
Desde que *Ghost*, contrariando absolutamente todas as expectativas (o filme entrou em cartaz para tapar o buraco deixado pelo fracasso de *Dias de Trovão*), tornou-se uma das maiores bilheterias dos últimos dez anos, parece que Allan Kardec anda liderando as reuniões criativas dos estúdios com regularidade impressionante.

Em *Butcher's Wife*, o mesmo estúdio de *Ghost* (Paramount) parte para uma tangente com a mesma estrela, Demi Moore. Agora ela é Marina, uma vidente que, graças a um apressado casamento com um pescador extraviado (que ela havia visto em seus contatos com o outro mundo), vê-se transplantada de sua ilhota para o Village de Nova York. Lá, seus dotes florescem numa série de previsões que vão alterar a vida quase provinciana do bairro, inclusive a da própria Marina e a de um psiquiatra (Jeff Daniels) que se dispõe a tratar suas "ilusões de onipotência".

A idéia, charmosa, dilui-se em quinze minutos na tela. O roteiro é canhestro, os diálogos são tolos, a direção é tão amadora que até os extras não sabem representar, os personagens são caricaturais e se perdem num labirinto de portas abertas e fechadas capaz de esgotar a paciência de qualquer espectador — espírita ou não.

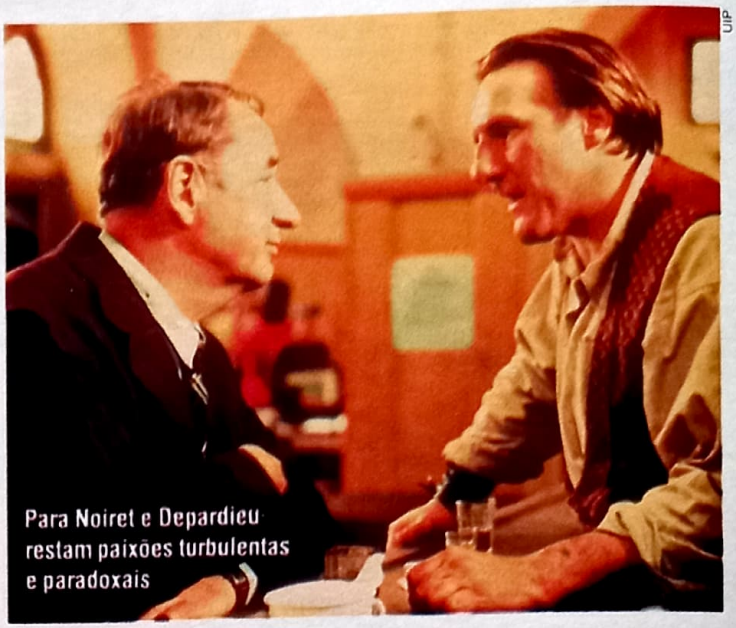
Ana Maria Bahiana

Butcher's Wife, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Terry Hughes ■ Com Demi Moore, Jeff Daniels, George Dzunda, Mary Steenburgen ■ ROTEIRO: Ezra Litwak e Marjorie Schwartz ■ FOTOGRAFIA: Frak Tidy ■ MÚSICA: Michael Gore ■ PRODUÇÃO: Wallis Nicita e Lauren Lloyd para a Paramount ■ DURAÇÃO: 104 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP



UIP

Demi e Daniels desperdiçam talento no canhestro *Butcher's Wife*



UIP

Para Noiret e Depardieu restam paixões turbulentas e paradoxais

A ERA DE URANUS

Depardieu e Noiret num mosaico conflituoso da França na Segunda Guerra

Não é por acaso que cineastas do velho mundo estão voltando suas câmeras para o tema da reconstituição européia pós-Segunda Guerra. A recente queda do muro que separava ideologias despertou em muitos diretores a nostalgia de uma época em que símbolos como a foice e o martelo ou a sombria suástica pautavam o sentido da existência humana.

A Era de Uranus, baseado em obra do romancista Marcel Aymé, tem como cenário uma pequena cidade da França, vítima de bombardeios durante a Segunda Guerra. A cidade é uma espécie de microcosmo ideológico. Lá habitam o militante comunista Gaigneux (Michel Blanc), o amoral burguês Monglat (Michel Galabru), o colaboracionista Maxime Loin (Gérard Desarthe), e o professor humanista Watrin (Philippe Noiret). Acima de todos paira a personalidade ingênua e sincera do beberrão Leopold (Gérard Depardieu), verdadeiro inocente inútil.

O diretor Claude Berri *(Jean de Florette, A Vingança de Manon)* apoia-se na qualidade do elenco para tornar consistente uma narrativa esquemática e sem nenhum rasgo de originalidade. *A Era de Uranus*, portanto, resulta paradoxal: aborda com frieza um turbilhão de paixões.

Ricardo Cota

Uranus, França, 1991 ■ DIREÇÃO: Claude Berri ■ Com Gérard Depardieu, Philippe Noiret, Michel Blanc ■ ROTEIRO: Claude Berri e Arlette Langmann, a partir do romance de Marcel Aymé ■ FOTOGRAFIA: Renato Berta ■ PRODUÇÃO: Claude Berri para a Renn Prods.-Films A-2DD Prods./Soficas Sofi-ARP-Investimage ■ DURAÇÃO: 99 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films

Fotos Art Films

THELMA E LOUISE

Adrenalina feminina *on the road* no novo filme de Ridley Scott

Donas de si, Geena e Susan dão um "basta" ao machismo

É um filme sobre a disfarçada selvageria em que estamos metidos. É irônico que tenha sido dirigido por um homem, e que este homem seja Ridley Scott, muito mais especializado em simulacros andróides do que em gente. Até Alan Parker, de passagem por São Paulo para o lançamento de *The Commitments*, em outubro último, considera este o melhor filme do pai de *Blade Runner*.

Susan Sarandon é Louise, uma garçonete amalucada e decidida. Geena Davis é Thelma, não menos pirada, mas casada com um panaca que a controla como a uma marionete. Num fim de semana, Louise consegue a casa de um amigo para um passeio rápido. Thelma faz as malas para muito mais que dois dias e elas começam a trilhar um caminho de pólvora, que coloca a polícia em seu encalço.

O motivo da perseguição não é nada prosaico: Louise "apaga" o babaca que tenta estuprar Thelma no primeiro bar em que elas param. Desesperadas, as duas tentam chegar até o México e não é à toa que Scott capricha no travelling e na iluminação quando elas encaram o Grand Canyon. É como se finalmente encontrassem a liberdade — e o que ela significa? Nada, além de um deserto mudo de pedra, que lhes traz mais dúvidas do que certezas.

O roteiro de Callie Khouri, 35 anos — ex-garçonete e estreante no ramo —, soa como uma espécie de "basta" aos sobreviventes do machismo. Os tipos que a dupla feminina vai afastando da estrada — do engraçadinho do bar ao motorista de caminhão depravado — parecem não ter percebido que Thelma e Louise são donas do próprio nariz, apesar das poucas oportunidades que tiveram de mostrar isso.

Se o crime inicial parece um catalisador precipitado para a história, a viagem que se segue é uma desforra genialmente bem engendrada das mulheres em relação à sua própria natureza, como se só ali provassem realmente quem são. As atrizes, pela intensidade com que transmitem as inquietações das personagens, não ganhariam um Oscar imerecidamente.

A contundência do filme está em tocar num dilema nem tão urbano nem tão moderno: quem estaria disposto a abdicar de todos os seus álibis existenciais para ir ao encontro de seus mais profundos desejos? Neste caso, a viagem transcende a fuga e elas vão se tornando cada vez mais sinceras, unidas e fiéis a seus próprios princípios. Tudo isso num ritmo alucinante, bem-humorado, sem respeito a códigos e convenções. É a suprema cartada de Ridley Scott numa Hollywood que ainda deixa espaço — aberto à força — para as jornadas fantásticas da liberdade.

Cesar Garcia Lima

Thelma & Louise, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Ridley Scott ■ Com Susan Sarandon, Geena Davis, Harvey Keitel ■ ROTEIRO: Callie Khouri ■ FOTOGRAFIA: Adrian Biddle ■ MÚSICA: Hans Zimmer ■ PRODUÇÃO: Ridley Scott, Mimi Polk e Percy Main para a Pathé Entertainment ■ DURAÇÃO: 128 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

TOP GANG — ASES MUITO LOUCOS

Jim Abrahams parodia *Ases Indomáveis* e cria um besteirol delirante

Os ases de *Top Gang* podem não ter o charme dos galãs...

Esta comédia absurda faz com *Ases Indomáveis* o mesmo que *Apertem os Cintos, O Piloto Sumiu* fez com os filmes de catástrofe aeronáutica: enfatiza os exageros e as impossibilidades, vira pelo avesso os significados e parodia tudo que é possível parodiar. A transformação da aventura pop em comédia besteirol não é novidade para o diretor Jim Abrahams — ele vem do trio que criou *Apertem os Cintos*, mas o que surpreende é sua superioridade diante de *Corra que a Polícia Vem Aí 2 1/2*, de seu ex-parceiro David Zucker. Abrahams obtém um resultado mais delirante, mais siderado.

Já devidamente "testado" em *Apertem os Cintos*, o venerando mergulhador Mike Nelson (Lloyd Bridges, para os não iniciados na série de TV dos anos 60, *Aventura Submarina*) reproduz a mesma atitude de Leslie Nielsen como o detetive demente Frank: esqueceram de dizer a seu personagem que o filme de que faz parte é uma comédia. Sendo assim, o Almirante "Reboque" Benson — um militar meio cyborg, composto de várias placas de metal no crânio — é representado com o mesmo abandono do chefe da torre em *Apertem os Cintos* (a introdução de Bridges ao mundo alucinado das comédias de Abrahams).

Também causa especial surpresa o excelente desempenho de Charlie Sheen em sua primeira verdadeira comédia. Como o arrogante piloto de caças "Topper" Harley, ele percorre uma infinidade de gagues inspiradas em diversos filmes, de *Dança com Lobos* a *Superman*, de *Rocky* a *Susie e os Baker Boys*, de *...E o Vento Levou* a *Flashdance*.

A melhor paródia talvez seja a de *Nove Semanas e Meia de Amor*, mais precisamente a famosa "cena da geladeira": em vez de despejar somente mel e gelo em sua amada Ramada Thompson (Valeria Golino), como Mickey Rourke fez com Kim Basinger, Harley (Sheen) esvazia todo o estoque do freezer no corpo da moça, culminando com tiras de bacon e dois ovos.

José Emílio Rondeau

Hot Shots, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Jim Abrahams ■ Com Charlie Sheen, Cary Elwes, Valeria Golino, Lloyd Bridges ■ ROTEIRO: Jim Abrahams e Pat Proft ■ FOTOGRAFIA: Bill Butler ■ MÚSICA: Sylvester LeVay ■ PRODUÇÃO: Bill Badalato para a PAP ■ DURAÇÃO: 85 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

COM O DINHEIRO DOS OUTROS

Sorte nos jogos ou azar no amor, as questões de Danny DeVito

Os anos 80 tiveram Gordon Gekko (Michael Douglas), *Wall Street*, e a frase que definiu a época melhor talvez do que qualquer outro trecho de literatura: "É bom ser ganancioso". Os anos 90, em contrapartida, têm outro especulador, outra mentalidade, outra moral: Larry Garfield (Danny DeVito), o vilão de *Com o Dinheiro dos Outros*, dado a proclamar que "ganha (o jogo) quem tiver acumulado mais riqueza quando morrer". Se o dinheiro tiver sido ganho com o suor de outrem, tanto melhor.

Se Gekko era Faustiano, Garfield é um diabo tolo — mesmo que exuberante em sua ganância. Na hora de lutar na Justiça pela aquisição de uma companhia da Nova Inglaterra, Garfield é enfeitiçado pelos encantos da advogada da firma que almeja (Penelope Ann Miller) e periga perder no jogo que sempre dominou.

A adaptação da peça de Jerry Sterner, aqui bem dirigida por Norman Jewison, reforça a veia cômica do personagem, com mais do que uma pequena mãozinha do sempre excelente DeVito.

José Emílio Rondeau

Other People's Money, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Norman Jewison ■ Com Danny DeVito, Gregory Peck, Penelope Ann Miller, Piper Laurie ■ ROTEIRO: Alvin Sargent, baseado na peça de Jerry Sterner ■ FOTOGRAFIA: Haskell Wexler ■ MÚSICA: David Newman ■ PRODUÇÃO: Norman Jewison e Ric Kidney ■ DURAÇÃO: 101 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

Fox

mas são engraçados, surpreendentes e imprevisíveis em suas gagues

Lembranças sem culpa numa história *à la* Kurosawa

Pandora

RAPSÓDIA EM AGOSTO

Kurosawa vê a catástrofe de Nagasaki com delicadeza e humor

Talvez seja o primeiro filme de Kurosawa que trata da catástrofe nuclear e não é uma catástrofe de verdade. O que os outros têm de chatos (vide os episódios nucleares de *Sonhos*), *Rapsódia* tem de comovente.

Aqui e ali a história resvala na pieguice, mas é contada com tão suave ironia que a gente até esquece que preferia estar vendo uma aventura de samurais, cheia de chuva e valentia. Três gerações se encontram na casa campestre da avó, nas cercanias de Nagasaki. Ela é uma sobrevivente da bomba atômica que pulverizou a cidade no fim da Segunda Guerra, no dia 9 de agosto de 1945. Recebe a carta de um irmão esquecido que emigrara para o Havaí, onde constituiu família. Ele, agonizante, a convida para uma visita. Ela passa a lembrar compulsoriamente o passado, a sombra pesada do desastre nuclear que matou seu marido. Os netos, doidos para viajar, tentam convencê-la e aí acabam se inteirando da catástrofe. No final das contas, o próprio sobrinho nipo-americano, interpretado por Richard Gere (falando japonês!), desembarca em Nagasaki.

Kurosawa soube aliviar a tristeza que acompanha as visitas aos monumentos da guerra e as visões do desastre com um delicado humor nas figuras das crianças e da matriarca. Elas passam boa parte do tempo conversando sob o canto incessante das cigarras.

O velho diretor contemporiza, não acusa ninguém, a não ser A Guerra enquanto entidade. A impressionante imagem de um playground retorcido, lembrança viva da explosão, aguça a nossa memória perdida.

Carlos Volpato

Rhapsody in August, Japão, 1991 ■ DIREÇÃO: Akira Kurosawa ■ Com Sachiko Murase, Richard Gere, Hisashi Igawa, Namuri Kayashima ■ ROTEIRO: Akira Kurosawa, baseado no livro *Nabe-no-naka* de Kiyoko Murata ■ FOTOGRAFIA: Takeji Sano ■ MÚSICA: Shinichiro Ikebe ■ PRODUÇÃO: Hisao Kurosawa ■ DURAÇÃO: 98 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Pandora Filmes

Ganancioso mas tolinho, DeVito é enfeitiçado e perde as redeas do jogo

Warner

O Pesadelo Acabou?

O personagem macabro que invadia os sonhos dos adolescentes com suas garras afiadas morreu. Mesmo?

Era alegria demais para um funeral. Convivas (convivas?) trocavam beijinhos, fofocas e tapinhas nas costas enquanto circulavam alegres pelo interior do Mann's Chinese Theater, o cine-marco de Hollywood que, ainda hoje, transformado em armadilha para turistas japoneses em busca de recheio visual para suas câmeras, mantém a majestade dos anos áureos do cinema e permanece um endereço nobre para premières. Fotógrafos e cinegrafistas — e turistas, que a rua é do povo —, se acotovelavam para ter o melhor ângulo do foco de atenção: não um defunto estirado sob rosas, mas um homem saudável de 40 e poucos anos que sorria incessantemente, enquanto exibia com indisfarçável orgulho para todos um documento de design elaboradíssimo, assinado e timbrado pelo prefeito da cidade.

Sexta-feira, 13 de setembro, Hollywood Boulevard. E, de certa forma, o convescote sob o sol vespertino da Califórnia era, de fato, um "funeral": realizava-se ali a estréia de *Freddy's Dead*, sexto e (jura a New Line Cinema) derradeiro capítulo da série *A Nightmare on Elm Street*, o episódio em que o vilão (ou seria herói?) finalmente morre. Robert Englund, o ator que deu rosto, corpo e voz ao apavorante vilão Krueger, era quem se submetia ao jugo indócil dos profissionais da lente, e o documento que ele segurava com sua luva de navalhas nas pontas dos dedos era um decreto oficial do prefeito Tom Bradley, declarando aquele dia — 13 de setembro de 1991 — "O Dia de Freddy Krueger".

Vivo, Freddy pode ter sido o terror dos habitantes da pacata Elm Street da microcidade de Springwood, em Ohio. Morto, porém, merecia honras palacianas.

O prefeito — vaidosíssimo, mas nada bobo, vale dizer, não compareceu ao evento. Seu alô político pode ter rendido badalação extra ao filme, mas, ao ceder aos insistentes pedidos da New Line Cinema, Bradley incorreu na ira de inúmeros grupos, todos surpresos e contrariados com a homenagem. E, portanto, tornou-se mais premente na agenda do prefeito ir à inauguração de uma usina de tratamento de esgotos. Um dos protestos mais irados partiu de Jerry Rubin, diretor da Los Angeles Alliance for Survival, uma organização antiviolência, que considerou a homenagem ao personagem "inacreditável. Quer dizer que agora todo mundo vai comemorar a data saindo na rua e esfaqueando uma pessoa até a morte?" A assessoria de imprensa de Bradley, inflada de ares de divulgadora de filmes, contra-atacou com o argumento de que o ato era um agradecimento aos produtores por terem filmado todos os seis filmes da série em Los Angeles (e, portanto, terem desembolsado centenas de milhares de dólares nos cofres da cidade, a título de licenças necessárias a toda e qualquer filmagem) e, além do mais, "transmitia uma mensagem importante, uma vez que nesse capítulo o personagem morre". Só mesmo em Hollywood.

A controvérsia ajudou, e muito, a primeira semana de *Freddy's Dead* na bilheteria. Foi o campeão de renda, com 13 milhões de dólares recolhidos em pouco menos de 1 900 telas nos Estados Unidos, e tornou-se, instantaneamente, a terceira melhor estréia de um filme independente no país, só perdendo para dois outros lançamentos da New Line, os da série *Tartarugas Ninja*. Não que o *imbroglio* sócio-roteirístico-político fosse necessário para o sucesso inicial do filme. A marca Freddy Krueger já era forte o bastante para ter gerado 300 milhões de dólares desde 1984 entre bilhetes vendidos e merchandising variado (máscaras, luvas, camisas, posters, bonecos) sem a ajuda da prefeitura de Los Angeles. E o novo filme trazia atrativos e chamarizes próprios: aos convertidos, a série oferecia a chave para a maldade do vilão, a raiz do seu império do terror. E para o público em geral, *Freddy's Dead* acenava com um "novo" sistema de 3D, aplicado aos quinze minutos finais do filme, as cenas climáticas em que Freddy é derrotado e mergulha em seu próprio sono eterno.

Deu certo, a estratégia de marketing; em 24 dias de exibição, *Freddy's Dead* rendeu 30 milhões de dólares. Nada mau para um "presunto". Mas valeu a pena tanta gente ver o filme?

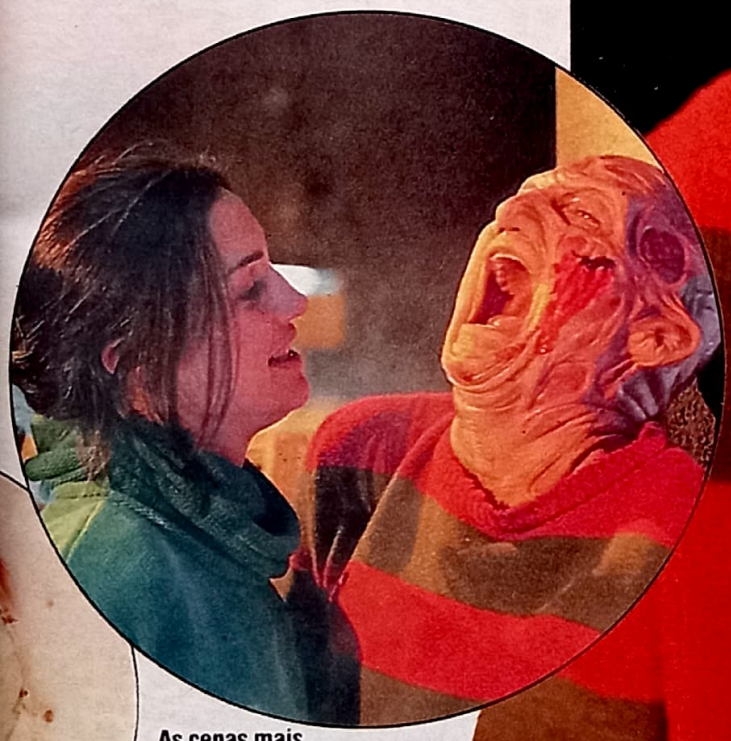
Dirigido pela estreante *Rachel Talalay* — produtora de John Waters em *Hairspray* e *Cry-Baby* —, esta lápide em celulóide vem recebendo mais pedradas do que elogios. Para cada co-

Fotos Paris

mentário favorável às *cameos* (aparições "surpresa" na tela, geralmente sem crédito) célebres (Alice Cooper, como papai Krueger; a gorducha Roseanne Barr, como neurótica estéril; Johnny Depp, que estreou no cinema no primeiro *A Nightmare on Elm Street*, aqui o porta-voz de uma campanha antidrogas na TV) vem o dobro de vituperações condenando um roteiro subnutrido, efeitos especiais ultramanjados e uma falta de imaginação que beira o absoluto.

Seja como for, *Freddy's Dead* conta uma história. Agora, Springwood, Ohio, é uma cidade desprovida de adolescentes, todos mortos por Freddy enquanto dormiam e sonhavam. Sobrou um apenas, John (Shon Greenblat), a quem Freddy impõe a missão de viajar em busca de almas fresquinhas. Após ter conhecido uma assistente social que tratou de sua crise de "amnésia", Maggie (Lisa Zane), John retorna à cidade com ela e um grupo de adolescentes, todos intrigados com um mesmo sonho que costumam ter e que parece ligado ao lugar para onde vão.

Como nos filmes anteriores da sé-



As cenas mais emocionantes de *A Morte de Freddy* revelam o infeliz acossado por seus algozes. Ao lado, uma rara vítima neste último episódio

rie, Freddy ataca suas vítimas enquanto elas sonham, e dessa vez o recurso rende, no mínimo, uma sacada genial: Krueger "aprisiona" um dos meninos num videogame e começa a "jogar" com ele. O truque do ataque em sonhos, porém, é batido demais para causar mais alguma surpresa. E, como o aspecto humorístico de Freddy acaba prevalencendo, o que era para causar sustos nunca sai da paródia.

E mesmo que *Freddy's Dead* feche a tampa meio que encerrando o assunto — além do personagem principal ser finalmente eliminado, descobre-se a causa da maldade e a origem dos poderes de Freddy, filho de um pai tão psicótico quanto ele (Alice Cooper!!), e pai de uma filha que lhe foi roubada ainda criança, e com quem ele se defronta dez anos mais tarde —, o fim deste reinado de horror/humor não deixa de ser anticlimático, sensação amplificada pela montagem final, exibida junto com os créditos, na qual são mostrados os melhores (e como eram melhores...) momentos de toda a série.

Derradeiro aviso aos navegantes: o "3D" que os produtores rebatizaram "Freddy Vision" tem muito pouco a ver com o 3D verdadeiro. Trata-se, na verdade, de um sistema de rendimento mais primitivo, com as imagens "transcodificadas" para feixes de somente duas cores, verde e vermelho, as mesmas do blusão de Freddy.

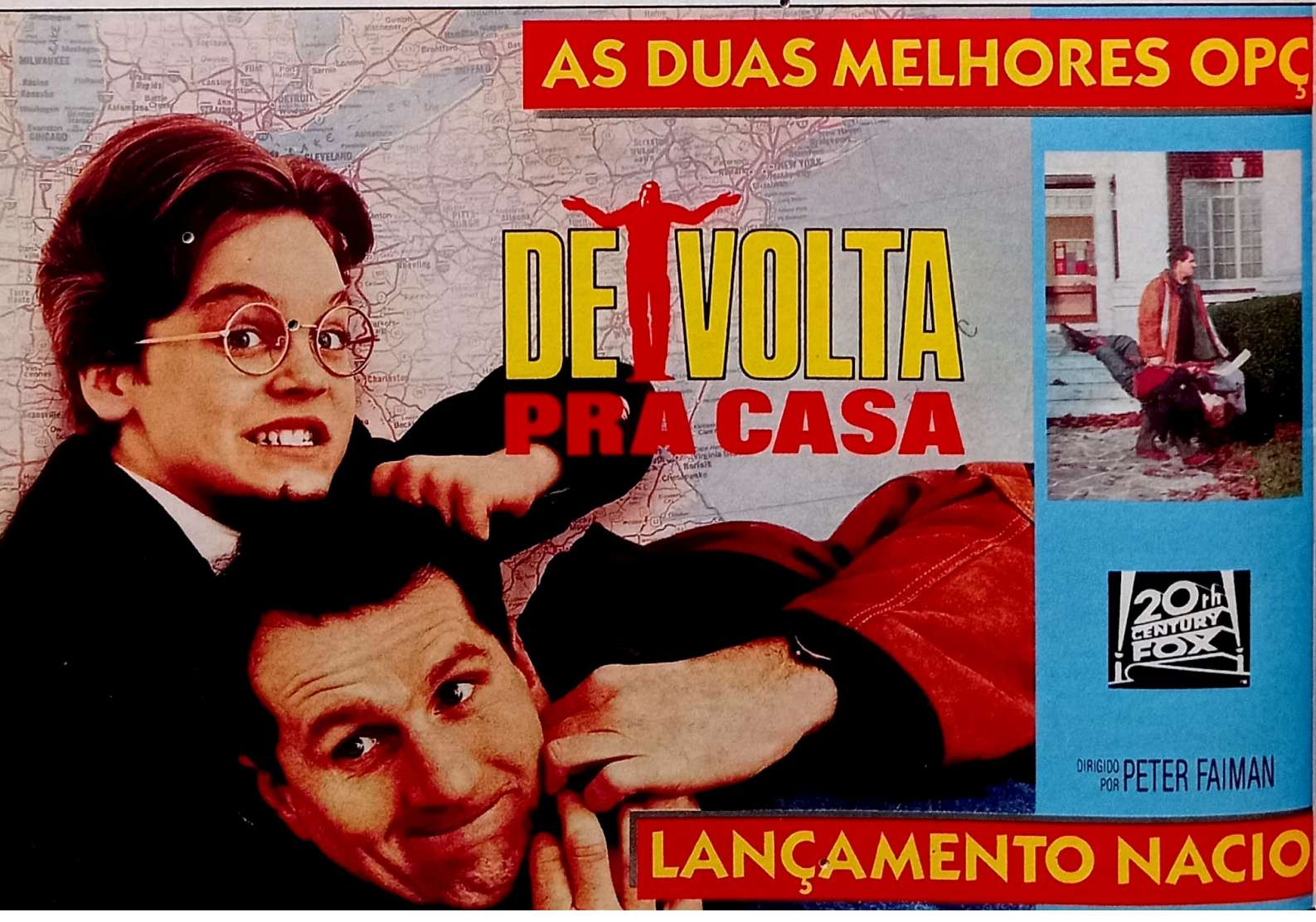
José Emílio Rondeau, de Los Angeles

SET

COMADRES DE MANICURE

Edward, Mãos de Tesoura

Fox



A HISTÓRIA DE FREDDY KRUEGER

1 Freddy regular
2 Freddy bom
3 Freddy ótimo

Freddy

Foram seis *Hora do Pesadelo*. Veja quais foram os melhores e os mais sangrentos

A HORA DO PESADELO *(A Nightmare on Elm Street, EUA, 1985) Direção: Wes Craven. Com John Saxon, Heather Langenkamp, Robert Englund.* Abril Vídeo.
Tudo começa aqui. Uma garota (Heather) tem pesadelos mortais com Freddy. Sua mãe então lhe conta que ele matou algumas crianças, e que os pais fizeram justiça com as próprias mãos queimando-o até a morte. Destaque para a espanto-erótica seqüência em que a garota está tomando banho de banheira e a garra de Freddy aparece entre suas pernas. Wes Craven fez a melhor obra da série. Depois, perdeu os direitos e inventou o rival *Shocker*, que não deu certo.

A HORA DO PESADELO 2 *(A Nightmare on Elm Street 2: Freddy's Revenge, EUA, 1985) Direção: Jack Sholder. Com Mark Patton, Robert Englund.* Warner.
Um garoto (Patton) é obrigado a fazer um pacto com Freddy num pesadelo: matar sob o controle remoto do assassino. Este episódio é um tanto medíocre, mas vale pelas cenas em que o menino se debate histericamente, como o personagem de *O Médico e o Monstro.*

A HORA DO PESADELO 3 *(A Nightmare on Elm Street 3: The Dream Warriors, EUA, 1987) Direção: Chuck Russell. Com Heather Langenkamp, Craig Wasson, Robert Englund.* Warner.
Este é o segundo melhor filme da série. A garota do primeiro *Pesadelo* (Heather) aparece como psicóloga e trata alguns adolescentes num sanatório. O melhor efeito: quando Freddy vira gigante e faz de um *kid* uma marionete, descarnando seus músculos em filetes. Sabe-se aqui que a mãe de Freddy era freira.

A HORA DO PESADELO 4 *(A Nightmare on Elm Street 4: The Dream Master, EUA, 1988) Direção: Renny Harlin. Com Lisa Wilcox, Robert Englund.* Sem versão em vídeo.
Falta argumento neste episódio. Mas os efeitos especiais melhoram a cada filme; como a pizza com cabecinhas de guris; o garoto assombrado num ferro-velho por carros fantasmas; ou a garota que vira uma barata.

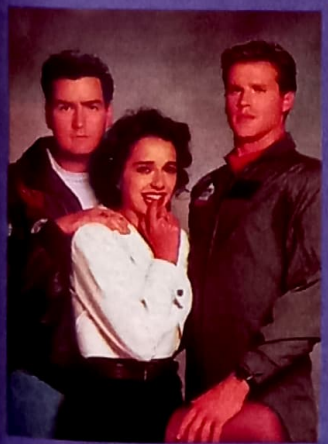
A HORA DO PEDADELO 5 *(A Nightmare on Elm Street 5: The Dream Child, EUA, 1989) Direção: Stephen Hopkins. Com Lisa Wilcox, Robert Englund.* Alvorada.
Uma garota (Lisa) está grávida e Freddy a atormenta. Ela descobre que o malfeitor teve mãe freira, Amanda, que foi estuprada por dezenas de loucos num manicômio. Cenografia de primeira — atenção para o manicômio tipo castelo e uma seqüência num labirinto de escadas.

Walter de Silva

ÕES PARA AS SUAS FÉRIAS

20th CENTURY FOX

DIRIGIDO POR JIM ABRAHAMS



NAL 20 DE DEZEMBRO

Natal Trash

Como o Natal de 91 não está para brincadeiras, nós providenciamos uma seleção de vídeo que é o antônimo do velho espírito natalino, aquele que junta o nascimento de Jesus Cristo na manjedoura com o badalar incessante dos sinos, Papai Noel (no qual, claro, nós não acreditamos, mas o nosso editor jura que pede esmolas vestido a caráter diante do seu edifício), presentes que se dá e que se recebe, ceias nababescas, especial de Roberto Carlos, árvore enfeitada. Lembra?

Enfim, para um Natal que este ano está francamente trash, nada mais adequado para acalmar os nervos que os vídeos que se seguem. Neles, Papai Noel está a cara dos nossos dias.

por Cesar Garcia Lima

Em *Natal Sangrento*, Papai Noel, em vez de presentes, distribui machadadas

Look

NATAL SANGRENTO
(Silent Night, Deadly Night, EUA, 1985) Direção: Charles E. Sellier Jr. Com Lilyan Chauvin, Gilmer McCormick, Toni Nero. Look.
No Natal de 1971, o garoto Billy vê um homem vestido de Papai Noel matar seus pais. Depois, já adulto e recém-saído de um orfanato, ele mesmo distribui presentes com um machado... Tire as crianças da sala e aumente o som.

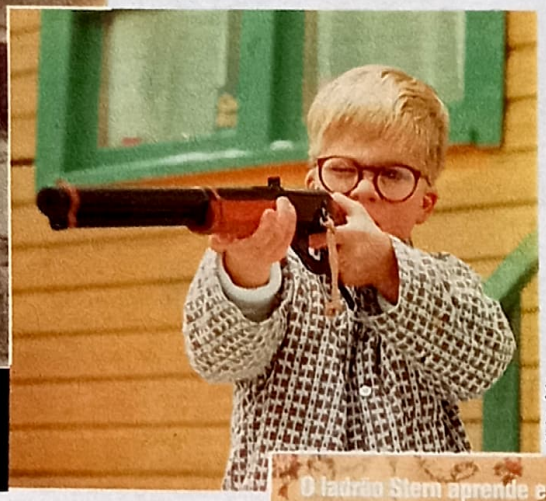
NATAL SANGRENTO — RETORNO MACABRO PARTE 2
(Silent Night, Deadly Night — Part 2, EUA, 1987) Direção: Lee Harry. Com Eric Freeman, James L. Newman. Look.
Aqui, quem dá uma de Papai Noel assassino é Ricky, irmão do Billy da primeira história da série. Ele relembra toda sua saga para um psiquiatra, que sua frio ao saber das suas agitações de dezembro, quando Ricky castiga os pecadores.

UMA HISTÓRIA DE NATAL
(A Christmas Story, EUA, 1983) Direção: Bob Clark. Com Peter Billingsley, Mellinda Dillon, Darren McGavin. Vídeo Arte.
O gorducho Ralph (Billingsley), 12 anos, sofre as agruras de uma criança que quer ganhar uma espingarda de chumbo no Natal. Só precisa convencer os pais de que não vai dar um tiro no olho... Conheça seus métodos nem um pouco seguros, mas eficientes.

PARCEIRO DO SILÊNCIO
(The Silent Partner, Canadá, 1978) Direção: Daryl Duke. Com Elliott Gould,

Warner

Gremlin natalino para arrasar enfeites e perus



Vídeo Arte

O bom velhinho assalta bancos em *Parceiro...*, e para *Uma História...* um garoto franco-atirador

Christopher Plummer, Susannah York, John Candy. Transvídeo.
Papai Noel aqui é assaltante. Plummer disfarça-se como o velhinho para afanar um banco, mas o caixa, Gould, percebe e esconde a grana.
Só ver o velho batuta de arma em punho neste bom thriller vale o aluguel.

GREMLINS
(EUA, 1984) Direção: Joe Dante. Com Zach Galligan, Phoebe Cates, Hoyt Axton. CIC.
Fábula de encanto de terror sobre um bichinho sagrado, o mogwai, que o pacato Billy (Zach Galligan) ganhà do pai de Natal. Mas o rapaz não está preparado filosoficamente para tê-lo, e o tal animal gera monstrinhos que espatifam muito mais do que os enfeites.

ESQUECERAM DE MIM
(Home Alone, EUA, 1990) Direção: Chris Columbus. Com Macaulay Culkin, Joe Pesci, Daniel Stern. Abril Vídeo.
O roteirista de *Gremlins* dirige aqui sua história natalina. Kevin (Culkin) é o pivete endiabrado que a família "esquece" em casa quando vai passar as festas na França. Por isso ele tem de lutar sozinho — mas nem um pouco sem recursos para isso — contra dois ladrões. Pobres ladrões.

NOITE DO SILÊNCIO
(Silent Night, Deadly Night III, EUA, 1989) Direção: Monte Hellman. Com Robert Culp, Richard Beymer, Samantha Scully. Jovem Pan Home Video.
A vantagem da série *Natal Sangrento* é que você pode assistir a qualquer filme em separado. Desta vez, a linda cega Laura, também vidente, recebe as vibrações do matador Ricky. Um doutor pirado (Beymer, de *Twin Peaks*) usa a moça em experiências *à la* Frankenstein e outras árvores de Natal são espatifadas.

INVASÃO U.S.A.
(Invasion U.S.A., EUA, 1985) Direção: Joseph Zito. Com Chuck Norris, Richard Lynch, Melissa Prophet. América.
Mais trash impossível. O brutamontes Norris é Matt "Hunter", um justiceiro que ajuda a polícia de Miami a deter uma invasão russa que toma de assalto a cidade e não poupa nenhuma estrela de Natal. E o ódio ao consumismo transforma presentes em bombas.

HISTÓRIAS MARAVILHOSAS VII
(Amazing Stories VII, EUA, 1985) Episódio "Uma Noite Surpreendente". Direção: Phil Joanou. Com Douglas Seale, Pat Hingle. CIC.
Papai Noel sofre. Além de trabalhar no Natal, aqui ele é confundido com os trapaceiros de ocasião, indo parar na cadeia. A história é do eterno garotão Steven Spielberg.

O ladrão Stern aprende em *Esqueceram de Mim* que árvores enfeitadas têm mil utilidades

Fox

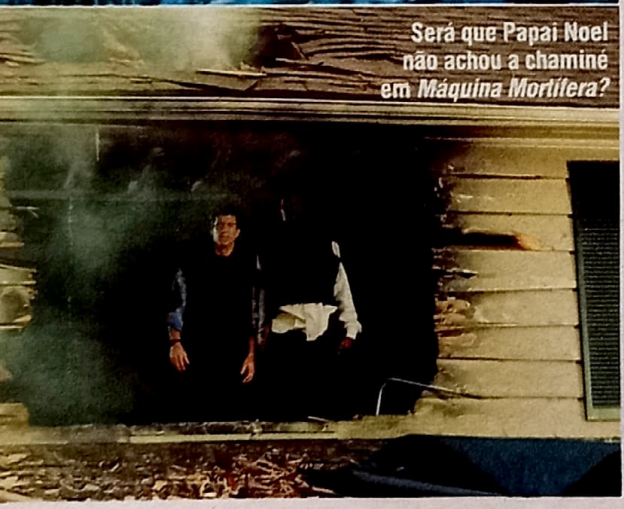
Fox

UIP

Para Kathleen e Douglas, em *A Guerra dos Roses*, e Murray, em *Os Fantasmas...*, não há época melhor para colocar as diferenças em dia

"Bonecos de neve" terroristas de *Duro de Matar 2*

Fox



Será que Papai Noel não achou a chaminé em *Máquina Mortífera?*

Warner

DURO DE MATAR
(Die Hard, EUA, 1988) Direção: John McTiernan. Com Bruce Willis, Alexander Godunov, Bonnie Bedelia. Abril Vídeo.
O policial nova-iorquino John McClane (Willis) não tem sorte com o Natal. Quando reencontra a esposa para a festa, em Los Angeles, dá de cara com um grupo de bandidos. E sem estar vestido para a ocasião...

DURO DE MATAR 2
(Die Hard 2, EUA, 1990) Direção: Renny Harlin. Com Bruce Willis, Bonnie Bedelia, William Atherton. Abril Vídeo.
McClane, desta vez, tenta cantar "Jingle Bells" em Washington, com a mulher, filhos e sogra. O avião da esposa, no entanto, está ameaçado por terroristas que tomaram o aeroporto. O detetive faz o diabo para preservar a ceia da noite.

MÁQUINA MORTÍFERA
(Lethal Weapon, EUA, 1987) Direção: Richard Donner. Com Mel Gibson, Danny Glover. Warner.
Martin Riggs (Gibson) é o policial kamikaze designado para trabalhar junto com o pacato Roger Murtaugh (Glover). Logo fica claro que Riggs não veio apenas para "filar" a ceia da família, mas também para desbaratar uma rede de tráfico de heroína. Tiros certeiros para agitar qualquer festa.

OS FANTASMAS CONTRA-ATACAM
(Scrooged, EUA, 1988) Direção: Richard Donner. Com Bill Murray, Karen Allen, John Forsythe. CIC.
O executivo de TV Frank Cross (Murray) é tão insensível ao espírito natalino que até os fantasmas vêm do Além para amolecer seu coração. Baseado no *Conto de Natal* de Charles Dickens, é uma adaptação irreverente de um clássico.

LENDAS DO ALÉM-TÚMULO
(Tales from the Cript, EUA, 1989) Episódio "E Tudo em Casa". Direção: Robert Zemeckis. Com Mary Ellen Trainor, Larry Drake. CIC.
É preciso mais do que uma oração para deter a fúria de uma mulher que mata o namorado no dia do nascimento de Cristo. Mas um Papai Noel de manicômio chega com um machado afiado em punho!

A GUERRA DOS ROSES
(The War of the Roses, EUA, 1989) Direção: Danny DeVito. Com Michael Douglas, Kathleen Turner. Abril Vídeo.
Douglas e Kathleen são o casal que, depois de anos trocando presentes embaixo da árvore de Natal, decide separar seus pares de meia. Nenhum deles quer abrir mão da mansão onde moram e travam uma batalha no local, que não deixa inteiro nem o lustre da sala. Infeliz Natal.

O NATAL MALUCO DE ERNEST
(Ernest Saves Christmas, EUA, 1988) Direção: John Cherry. Com Jim Varney, Douglas Seale, Oliver Clark. Abril Vídeo.
Papai Noel é boa gente, mas não tem muita noção da vida em sociedade. Por isso acaba passando por maluco ao procurar um substituto nos EUA. O atrapalhado Ernest (Jim Varney) tenta ajudar mas, claro, faz alguns estragos.

OPERAÇÃO FRANÇA
(French Connection, EUA, 1971) Direção: William Friedkin. Com Gene Hackman, Fernando Rey, Roy Scheider. Abril Vídeo.
Gene Hackman tem as bochechas ideais para bancar o Papai Noel nesta história. Disfarçado como tal, ele é o detetive Doyle, da polícia de Nova York, que junto com seu colega Russo (Scheider) fareja uma pesada carga de drogas, vinda da França.

TROCANDO AS BOLAS
(Trading Places, EUA, 1983) Direção: John Landis. Com Dan Aykroyd, Eddie Murphy, Ralph Bellamy. CIC.
A velha história do príncipe e o mendigo tem aqui sua versão plebéia. Aykroyd é o rico e Murphy faz o pobre. Por obra e graça de dois milionários, eles trocam de lugar e se envolvem em mil trapalhadas para saber se o que conta em termos de honestidade é a hereditariedade ou a má-formação. Os sinos tilintam de cinismo.

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Redator-Chefe: Carlos Volpato
Redação: Deborah Peleias (editora-assistente), Dilson Pedro Gomes (editor-executivo), Walter de Silva
Produtor Gráfico: Marcelo de Castro
Editor de Arte: Michel Spitale
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Diagramador: Izaú Norbertino
Colaboradores: Texto - Alex Antunes, Antonio Querino Neto, Cesar Garcia Lima, Christian Petermann, Fátima Gigliotti, José Geraldo Couto, Lorena Calabria, Marcelo Bernardes, Paulo Capuzzo, Ricardo Cota, Thomas Pappon. **Arte** - Jair Farias, Renata Borges Soares. **Atendimento ao Leitor** - Jean Pierre Verdaguer. **Fotografia** - Rui Mendes, Ivan Carneiro. **Revisão e Preparação de Textos** - Marcos Antonio Gimenes

PUBLICIDADE

Diretor: Romeu Andreatta Filho
Supervisora: Rosangela Cassilio
SP-Contatos: Ana Maria S. T. Lobo, Carlos Byron Rodrigues
RJ-Contato: Mônica Campos
Coordenador: José Soares A. Santos

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Fábio Bueno

EDITORA AZUL

PUBLICIDADE
Diretor Geral: Carlos Alberto Araújo
Diretor do Rio de Janeiro: Eduardo Rosa
SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press-Gerente: Benjamim S. Gonçalves
Estúdio Fotográfico-Gerente: Fábio Cabral
Abril Press-Gerente: Judith Baroni
Departamento de Documentação-Gerente: Suzana Camargo
Correspondentes (Los Angeles): Ana Maria Bahiana, José Emilio Rondeau
Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479, tel.: (011) 211-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389, Telex:(011) 83178, Fax: (011) 813-9115. Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. Marechal Câmara, 160 - 15.º andar, S/ 1533/34, CEP 20020, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 36890, Fax: (021) 532-1486, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com as disposições legais em vigor sobre a matéria. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. Circulação desta revista: **dezembro/91. Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao assinante:** tel.: (011) 823-9222.

ANER IVC

Fotolito: Repro S.A. Estúdio Gráfico
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

SET CINEMA & VÍDEO

SERVIÇO AO ASSINANTE, ÀS SUAS ORDENS.

Você conta com um Serviço de Atendimento pronto a resolver dúvidas e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Porque a sua satisfação é o nosso compromisso maior.

Se ocorrer algo que esteja em desacordo com esse compromisso, por favor, entre imediatamente em contato conosco por carta ou pelos telefones abaixo, fornecendo seu código de assinante, que você encontra na etiqueta da sua revista.

Estamos à sua disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

Como falar conosco

Escreva para:

EDITORA AZUL

Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Se preferir, telefone das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Porto Alegre - Tel. (0512) 33-9034
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina.
Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

SET-54

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.

Nome _____

Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ Tel. _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço: _____

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FLUIR
Surf

BODYBOARD
Bodyboard

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

HORÓSCOPO
Astrologia - Esoterismo

SET
Cinema e Vídeo

SET-1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

AÇÃO GAMES
O Mundos dos Games

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANÁRIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Música Sertaneja

FAMA
Música e Ídolos

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo
Redação, Publicidade e Correspondência: av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479. TEL.: (011) 211-7866. Telegramas: Editabril/Abrilpress

Rio de Janeiro
Rua Marechal Câmara, 160 - 15.º andar, s/ 1533/34, CEP 20020, tel.: (021) 546-8282. Telex: (021) 36890, Fax: (021) 532-1486.

Los Angeles (EUA)
1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077. Phone: (213)474-7851

Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Phone: (001212) 557-5990/5993. Telex (00) 237670. FAX: (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18. Telex (0042) 660731 ABRILPA. FAX: (00331) 42.66.13.99

PUBLICIDADE

Brasília-DF: Espaço Com. Integrada e Cons. Ltda. Fones: (061) 223-2134/226-3644 (FAX)
Belo Horizonte: M.A.M. Public. e Repres. Ltda. Toda Mídia, rua Timbiras, 1560, cj. 1905, Ed. City Center, CEP 30140. Fone: (031) 222-5594
Região Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502, cj. 206, CEP 90060. Fone: (0512) 23-9528, Porto Alegre - RS; (0482) 44-8224 Florianópolis - SC; (041) 234-0439, Curitiba PR
Norte/Nordeste: Toda-Mídia Representações Ltda. Fones: (081) 465-1883 e 465-1856 FAX - PE

Vídeo — Do Prático ao Agradável

O videocassete pode ser um dos amigos mais fiéis do homem. Então, escolha um dos três e bom divertimento

Sharp

O NACIONAL ESTÉREO

A Sharp aposta no mercado nacional de videocassete hi-fi estéreo lançando o modelo VC-1199B, que substitui o anterior VC-H857B. A grande novidade desse modelo é seu design compacto, com os comandos embutidos na porta do controle. O sistema hi-fi utiliza, além dos cabeçotes fixos de áudio, dois cabeçotes rotativos, que melhoram a qualidade de som nas gravações, resultando numa trilha sonora mais nítida e fiel. Outro recurso técnico interessante é o sistema de limpeza automática de cabeças, ativado cada vez que se coloca uma fita nos modos *play* e *rec*.

SIMPLICIDADE E EFICIÊNCIA

Se o que o videófilo gosta é de qualidade por um preço acessível, o videocassete GV-50/4 da Gradiente é perfeito. As quatro cabeças do GV-50/4 permitem uma boa resolução de imagem, efeitos especiais de congelamento, câmera lenta e avanço quadro a quadro com imagens livres de interferências. O recurso de *controle picture* permite melhorar sensivelmente a nitidez da imagem de uma fita que esteja desgastada. O GV-50/4 também faz a seleção automática de 155 canais em VHF, UHF e a Cabo.

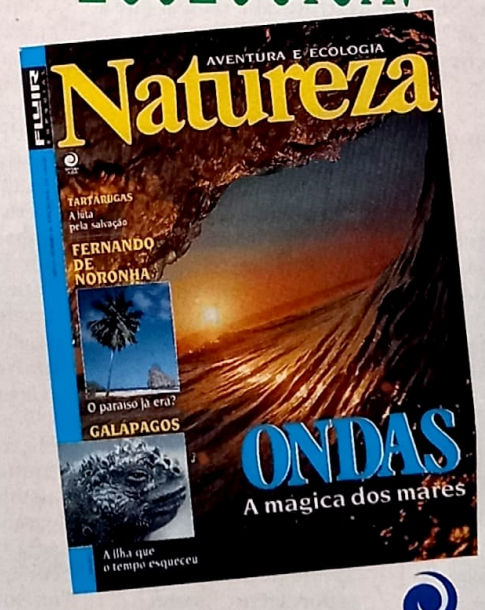
Gradiente

MÃOS LIVRES

Para quem odeia ter de manipular dois controles, um do vídeo, outro da TV, a empresa japonesa JVC achou a solução: o videocassete HR-D671M tem controle remoto unificado para TV/vídeo, que comanda outras marcas de televisores. Através de um código de acesso (números

estipulados pelo fabricante), podem-se controlar as funções básicas do televisor, como mudança de canais, liga/desliga e volume. No entanto, esse controle remoto só funciona com aparelhos importados ou da Gradiente, que utiliza a tecnologia JVC. Outros recursos técnicos são seleção automática de voltagem, limpeza automática das cabeças e contador de tempo real da fita.

NO RIO DE JANEIRO
EQUIPAMENTOS DE VÍDEO
L.F.Queiroz
REVENDEDOR AUTORIZADO
TECNOVIDEO
"O MELHOR TRANSCODER EXTERNO"
TUDO P/ VÍDEO
• Transcoder BR 6100 (p/ Camcorder e Nintendo)
• Transcoder 3240 (Vídeo Convencional)
• Transcoder BR 8000 (Vídeo Digital)
• Transcoder G 2300 (p/ Câmeras Européias)
• Transcoder BR 5000 (p/ Antenas Parabólicas)
• Vídeo Selector
• Legendadora VEG 8000 Plus (c/ Efeitos)
• Legendadora TMS VET 30 (16 Cores)
• Detailer TMS
• Procamp TMS
• Simulador Estéreo TMS
• Vídeo Booster TMS
• Refletor 300W
• Refletor a Bateria
• Refletor 650W Turbo
• Fonte p/ Câmera (10 pinos)
• Carregador de Bateria
• Fitas
• Tripé p/ Câmera
• Super Duper Ambico
• Cabo RCA Ouro
• Cabo RF
• Baloom
• Ombreira p/ Câmera
• Vídeo Arte (Cria Efeitos Digitais)
• Tripé p/ Iluminação
• Áudio Mixer (Misturador de Áudio)
• Bolsas p/ Camcorder
• Lentes de Efeito
• Bateria p/ Camcorder
• Manuais em Português (Vídeo e Camcorder)
• Copy Box
Remetemos p/ todo o Brasil Via Sedex
OS MELHORES PREÇOS DO MERCADO
R. Alvaro Alvim, 37 - Grupo 1427 - RJ
Tels: (021) 262-8197/262-5746/240-5259
Fax: (021) 262-7683 - Pronta Entrega (a domicílio)

ENTRE NA ONDA ECOLÓGICA.


NAS BANCAS
EDITORA AZUL

Vidivision VÍDEO
Compra ★ Venda ★ Troca
de vídeo e câmeras • Novos e usados
Assistência Técnica
altamente especializada • acessórios em geral
Fone: 64-9693/280-1032 — R. dos Pinheiros, 262

CASA DO VÍDEO
VÍDEOS E CÂMERAS
COMPRA ★ VENDA ★ TROCA
NOVOS E USADOS
ÚLTIMOS MODELOS J48BR - JVC671 - PV704 - PV750
R. Bartira, 1471 - Perdizes - 62-1874/263-7765

MERCADO DO VÍDEO
COMPRA VENDA TROCA
vídeos e câmeras
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
TRANSCODIFICAMOS FITAS
do sistema europeu p/ nosso sistema
AV. PAVÃO, 690 - MOEMA
FONE: 533-3290/533-5909

IRIS VIDEO
R. AURORA, 291 - 1.º A.
S/11 - STA. EFIGÊNIA
FONE: (011) 222-7063
Gerador de carcteres *VEG 800*
Com 3 funções, caracteres, efeitos e logotipos.
TRANSCORDER TR 3100
ACESSÓRIOS: Cabos RF, Cabos Gold, Fitas VHS, Fitas SVHS e muito mais. Confira.
AV PROCESSOR - Efeitos: Posterizer, Solarizer e Mosaico - Áudio com 3 saídas.

REVISTA
SET
CINEMA & VÍDEO
PARA ANUNCIAR
LIGUE
(011)2117866
RAMAIS
224 a 228

Novo Visual de SET

O Apoio dos Leitores

SET provou que é a melhor com a evolução nota 10 da edição n.º 10, ano 5. Todas as seções estão como manda a arte cinematográfica, e SET soube aumentar a qualidade das informações, e com fotos brilhantes. Realmente, a nova imagem da revista está 100%.
Jadir Marcos C. Silva
(Recife — PE)

SET n.º 10, ano 5, está demais! Parabéns pela nova fórmula.
Giselle Fontes Silva
(Colina — SP)

Quero expressar meus parabéns a toda a equipe de SET, a qual com o novo projeto gráfico (n.º 10, ano 5) provou ser a melhor revista de cinema e vídeo.
Enio Roberto Leal
(São Paulo — SP)

Como leitora assídua de SET desde o seu lançamento, quero parabenizar toda sua equipe pela nova imagem da revista (n.º 10, ano 5). A capa está demais, e fiquei surpresa com o capricho no visual.
Suzana Moura Castro
(São Paulo — SP)

Parabéns à revista SET pelo seu novo visual (n.º 10, ano 5). SET continua moderna e dinâmica.
Francisco Camilo D. Oliveira
(Leme — SP)

Depois de ensaiar várias vezes, finalmente encontro palavras e motivos para escrever à tão especial publicação. Embora tenha gostado muito da reestruturação da revista (n.º 10, ano 5), lamento que não haja mais a seção Mito.
Adilson Aparecido Faboci
(São Bernardo do Campo — SP)

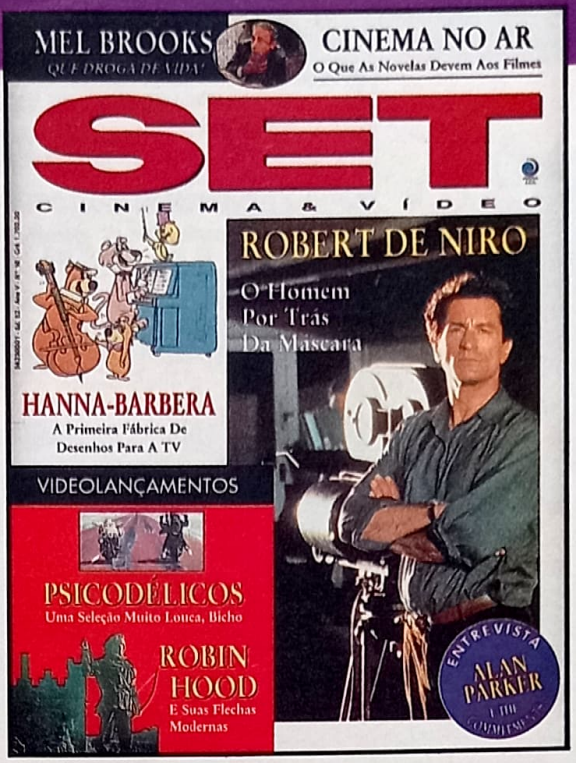
Realmente a equipe de SET caprichou no novo visual da revista. Vocês estão de parabéns.
Carlos Antônio Vasconcelos Loiola
(Fortaleza — CE)

Acostumado com o formato "clássico" de SET, confesso que recebi com bastante surpresa as mudanças efetivadas na edição n.º 10, ano 5. O ponto positivo na nova revista é no sentido da seção Videolançamentos, que ganhou mais agilidade e atualidade. Parabenizo SET pelo espaço reservado ao filme *A Grande Arte*, de Walter Salles Junior. Contudo, protesto contra o desaparecimento das seções Filmoteca, Mito e Tempos Modernos.
Marcelo Cairo Burity
(Salvador — BA)

Sensacional! Maravilhosa! Obra-prima! Essas são as palavras que vieram à minha cabeça ao ver a nova SET (n.º 10, ano 5) nas bancas. Confesso que fiquei surpreso, pois a princípio achei tratar-se de uma edição especial. Ao comprá-la, percebi uma evolução inesperada para os padrões atuais das revistas brasileiras, confirmando que SET não fica a dever às grandes publicações internacionais de cinema.
Francisco de Assis da Silva
(Recife — PE)

Parabenizamos o editor de SET pela nova imagem da revista. Lamentamos, contudo, a falta da seção Parada, com os filmes mais alugados e mais selados.
Arildo Feltrin Junior e Isabel Cristina de Lima
(Mafra — SC)

Informo meu espanto ao receber a SET n.º 10, ano 5, pelo correio. Só de olhar a capa já deu para notar a



metamorfose que a revista sofreu. Imediatamente, peguei a edição anterior para fazer uma comparação. E melhorou! É pena que o logotipo tenha mudado, pois eu o achava muito original. Inevitavelmente comparei a nova revista com a edição n.º 1, ano 1, e notei uma certa "volta às origens".
Giuseppe Giovanni Massimo Gozzi
(São Bernardo do Campo — SP)

Parabenizo SET pela fascinante mudança estrutural e radical que a revista sofreu em sua edição n.º 10, ano 5.
Charles Pierre de Souza Siqueira
(Belo Horizonte — MG)

Parabéns pela nova imagem de SET (n.º 10, ano 5). Isso só comprova que a revista vem evoluindo.
Fernando Kaliniewicz
(Canoas — RS)

É com muito prazer que parabenizo a equipe de SET pelas mudanças ocorridas nesta revista (n.º 10, ano 5). Adorei a cara nova de Takes, com fotos grandes, e a nova apresentação das reportagens. Gostei também da seleção de vídeos psicodélicos. Para finalizar, espero que SET continue trazendo novas e boas coisas sobre cinema.
Lindalva P. dos Santos
(São Vicente — SP)

O visual! Wow Men!! Parece revista americana. Adorei o novo visual de SET (n.º 10, ano 5). A falha: onde foram parar as seções Mito, Filmografia, Parada, Tempos Modernos, Trilhas e Filmoteca?
Marlon Vasconcelos
(Campina Grande — PB)

Confesso que antes não gostava muito de SET, mas a partir da edição n.º 10, ano 5, mudei radicalmente de opinião. SET melhorou 100%. Gostaria de parabenizar ainda Antonio Querino Neto pelo maravilhoso trabalho em "O Homem por Trás da Máscara" e Fátima Gigliotti pela excelente matéria "Cinema no Ar".
Maria de Lourdes Gomes
(Carpina — PE)

Há três meses me enquadrei na lista de assinantes de SET e parabenizo-os e agradeço por me concederem o prazer de ler sobre meu assunto preferido, abordado com maestria e conhecimento de causa. Por esses e outros motivos adorei sua nova imagem, externa e interna (n.º 10, ano 5). Se o conteúdo não ficou mais rico com as mudanças, pelo menos não caiu de nível, o que acontece quando preocupa-se demais com a forma. Vocês acertaram na receita, e acredito que a revista é precisa e perfeita no que lhe tange. Vida longa a todos vocês.
Paulo Henrique
(Alagoa — MG)

SET está de parabéns pela inovação feita (n.º 10, ano 5), desde a capa até seu conteúdo. Isso nos mostra que toda a equipe da revista está pronta para desempenhar um excelente trabalho, oferecendo o que há de melhor para nós leitores.
Rúbio Franco Carvalho
(Jataí — GO)

Parabenizo toda a equipe de SET pela belíssima inovação feita na edição n.º 10, ano 5.
William Messias Lima Pereira
(Joinville — SC)

Como grande aficionado em cinema e vídeo e também como leitor de SET, congratulo toda sua equipe pela nova imagem da revista (n.º 10, ano 5). Fotos maravilhosas, cores vivas — como as do cinema —, nos deixando cada vez mais integrados nessa incrível forma de cultura e lazer.
Eduardo de Souza Santos
(São Paulo — SP)

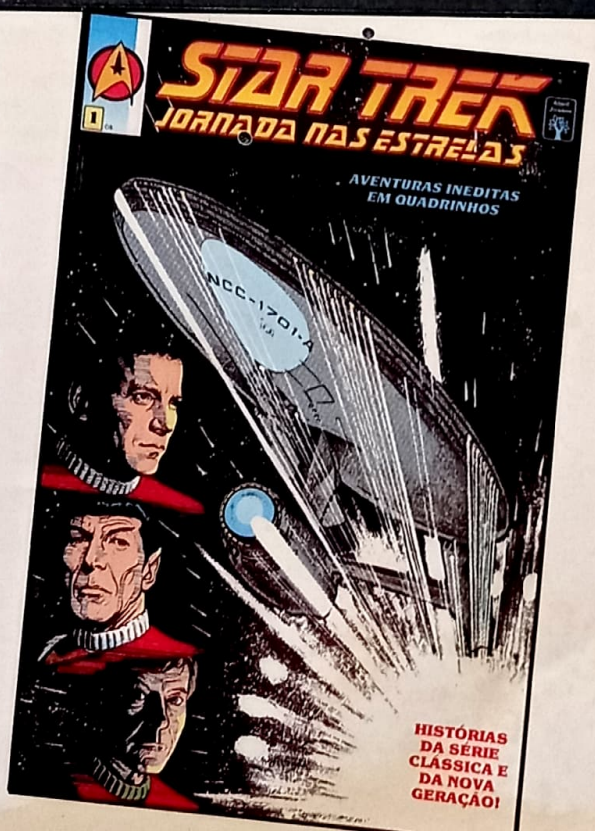
Parabéns à SET pelo novo visual (n.º 10, ano 5). Adorei, a começar pelo novo logotipo (se bem que eu gostava do outro também), que chama muito a atenção, assim como a disposição das fotos. Por dentro, então, nem se fala. A

AGORA EM QUADRINHOS,
A MAIS ESPETACULAR
SÉRIE DE FICÇÃO CIENTÍFICA
DO NOSSO SÉCULO.

© 1991 PARAMOUNT PICTURES.
ALL RIGHTS RESERVED.

STAR TREK
JORNADA NAS ESTRELAS

Em velocidades muito superiores à da luz, você vai se aventurar até os confins do Universo em duas épocas diferentes. No século XXIII, siga ao lado do Capitão Kirk, Sr. Spock e de toda sua incrível tripulação. No século XXIV, suba a bordo de uma nova Enterprise com a Nova Geração: o comandante Jean-Luc Picard, o andróide Data e seus jovens tripulantes. Duas gerações de heróis espaciais. Cada uma delas vivendo suas próprias histórias numa mesma revista. Embarque agora e ultrapasse todas as fronteiras conhecidas.



- NOVA REVISTA MENSAL
- AVENTURAS INÉDITAS NO CINEMA E TV
- FORMATO AMERICANO
- NAS BANCAS

Abril Jovem

R298

PROPORÇÃO DAS IMAGENS, SIMULADA.

MINI-CÂMERA DE VÍDEO VHS COMPACT GR-AX 15 UM

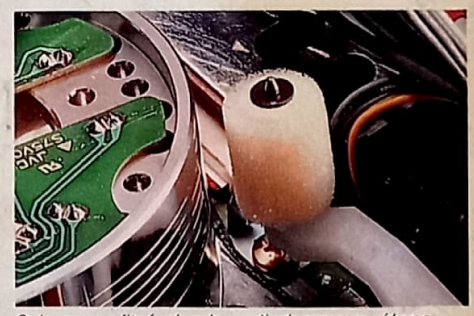
ZOOM 8X MOTORIZADO, AUTO FOCUS COM MACRO AUTOMÁTICO A PARTIR DE 1,5 cm, 1 LUX DE SENSIBILIDADE, LIMPADOR AUTOMÁTICO DE CABEÇAS, TRACKING DIGITAL AUTOMÁTICO

Para quem enxerga longe.

A JVC apresenta a Camcorder para quem faz questão de ir sempre mais longe: GR-AX15 UM . Compacta e leve, a nova câmera JVC dispõe de Lente Zoom Motorizada com ampliação de até 8 vezes, Auto Focus e Macro Automático - nitidez, mesmo nas tomadas à distância ou muito próximas (de 1,5 cm a infinito). Sistema de Ganho de Luminosidade que, ao toque de um botão, amplia a sensibilidade da câmera à luz (até 1 lux), garantindo a qualidade da imagem, mesmo em ambientes de baixa iluminação (ao anoitecer ou no interior de um quarto à meia-luz, por exemplo). Além disso, a GR-AX15 UM conta com Sistema de Limpeza Automática das Cabeças e Tracking Digital Automático.

Agora, se você acha que fomos longe demais, é porque ainda não viu nada: visite nosso show room para conhecer em detalhes, a completa linha JVC e confira como a alta tecnologia anda bem pertinho de você.

GARANTIA 1 UM ANO



Cada vez que a fita é colocada ou retirada nos novos vídeos e câmeras JVC, o sistema Auto-Limpeza das Cabeças é acionado.

HR-D671M - DUAL SYSTEM PAL-M/NTSC, EFEITOS ESPECIAIS E CÂMERA LENTA, LIMPADOR AUTOMÁTICO DE CABEÇAS, PROGRAMAÇÃO COM DUPLA INDICAÇÃO, D.A. 4 HEAD.

HR-D651M - DESIGN AVANÇADO DE DIMENSÕES COMPACTAS, DUAL SYSTEM PAL-M/NTSC, DUAL-SCREEN PROGRAMMING, D.A. 4 HEAD, CÂMERA LENTA E EFEITOS ESPECIAIS, LIMPADOR AUTOMÁTICO DE CABEÇAS.

HR-D941M - STEREO Hi-Fi DE ALTA FIDELIDADE, DUAL SYSTEM PAL-M/NTSC, D.A. 4 HEAD, CENTRO INTELIGENTE DE INFORMAÇÕES, SISTEMA INTELIGENTE DE CONTROLE, SISTEMA INTELIGENTE DE ACESSO, CONTROLE REMOTO COM JOG/SHUTTLE.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA
TECNOVIDEO®
CENTRAL DE VENDAS: (011) 815-9144

JVC®